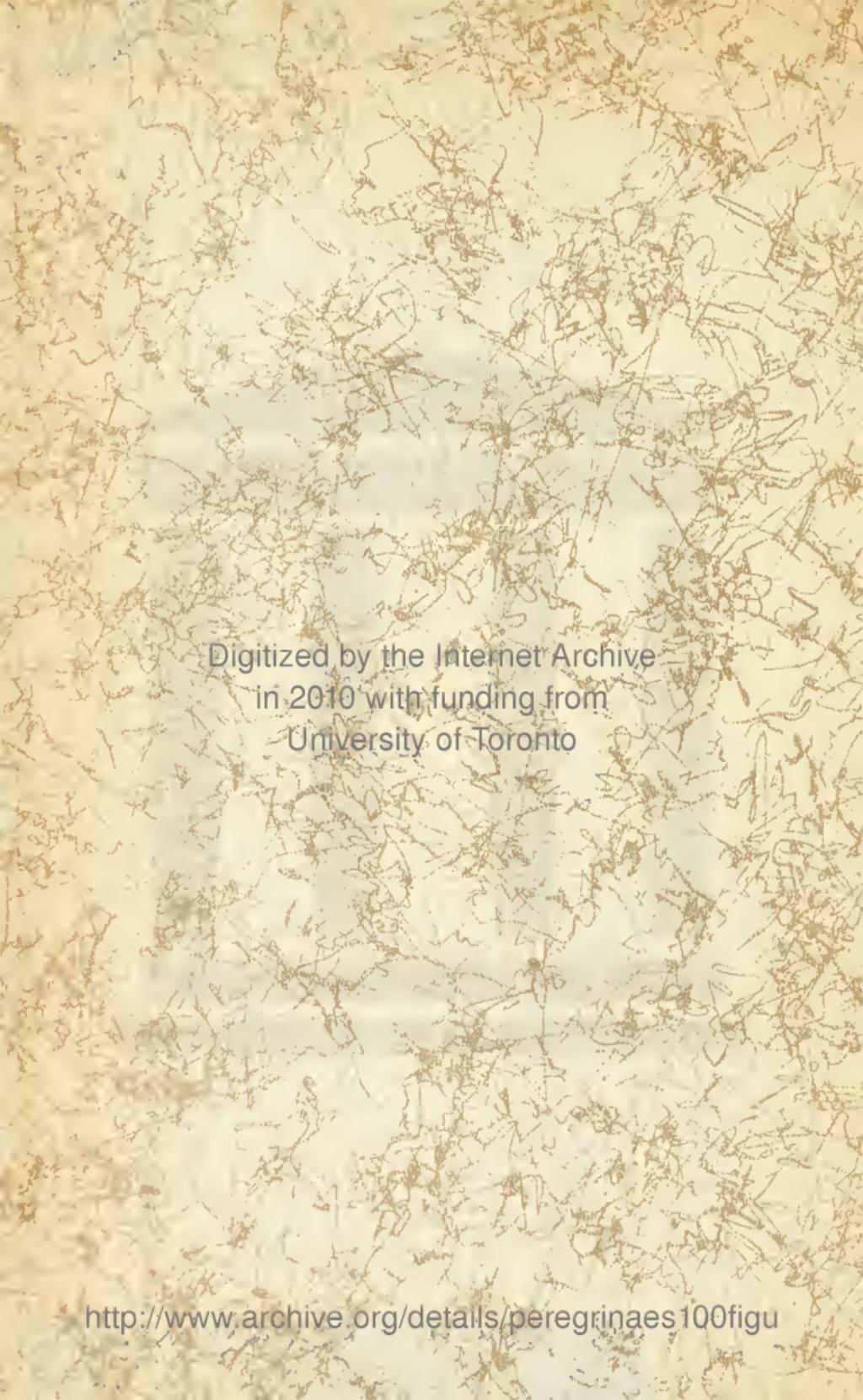
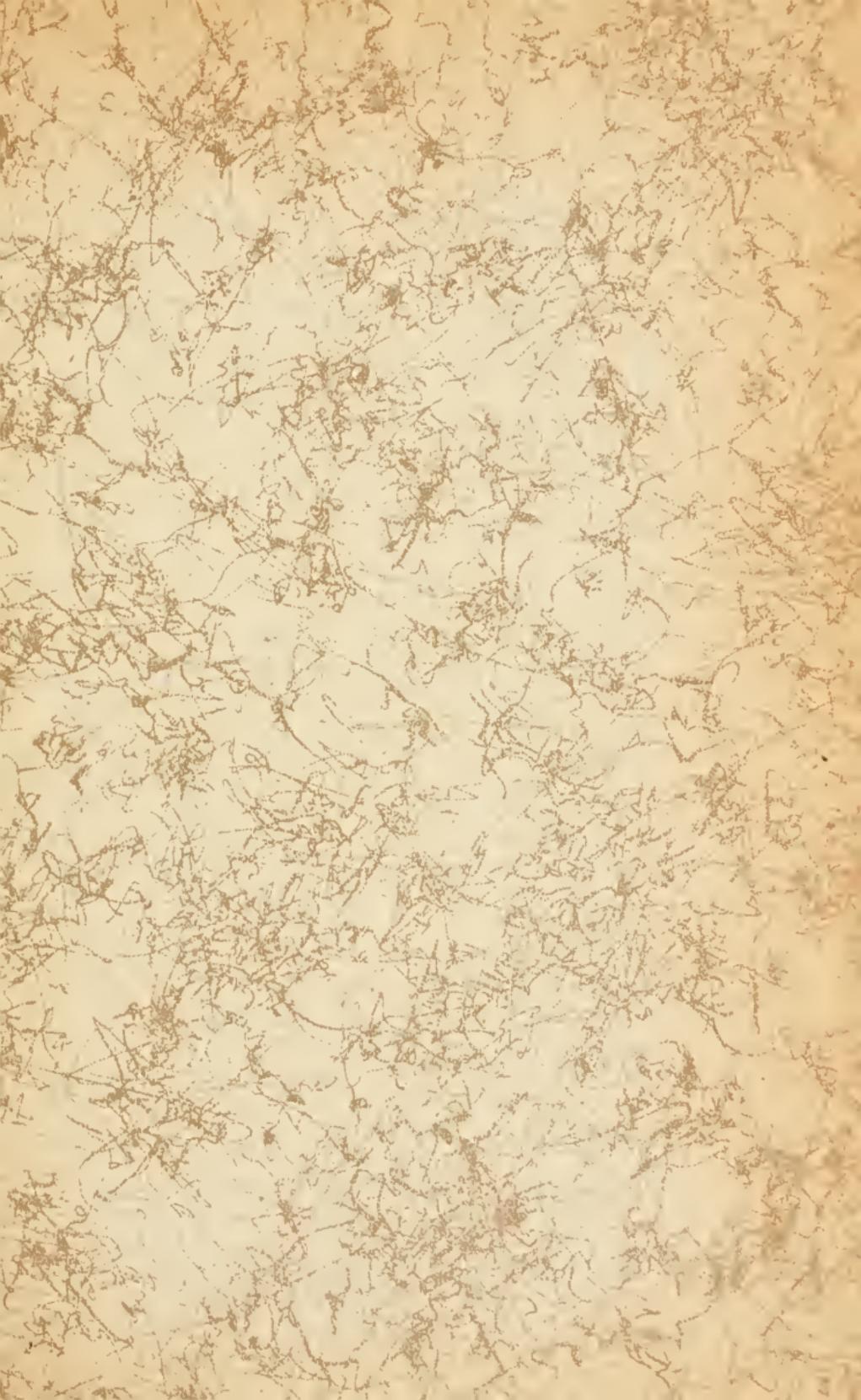




3 1761 07047944 9



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto









Amado de Oliveira

# PEREGRINAÇÕES

(1868 a 1903)

VERSONS

DE

CANDIDO DE FIGUEIREDO

(Escolhidos, corrigidos e anotados)

EDIÇÃO DEFINITIVA



1908

EMPRÉSIA LITERÁRIA E TIPOGRÁFICA — EDITORA  
178 — RUA DE D. PEDRO — 184  
PORTO

Typ. a vapôr da Emprêsa Litteraria e Typographica  
178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

PQ

9261

F52P4



## RAZÃO DO LIVRO

Ao assomar o inverno da existência, são horas de fazer contas, pagar o que se deve e inventariar o que resta.

Não foi minguada a minha colheita em sazão de poësia; e certamente houve nela frutos pêcos e verdes ou mal sazonados. Mas, no conceito dos mestres, que não no meu, alguma coisa aproveitável fieou em seis volumes de versos e varios poëmetos meus, afora numerosas composições, dispersas na imprensa periódica e não coleccio-nadas até hoje.

Parece-me pois que, formando colectânea do que parece representar qualquer valor, eu poderia legá-la aos meus filhos e aos

meus amigos,— já que os vindoiros ficam longe da minha ambição,— certo de que o aceitarão como legado afectuoso de quem mais não tem que deixar.

À parte o carácter genérico dêste legado, pareceu-me que devia especializar, entre os legatários, aqueles que mais de perto me distinguiram com o seu carinho, com as suas mercês e com as suas lições.

Se eu fôsse argentário, deixaria a cada um ao menos uma pequena jóia, como lembrança amiga. À falta de mais e melhor, deixo-lhes versos, que êles estimarão, menos pelo que valem, que pelo que significam.

E grande pena tenho eu de que já não possam receber em vida as minhas rendidas homenagens escritores que, como Herculano, Mendes Leal, Castilho, Tomás Ribeiro, Camilo, Wilhelm Storek, Vegezzi Ruscalla, Marco-Antonio Canini, e outros, que, em Portugal e lá fóra, me distinguiram com o seu afecto e as suas lições; como não menor pena sinto de que já não possam coherdar a minha afectuosa lembrança muitos dos meus queridos companheiros de viagem na

travessia das letras, como João de Deus, Símões Dias, Teixeira de Vasconcelos, Visconde de Benalcanfôr, Gonçalves Crespo, Júlio César Machado, Eduardo Coelho, Dom Antonio da Costa, Pinheiro Chagas, e tantos mais.

A uns e outros a expressão póstuma do meu acatamento e da minha saudade.

\*

Obviando á fácil e gratuita acusação de que, escolhendo versos meus, sou juiz dos próprios méritos, parece-me oportuno atenuar a minha responsabilidade com abonações idóneas de verdadeiros juizes no assunto.

Assim se explica a reprodução, que poderia parecer immodesta, de conceitos que versos meus sugeriram a Castilho, Herculano, Camilo, Quental, Mendes Leal, Chagas, etc.; e, como alguns dêsses conceitos estavam, até agora, consignados em documentos inéditos, é interessante e patriótico não fur-

tar à publicidade escritos inéditos de gloriosos mestres.

\*

Ao peregrinar largamente pelas regiões da imaginação e da arte, não deixei marcos miliários a atestar aos pôsteros a minha passagem; mas deixei ligeiras construções, que o vento de amanhã esboroará, mas de que me apraz relembrar a fórmula e o significado, como paragens queridas e saudosas num longo itinerário: *Quadros Cambiantes*, *Tasso*, *Parietárias*, *Poêma da Miséria*, *Nictagineas*, *Livro de Job*, *Crisântemos*, e várias notas esparsas, que não chegaram a congregar-se em volumes.

Em oito jornadas pois se divide a aludida *Peregrinação*, mais longas umas do que outras, e mais ou menos distintas entre si por cambiantes de espírito ou sentimento. Essa distinção ou variedade atenuará por ventura a fadiga de estranhos, que se aventurem a estender os olhos pelo obscuro itinerário...; e os legatários destas memórias,—os meus

filhos, os meus amigos,— melhormente poderão repartir a deixa, tomando para si o que mais quadre á sua índole, aos seus afetos e ás suas recordações.

Certo de que não haverá demandas na partilha, tranquilamente cérro o meu testamento, que assino:

1—I—08, *Pedroiços.*

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

---



# JORNADA I

---

QUADROS CAMBIANTES

(EXTRACTOS)





## OS «QUADROS CAMBIANTES»

Foram os meus primeiros versos, versos de colegial, escritos dos 16 aos 20 anos. Recebidos todavia lisonjeiramente pelos homens de letras e pela crítica, reeditaram-se em 1874, tendo-se feito em 1868 a primeira edição, na Imprensa da Universidade.

Para a boa aceitação do livro contribuiu, por sem dúvida, a cuidada revisão, de que, por intermédio de Tomás Ribeiro, então doente no Hospital da Estréla, se incumbiu gentilmente Antonio Fernandes de San-José, secretário de Castilho, e que também fôra o revisor do *Dom Jaime* e não sei se da *Paquita*.

Pobre moço! Aos vinte e poucos anos, cheio de talento e de bondade, morreu tísico em Viseu, aí por 1870 ou 1871.

À sua querida memória estas duas palavras de saudade e afecto.

---

## *Palavras de Castilho*

---

*Lisboa, 28 de janeiro de 1868.*

Meu incontestavel Poeta Candido de Figueiredo.

Li immediatamente os seus *Quadros Cambiantes*, e reli-os, e venho tarde agradecer-lh'os.

A razão é porque sobre tão notavel colleção eu desejava dizer-lhe muitissimo, e esperava para isso horas de menos ocupação, que me não chegam nunca.

Para me não ficar eternamente pasmado, como o rustico de Horacio, que aguardava na margem do rio que elle lhe acabasse de

manar, rompo hoje as demoras, e acudo ao agradecimento singelo, renunciada a esperança de poder expressar-lhe a minha opinião, motivada e por extenso, ácerca do seu livro.

Receba-me por elle parabens muito cordeaes. É uma obra verdadeiramente distineta: poesia de pensamento e de afecto, estylo acertado e nobre, linguagem formosa e original, versificação e rima de primeira qualidade! Com metade só de tudo isto já se fazem obras applaudidas.

Mas o seu livro extrema-se ainda do vulgo dos livros mais ou menos metrificados e aconsoantados, porque representa deveras o interior de um espirito de bem, muito sensitivo, que se pasce nas flôres das suas tristezas reaes: *lacrimae rerum*, e dahi assume principalmente o seu feitiço.

Quer que lhe diga? Os seus *Quadros Cambiantes* lembraram-me trinta vezes, ou, por melhor dizer, sempre, aquelle tão sympathico Jocelyn, para quem a solidão se tornou musica, e a dôr poesia. Oxalá que as analogias entre o amante de Lourença, lá nos

ermos dos Alpes, e o nosso Serrano da Estrella, não sejam ainda mais profundas e radicaes. O seu Seminario dá-me em que scismar.

Isto não é pedir-lhe a chave do enigma. Guarde-a muito embora; mas diga-me sequer que passou aquelle periodo de melancolias, e que o sacrificio não chegou a consumar-se. Só isto lhe pergunto, mas com o interesse de verdadeiro amigo, pois muito realmente, depois desta leitura, o ficou sendo

De V. Ex.<sup>a</sup>

A. F. CASTILHO.



*Palavras do Bispo de Viseu,  
Alves Martins*

---

Viseu 23-2-68

Ill.<sup>mo</sup> Snr. e Am.<sup>o</sup>

Recebi a sua carta, e o mimo dos seus Quadros. Depois da ceia li metade, ou quasi. Não tenho voto na materia, porque não sou do officio, e mesmo até já não posso sofrer as cantilenas das consoantes avariadas, com que vem á rua petiscos que para tudo e por tudo fazem versos.

O rithmo é um molde eufônico, em que se vâzão inspirações quasi divinas. O Poeta nasce, não se faz como o Philosopho.

Afigura-se-me que no seu livro se encon-

trará poesia, e a parte, que li, garante-me o resto.

Não se arrependa de o ter escripto.

Os fogachos da idade, quando vêm a tempo e horas, em vez de escurecerem, abrillantam o quadro.

A Bênção divina lhe envia quem é de

V. S.<sup>a</sup>

Am.<sup>o</sup> e Servo

ALVES MARTINS.

## *Palavras de Mendes Leal*

---

Os *Quadros cambiantes* formam um opúsculo de poesias, recentemente colligidas e publicadas. Ha nestas strophes soltas viço e frescor, ha esmero metrico e o sentimento da harmonia, dote menos vulgar do que talvez se creia. O autor não é apenas um versista como tantos, é um poeta. Não procura seus effeitos na extravagancia, mas na naturalidade. Deve-se-lhe levar em conta esta virtude, cada vez mais rara!

É tambem muito para memorar o desprendimento com que, fiel á vocação, aspira á gloria tenteando a aspera e improductiva subida do Parnaso, quando tinha a celebri-dade e o lucro tão facil nas prosas politicas,

em que pullulam com pouco trabalho os Montesquieu e os Mirabeau.

É autor dos *Quadros cambiantes* o sr. Cândido de Figueiredo, que neste livro faz a sua estreia. Saudam-lo como se saúda uma aurora. Persista com a fé quesegura o êxito, e terá por seu o futuro.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> (Na revista *America*).

MENDES LEAL.

---

## *Palavras de Camilo*

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Agradeço-lhe o brinde do seu livro. Já conhecia versos de V. Ex.<sup>a</sup>, bem que, em idade muito de prosa, escassamente os leio e poucas vezes os entendo. Entendi, porém, os de V. Ex.<sup>a</sup>, e pareceram-me a alliance dum formosa intelligencia com um coração em flor e perfumes dos 20 annos. Escreva: o *ultimo cantico* ha de ser como a promessa Ovidiana, e a de Garrett e a de todos os grandes obreiros num momento de desalentada fadiga. Escreva, por que de hoje a 10 annos V. Ex.<sup>a</sup> ha de ter muitissimas saudades do tempo em que escreveu o seu bellissimo livro.

Porto, 10 de fevereiro de 1868.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Adm.<sup>or</sup> affectuoso e Cr.<sup>o</sup>

CAMILLO CASTELLO BRANCO.





## MARIPOSAS

---

Viste ao serão a doida borboleta  
volitar descuidada  
e arder depois na luz. Tiveste pena,  
e disseste :— coitada! —

E eu, que a toda a hora ardo nas chamas  
dêsse olhar adorado,  
ó! quando te ouvirei compadecida  
dizer também :— coitado! —

---

## MARGARIDA

---

Mais de uma vez tenho pensado, flor,  
mais de uma vez me veio  
à ideia o puro aroma do teu seio,  
— cofre de puro amor !

E que eu não possa haurir mundos de amor  
na tua pura essência !  
não adoçares tu minha existência  
com teu perfume, flor !

---

## R O S A

---

¿ Para que afastas irosa  
esse rosto alvo de neve ?  
¿ acaso um anjo se atreve  
a negar o que me deve ?

Não fujas, ouve-me, Rosa :  
tu prometeste-me um dia  
que o teu amor pagaria  
da minha ausência a agonia.

Três annos daqui ausente,  
ora a teu lado me vejo ;  
e, quando a paga desejo,  
de ti recebo um só beijo.

Concedo que um beijo ardente  
nesse rosto de açucenas  
compense um ano de penas...  
Quantos faltam ? dois apenas.

## L'AMOUR C'EST LA VIE!

(AO CONDE DE SABUGOSA)

### I

Um dia, vi-te só. Estavas triste,  
pendida a frente, e os olhos rasos de água ;  
e, ao ver que te oprimia funda máqua;  
preguntei-te porquè, mas não me ouviste.  
Certo, o quadro da vida contemplavas ;  
e, saudosa do céu, donde vieras,  
em teu seio arcangélico anelavas  
por deixar dêste mundo as primaveras.  
Tinhas razão ! E eu preguntei-te ainda  
se na terra um encanto não achavas,  
que te levasse alivio ao coração ;  
ergueste a fronte pálida mas linda,  
e respondeste : — Não ! —

II

---

Mas depois, quando o amor, em doce calma,  
em asas de oiro e neve te envolvia,  
e na fronte gentil te entretecia  
corôa de rainha da minha alma ;  
quando o amor, seus sorrisos entreabindo,  
veio fechar aqui nossos abraços,  
e, sobre a terra flores espargindo,  
por flórea senda nos guiou os passos ;  
logrei um céu em cada teu sorriso,  
li a ventura no teu rosto lindo,  
vi-te ditosa, e preguntei-te enfim  
se êste mundo não era um paraíso,  
e respondeste : — Sim ! —

---

# HELENA

A. J. ABRANTES

*Femina, cosa mobil per natura...*

TASSO (*Aminta*, act. I, sc. 11).

Helena, meus senhores,  
se é verdade o que dizem as histórias,  
deixou dos seus amores  
perpétuas e tão trágicas memórias,  
que eu tremo em vendo que inda alguem adora  
as Helenas de agora !

Menelau espartano  
a tinha por espôsa ; mas que importa ?  
basta passar um ano,  
e a Helena mais fiel os laços corta :  
quando bem lhe parece, a outro prende,  
e... ela lá se entende !

O caso é que em segredo  
Teseu a leva um dia, e o pobre espôso  
ficou sózinho e quêdo,  
a sós vertendo lágrimas saudoso,  
na ausência do seu bem idolatrado  
que um *traidor* lhe há roubado.

Mas a final, Helena  
vem — depois de um viver delicioso, —  
a minorar á pena,  
a matar as saudades ao espôso :  
o rei espartano abraça os seus encantos,  
e adeus, saudade e prantos !

Na mais doce harmonia  
vivia a bela Helena e o rei espartano ;  
eis senão quando, um dia  
lhes entra em casa um hóspede troiano.  
Se me lembro, trazia ao rei de Esparta  
de Priamo uma carta.

Deixemos a embaixada.  
Helena é mesmo um sol, Páris galante,  
e não vos digo nada :  
amarem-se foi obra de um instante ;  
e o maganão, tomando a prenda doce,  
até mais ver, safou-se.

Páris e o par amado  
satisfeitos puseram-se a caminho ;  
e Menelau, coitado,  
lá se ficou mais uma vez sósinho.  
Mas agora o vereis ! — acende a guerra,  
e faz tremer a terra ! —

De toda a parte chama  
reis a vingá-lo da traição e engano ;  
e vai empós de fama  
aometer o pérfido troiano.  
Houve proêzas ; mas a vil tramôia  
foi quem arrasou Tróia.

Não quero agora ler-vos  
a história dos déz anos dessa guerra ;  
e basta só dizer-vos  
que os grandes males, que então viu a terra,  
sortiram de uma causa bem pequena,  
de uma mulher, — Helena !

E morto Páris, inda  
Helena com Deifobo se desposa ;  
que uma mulher, que é linda,  
sempre tem o condão da mariposa,  
que, volitando, atrai, prende e enfeitiça  
a quanta flor cubiça

Evaporou-se a essència  
a esta outra flor ; e o meu Deifobo — é bôa ! -  
mordeu-lhe a consciênciia,  
péga em Helena, e a Menelau levou-a !  
e, já se vê, o pobre do marido  
acolhe o bem perdido.

Ora, o rei espartano,  
depois de muitas lágrimas, finou-se ;  
e Cupido magano  
mandou então a Helena que se fôsse  
a espalhar a saudade pelos mares,  
tomando novos ares...

Foi ter com um parente ;  
mas êste, que não era para graças,  
diz muito bôa gente  
que dera fim ás burlas e trapaças  
de Helena, que expiou a vida errada,  
numa árvore enforcada.

E as Helenas, hoje em dia,  
a dizer que nos de agora  
não há a firmeza que havia  
nos belos tempos de outrora !

Eu vejo aí as formosas,  
— sem exceção de nenhuma,—  
adoradas..., caprichosas...;  
mas enforcadas..., nem uma !

## OS MEUS DESEJOS

(AO DR. GÖRAN BJÖRKMAN)

Se Deus me preguntasse o que eu queria,  
e que pensas tu que a Deus eu pediria ?

e talvez sabedoria,  
como a pediu outrora Salomão ?  
e ou de Creso os inúmeros tesouros,  
que assombraram presentes e vindoiros ?

Ó ! não, mil vezes não !

— Eu calcaria as pompas da opulència,  
eu fecharia os olhos á ciêncie,  
e só pedira então,  
— como palma devida ao meu martirio,—  
respirar teus perfumes, branco lirio  
unir-te ao coração.

---

## SAUDADE

(A D. MARIA JOSÉ COELHO DE ALARCÃO)

Nos extremos do horizonte,  
o sol poente flutua,  
e da serra na clareira  
fagueira  
lá surge a lua.

A viração vespertina,  
— gemido de orgam etéreo,  
segreda um canto de dores  
às flores  
do cemitério.

Roxos lírios e saudades  
ladeiam campa gelada,  
e a sombra da cruz se estampa  
em campa  
humilde e ignorada

Deus ! e não tinhás milhões de anjos  
na tua corte celeste ?  
à gloria do paraíso  
preciso  
indá era mais êste ?

Bem sei eu que a branca nuvem  
desampara o charco immundo ;  
bem sei que a pomba de neve  
não deve  
viver no mundo ! . . .

Mas se era a minha ventura  
e na terra a minha guia !  
se era na vida mesquinha  
a minha  
doce alegria !

Às vezes, quando o sol, tibio,  
no oceano se atufava  
e do bronze a voz sentida  
na ermida  
ao longe soava ;

Quando a triste lua ermava  
do céu na vasta planura,  
espelhando o rosto mago  
do lago  
na face pura :

Da meiga virgem da noite  
eu via que tinha zelos ;  
ela ao céu a fronte erguia,  
sentia  
vagos anelos !...

Ó ! ela tambem sabia  
onde existe o prazer todo !  
e bem sabia que a terra  
encerra  
só negro lodo !

Minha irman ! entre os arcanjos  
lembra-te de a quem na vida  
só deixaste, ó lirio santo,  
o pranto  
da despedida.

---

VERSÃO DE UM EPIGRAMA  
DE SANNAZZARO

(AO GENERAL ZEFERINO BRANDÃO)

Tal ardor o meu peito por ti sente,  
que os olhos suam líquidas centelhas !  
— Sou um Nilo de lágrimas, em quanto  
no peito sinto um Etna encandescente !  
Ó pranto ! apaga-me este fogo ardente !  
Ó fogo ! enxuga meu continuo pranto !

---

## HORÁCIO A NERA

(Epod. XV)

(AO DR. LOPES PRAÇA)

Era uma noite... lembras-te?  
brilhava o firmamento  
e à luz da lua pálida  
ouvi teu juramento.

Abriste os braços lânguidos,  
ao peito me apertaste  
como se abraça às árvores  
a hera, e assim juraste:

— «Em quanto — ouve e acredita-me —  
em quanto o alvo cordeiro  
fugir do lobo rábido,  
do lobo carniceiro;

e o inverno negar tréguas  
á onda enfurecida ;  
e em quanto o sol esplêndido  
der luz, amor e vida :

eu juro, amigo, juro-te,  
que sempre dêste peito  
beijos virão aos lábios  
em troca dos que aceito ! »

Ai, Nera ! o teu perjúrio  
roubou minha alegria ;  
mas destilar-te lágrimas  
há-de uma dôr tardia !

Sim, há-de, quando pérfida  
não aches, ao fugir-me,  
em teus errados trâmites  
amor assim tão firme ;

e eu busque, acceso em cólera,  
quem mais fiel me fale,  
e me traduza em ósculos  
amor que o meu iguale !

Então, se a mim, se á vitima  
pedirem os teus prantos  
perdão para o perjúrio,  
não cedo aos teus encantos !

E tu, homem feliz, que eu gôzo te extasias,  
libando beijos mil um rosto festival,  
cospes no denso véu, que me escurece os dias,  
folgas co'a minha dôr, e ris do alheio mal.

Rico, bem sei que o és, e sábio entre os mais sábios;  
beleza, vejo que és mais belo que Mireu;  
mas, à! virá um dia, em que seus tredos lábios  
Nera inda os ceda a outro, e então me rirei eu!

---

## SALMO DE DAVID

(AO SENHOR ARCEBISPO DE CALCEDÓNIA)

### I

Erga louvor a Deus o humilde e o innocent,  
e o nome do Senhor bendiga eternamente :

### II

desde o raiar da aurora até o sol se pôr,  
bendito seja sempre o nome do Senhor !

### III

Acima das nações se eleva a majestade  
daquele, cuja glória abrange a immensidade !

### IV

E Deus, que lá em cima a sua mansão tem,  
não sofre — o meu Senhor — confronto com alguém !

## V

É grande, sim ! Mas Deus, na terra e nas alturas,  
atende e escuta sempre humildes criaturas ;

## VI

e o pobre e o desvalido ampara, e quando quer  
leva a fecundidade ao seio da mulhér.

---

## RIPOSO SULLE RIVE DEL BOSFORO

(AO DR. ALFREDO DA CUNHA)

Calou-se a branda festa  
das aves na folhagem.  
Adormeceu a aragem.  
Ardente vai a sesta.

Da olaia a sombra doce  
buscou, do monte á falda,  
e em leito de esmeralda  
a bella reclinou-se.

Na mão apoia a fronte,  
os olhos vai cerrando...  
Domina-a sono brando,  
ao tintilar da fonte.

O ardor do sol a pino  
côa-se na ramagem ;  
afasta-se a roupagem  
do seio alabastrino ;

a trança se desprende,  
e a beijos mil se atreve,  
mal ocultando a neve  
que chamas na alma acende.

Digam-me agora os sábios :  
— E que diz aquele anseio,  
que nasce lá no seio  
e vem morrer aos lábios ?

Vejo que está sonhando ;  
sonha a gentil donzela ;  
E mas que sonhará ela  
naquelle sono brando ?

Eu vou, eu vou sabê-lo !  
— « O seio não me escondas...  
deixa afastar as ondas  
do trémulo cabelo... »

Quero escutar-te ao perto  
as pulsações do seio :  
o sonho que te veio  
quero saber ao certo !...

Perdôa, se é pecado  
sondar um peito alheio !  
Perdôa ! no meu seio  
tudo será guardado... » —

Meu peito se arreceia  
de lhe tocar o peito...  
reclino-me no leito,  
e a trança nos enleia.

Dos lábios seus à beira  
sinto assomar meu nome :  
nos braços estreitou-me,  
dormindo, a feiticeira.

## VINGA-TE !

(A EDUARDO DE NORONHA)

*Como dama que foi do incerto amante  
em amerosos brincos maltratada...*

CAMÕES.

E queixas-te, porque ousei  
tocar no vedado pomo,  
furtando-te um beijo — como  
se o amor tivesse lei !

Não foi culpa ; mas em fim  
eu sei o que são mulheres ! —  
queres o teu beijo ; queres  
que t' o restitua ; sim ?

Não queres ? ! Não basta só  
que o beijo te restitua ?  
Cruel ! é vontade tua  
vingar-te de mim sem dó ?

Paciência ! Vinga-te pois,  
vinga-te pois sem tardança ;  
não demores a vigança !...  
Furtei-te um ? Furta-me dois.

## A FÉ

(Ao CÓNEGO SENA FREITAS)

Virgem celestial,  
de gesto sem segundo,  
nas trevas deste mundo  
tu és o meu fanal.

Formosa, sei que o és ;  
mas onde estás, formosa ?  
dize ! que esta alma anciosa  
te irá cair aos pés !

Louco ! — Em o seio meu  
ela gravar-se veio,  
jorrando-me no seio  
as luzes lá do céu.

Vejo-a, — de um casto alvor  
cingida a fronte calma, —  
a despertar-me na alma  
visões de um santo amor.

Oiço-lhe a voz que diz  
segredos de outra vida :  
da terra prometida  
me fala, e a Deus bendiz.

Certo que voz assim  
vir só podia donde  
aos homens Deus se esconde,  
e o anjo e o querubim.

Oh ! não me engano, não ! —  
a voz que seduz tanto  
é nota de algum canto  
da perenal Sião !

Que a fé, mandou-m'a Deus  
lá desse céu profundo,  
e a fé desceu ao mundo  
para me erguer aos céus.

E ela me guia, a fé,  
por floridos caminhos,  
furtando-me aos espinhos  
que esta alma a sós não vê.

No rir de cada flor,  
da rosa no veludo,  
ensina-me e eu estudo  
o nome do Senhor.

Às vezes, quando além  
rebrilha o sol no espaço,  
ela me aponta o braço  
que o sol no céu sustém.

Diz-me que a mão de Deus  
solta ou enfreia o vento,  
e pôde num momento  
fundir a terra e os céus.

Diz-me também a fé  
que é sonho da alvorada  
a vida ; o mundo, nada ;  
que o homem nada é !

Que é nada o homem, sim,  
mas que — depois — um dia  
eterno principia,  
desta existência ao fim !

Que além da vastidão  
dessa azulada esfera,  
eterna primavera  
os bons desfrutarão !

E diz-me ainda a fé  
que nesses mundos de oiro  
franqueia o seu tesouro  
aos bons *Aquele que é!*

que os olhos erga aos céus,  
e os passos meus escude  
na sólida virtude,  
para chegar a Deus.

.....

Em quanto eu não entrar  
nessas mansões felizes,  
repete-me o que dizes,  
meu anjo tutelar.

.....

## PRISÃO DE AMOR

(Versão de um epígrama grego)

(A FRANCISCO SERRA)

Um dia cortou ela um só cabelo  
da longa e fina trança de ouro belo,  
e as duas mãos com êle me ligou.

Deixei ligá-las, e sorri-me quando  
vî fácil o quebrar o laço brando,  
com que a travessa minhas mãos atou.

Mas quando de tão frágil embaraço  
me quis livrar, achei que o brando laço  
numa dura cadeia se tornou.

---

## A D E U S

(IMPROVISO)

Deixa cair já agora as tuas lágrimas  
sobre o sacrário de um amor tão triste !  
Deixa ! talvez que em breve o riso e o júbilo  
veráha secar teu pranto ; Deus existe,

e Deus não quer que a nuvem, sublimando-se  
às alturas do céu, entolde a estréla,  
sem que a estréla, ao roçar da aragem tépida,  
rebrilhe em céu azul, nitida e bela !

— Ergue os olhos a Deus ! Nunca o martírio  
nos excrucia, sem nos dar a palma ;  
nem eu te deixo a sós co'as tuas máguas :  
dor companheira, fica-te a minha alma...

Deixo-t'a, e vais comigo ! — êste mistério  
há de sondá-lo que sondar o oceano,  
ou quem apreciar uma só lágrima  
que resvale em teu rosto sôbre-humano !

Ó ! vais comigo, sim ! O céu aliga-nos,  
e de desta alma quem pôde separar-te ?...  
— A tua imagem vaporosa e cândida  
hei de vê-la ao meu lado em toda a parte !

Sempre que o sol desponte sobre o Herminio,  
ver-te-ei *ainda* nesse mago instante  
à janela assomar, e os braços niveos  
recrezâ-los no scio palpitante !...

Quando saudosa modulares cânticos,  
e o piano gemer sob os teus dedos,  
hei de escutar-te ao longe a triste música,  
e comprender *ainda* os teus segredos !

À tarde, quando o sol, já froixo e tibio,  
me diga o extremo adeus, ver-te-ei *ainda*  
inclinando na mão a fronte lânguida,  
vergando à dôr de uma saudade infinda !

E quando... Ai ! eu não sei que voz tão intima  
impõi silêncio à voz, que os labios vibram :  
pois quem desligará dois fachos trêmulos  
que Deus uniu, e que no céu se libram ?...

Quando a noite desdobra a immensa cúpula,  
cravejada de estrélas cintilantes,  
e não tens visto dois astros a sorrirem-se,  
e a mutuarem-se um olhar de amantes ?

Bem pôde a tempestade erguer-se em fúrias  
e turbar-lhes a face alegre e linda ;  
mas, ó ! se os contemplares de hoje a um século,  
no mesmo pôsto os acharás ainda ! . . .

É êsse amor como êste amor santissimo,  
sem fim, sem mancha, sem o pó da terra !  
é essa luz como esta luz perpétua,  
que êste meu seio e o seio teu encerra !

Deixa pois deslizar as tuas lágrimas,  
as lágrimas que insulta a primavera,  
e eleva os olhos a um futuro esplêndido !  
Curva-te pois ao meu destino e espera !

Quando eu voltar, e no cristal purissimo  
dos olhos teus me fôr mirar *ainda*,  
fresca, louçan, se entoucará de pérolas  
a primavera gracieira e linda !

Hoje ri ela, e êsse riso insulta-nos,  
porque à ledice não se casa o pranto,  
porque a amargura nos assoma às pálpebras,  
porque se quebra o nosso doce encanto.

Ai, vou deixar-te ! Adeus !... Os labios trémulos  
mal traduzem a máguia que me assiste !  
— levo comigo a tua imagem cándida,  
deixo à minha alma neste adeus tão triste !

## A PROVIDÊNCIA DOS POBRES

(A D. ANA DE CASTRO OSÓRIO)

Leonor... não sei quem era!—Às vezes, penso e creio que era um anjo de Deus, que das alturas veio aqui viver saudoso! Eu inda a conheci; vi-a só uma vez, mas dèsde que eu a vi nunca pude esquecer aquela imagem triste, pálida, pensativa... Ainda a vejo! Existe ante os meus olhos, tal, qual eu a contemplei.

Era ao cair da tarde. Ao longe, o astro rei descia brandamente às horas do sol-pôsto, com o último reflexo iluminando o rosto da virgem solitária e triste. À branca mão encostava-se a face, aonde o coração vinha espelhar fiel seus íntimos anelos. Soltos à viração, os trêmulos cabelos caiam em anéis no seio de marfim. Aquele olhar!... — Ó! nunca o sol brilhou assim! — Aquele olhar sem norte, incerto, vago, etéreo, perdido pelo céu..., no mundo era um mistério!

Debruçada à janela, eu vi-a disparar  
por todo o céu em fóra o pensativo olhar.  
Vi-a tão triste e só ! avizinhei-me dela,  
e fui-me debruçar também sobre a janela.  
Olhei-a, e não me olhou ! tinha perdida a côn,  
a côn que veste em Maio a pudibunda flôr ;  
dos olhos em redor vi-lhe uma orla preta,  
onde de quando em quando a lágrima indiscreta  
vinha denunciar o triste coração !  
E eu disse : — Que vês tu, lá nessa vastidão,  
onde se vão perder teus lacrimosos olhos ?  
— Um porto, — me disse ela, — ao fim de um mar de es-  
colhos,  
e no porto um farol, que chama para os céus  
aqueles que no mundo abrem sua alma a Deus !  
— Mas quem te move o pranto, e nesse olhar profundo  
lança pesado vêu ? saudades de outro mundo ?  
saudades dessa pátria, aonde Deus sorri  
aos anjos, teus irmãos, que ansiosa vês daqui ?  
ou tédio dêste val de lágrimas salgadas,  
onde por pranto e ais as horas são contadas ?  
— Pregunta, — me disse ela, — á alma do poeta  
porque vive do amor ; pregunta à borboleta  
porque se vai queimar na chama que a seduz ;  
pregunta à flôr do val porque abre o seio à luz  
pregunta ao roxinol porque ao raiar da aurora  
entorna o seu cantar por sobre a flôr que chora ;  
á lua, que nos céus divaga sem parar,  
pregunta-lhe quem busca em seu peregrinar ;

ao cipreste, que geme um cântico funéreo  
em torno aos mausoléus, no frio cemitério,  
pregunta pôrque é triste ; e, se depois alguém  
te responder a ti, responderei também.

Um dia — era no inverno — o vento estrondeava  
em cima do telhado ; e a chuva fustigava  
os vidros da janela, onde eu sózinha vi  
a pálida Leonor. Hâ pouco eu vira ali,  
bafejada do mundo, a branda sensitiva  
dobrar-se na sua haste, absorta, pensativa,  
olhando o céu azul ; e agora onde estará  
a lânguida florinha ? Acaso o inverno já  
lançou por terra a flôr que os anjos cultivaram  
e no pragal da vida um dia abandonaram ?

A janela, que o vento e a chuva açoitar vem,  
hoje cerrada está ; mas, se atentarmos bem,  
veremos, através dos vidros da janela,  
formosa imagem triste e pensativa... É ela !

Na rua uma criança ia passando então,  
de farrapos coberta ; a enregelada mão  
ela estende, implorando o pão da caridade ;  
mas da indigência os ais & quem escutá-los hâ-de ?  
quantos dos homens vão as portas descerrar  
aos que gemem a sós, sem māi, sem pão, sem lar ?

Leonor vê a criança ; e as lágrimas em fio  
rompem dos olhos seus.

Dentro de pouco, o frio  
nos membros da criança não tremia já :  
Leonor dá-lhe agasalho, e lume e pão lhe dá.  
Mas era pouco : despe as sedas da opulência,  
e faz da sua casa asilo da indigência !

Consôlo, amparo e māi dêsses que a sorte fez  
herdeiros só do mal, dizia muita vez :  
— « Meus filhos, quando o bem nos foge nesta vida,  
devemos esperar na *Terra prometida* :  
Deus, pai de todos nós, nunca enjeitou ningumém,  
e, quando o mundo é triste, o céu guardadas tem  
no seio do Senhor eternas alegrias !  
Que importa a vida aqui ? Rápidos são os dias,  
a dôr é de um momento... Ánimo, esp'rança em Deus ! »

E o anjo da pobreza, abrindo os braços sens,  
ao peito conehegava o filho do indigente,  
dava-lhe do seu pão, beijava-o ternamente,  
cingia-lhe ao corpinho as sedas que despiu,  
sorria como nunca a terna māi sorriu !  
Depois, meiga e cuidosa a pálida enfermeira  
ia-se recostar do enfermo à cabeceira,  
levando á dôr alivio, á fome pão e amor.

Após santo lidar, a angélica Leonor  
chegou ao seu sol-pôsto, e descansou na morte !  
Deus abençoou tão invejável sorte,  
e os pobres do lugar choraram sua māi...  
Áquela que passou a vida em fazer bem,  
lavraram-lhe o epitáfio os prantos da indigência ;  
e ela, que aos pobres foi segunda Providencia,  
— ao regarem-lhe a campa as lágrimas da dôr, —  
no céu escuta os ais de saudade e amor.

---

## EM FIM !

(AO CONDE DE PORTO COVO DA BANDEIRA)

*Não profiro o teu nome! venturoso  
outro o prefere agora a teus ouvidos;  
teu rosto se lhe volve carinhoso;  
estremecem de amor os teus sentidos;  
mas, ah! que ao menos possam na tua alma  
um eco despertar os meus gemidos!*

B. PATO.

Chegou a hora da suprema angústia!

Os dias, que a ventura  
vinha doirar com lúcidos fulgores,  
fugiram, como foge na espessura  
o arroio que trepida entre verdores.

Ao rosto magoado  
assoma agora a lágrima das lárimas...  
e lá no espelho de um feliz passado  
inda entrevejo a tua imagem pura!

Revolvo aqui o livro da memória,  
e só encontro páginas doiradas  
onde tu escreveste a nossa história,  
com tintas que do céu te foram dadas;

mas, ah! na última página  
a tinta são as lágrimas salgadas,  
com que aí fica escrita em negras côres  
uma epopeia de sublimes dôres!

Ontem, sorria a vida,  
povoada de esp'ranças, fé e amor;  
hoje, desmaiás, purpurina flôr,  
ao seio de outro unida!

Ontem, era-me a vida um paraíso!  
guiava-me no mundo a luz dos céus,

se via almo sorriso  
brincar alegre á flôr dos labios teus!

Hoje... abriu-se-me o inferno,  
e fecharam-se as portas do meu céu...

— Nas praças da cidade,  
prendeu-te um ecúleo a sociedade,  
e a vítima... fui eu!...

Sacrilegos!... Julgaram que os altares  
podiam arrancar-te do meu peito,  
como se um dia fôsse dado aos mares  
sairem do seu leito!

Sacrilegos! quiseram que uma estola  
legitimasse uma união maldita!...  
Maldita, sim! — o astro, que vai e rola  
na abóbada infinita,  
que vão casar-lhe os limos cà da terra  
ao brilho que ele encerra...

E compram-te por oiro! e há quem diga  
que uma estola doirada prende e liga  
corações que jamais se compreenderam!  
Mentira! Ésses, que os braços teus prenderam  
a um seio frio, frio, enregelado,  
venham rasgar meu seio,  
e cà dentro verão as tuas lágrimas,  
e cà dentro verão os risos teus,  
— risos e prantos, com que a aurora veio  
matizar-me as alfombras da existència;  
e aonde um anjo verte uma só lágrima,  
e aonde larga as flôres dum sorriso,  
lá fica a sua essència!

Embora nunca mais os lábios trémulos  
eu vá colar à tua rósea face;  
embora alguém te abrace,  
e impio te vá beijar,  
em quanto eu, a sós,  
segrêdo à terra e ao mar,

ao sol e à triste lua,  
meu desespéro atroz,  
se alguém disser que és sua,  
sempre direi que és minha!...

O amor, quando se aninha  
em um peito fadado para amar,  
não morre, — cresce, rápido caminha,  
não há retrogradar! —

Hoje como ontem, ámanhan e sempre,  
— e talvez inda lá na eternidade —  
verei a tua imagem insculpida  
na lâmina infinita, desmedida,  
do oceano d'este afecto!

Sim, quem há-de,  
nos áridos desertos desta vida,  
esquecer êsse oásis, onde um dia  
dessedentâmos a alma sequiosa  
em fonte cristalina? Quem havia  
de esquecer essa vida tão ditosa  
que tu me dêste, e os anjos invejaram?!

Não, não te hei de esquecer! — corram os anos,  
leve-me longe meu cruel destino,  
sulquem-me a face amargos desenganos...,  
teu rosto peregrino,  
perdido já seu nitido fulgor,  
é sempre a estréla pálida  
nas trevas desta dor!

Ó! não te hei de esquecer! e tu... quem sabe?...  
talvez... talvez que um dia ao chão desabe  
o grandioso edifício dêsse amor;  
e, erguendo-te sobre essas ruinarias,  
                te esqueças de outros dias,  
e venhas insultar a minha dor!...

Perdão! perdôa à louca fantasia  
aprensões que lhe acodem nesta hora!  
Perdão! juraste-o, e os anjos não perjuram!  
juraste — e acreditei — que nunca um dia  
                além assomaria,  
sem relembras essas horas mágicas,  
em que a mudez nos destilava a ambos  
                torrentes de eloquência!...

Se às vezes de mim foges e te ocultas,  
quando a ti ergo os olhos magoados,  
não é porque em teus seios jaspeados  
o amor já não se albergue; é porque as lágrimas  
podem trair-te à face d'este mundo,  
que nos abisma num penar profundo!

.....  
.....

Não sei o que te disse,  
mas disse-o só a ti! O mundo ignora  
a dor que nos lacera nesta hora,  
                e o mundo... o mundo ri-se!

Que ria embora ! Tu, enxuga o pranto,  
disfarça a dôr pungente,  
e corre, corre à festa resplendente,  
que lá te espera o noivo ! Eu, entretanto,  
irei... onde o destino me levar !

Desce o tremendo golpe ! e o ferro crava  
num peito que te soube tanto amar !  
A sociedade o manda ! és sua escrava .  
vela os olhos, e fere sem piedade !

Acaso julgas[ que há-de

faltar aqui no peito já lugar  
para tão funda e lacinante mágoa ?  
Não falta, não, que o peito dilatou-se-me,  
de immensas dores na candente frágua !

Eis o meu peito ! fere-o !  
foi grande para o amor !  
conteve grandes júbilos !  
grande será na dor !

## ÚLTIMO CANTO

### A lágrima

Arcanjo cismador dos meus altares,  
visão celeste dos meus sonhos breves,  
lírio sem mancha, minha doce espôsa,  
adeus! Cansei os olhos a mirar-te  
e a vêr se via a luz que o peito almeja  
ao arraiar da infancia... Doido anelo!  
Em asas de condor, minha alma ansiosa  
leda esvoejava ás regiões que habitas,  
em demanda da luz que te aureóla!  
E o sol queimou-me as asas! vento estranho  
restrugiu, e varreu-me a luz dos olhos,  
prostrando-me a teus pés, sem luz, sem nada!

Adeus ! O moribundo, que se estorce  
 nos paroxismos últimos da vida,  
 & que mais pôde deixar-te, ó alma cândida,  
 do que esta lágrima, que pura escorre  
 dos olhos meus sobre o teu seio puro ? !  
 Abre o teu coração, pomba de neve,  
 descerra-me hoje a urna preciosa  
 que encerra tanto amor e tantas mágoas !  
 — quero lá esconder mais esta pérola  
 que me subiu do coração aos olhos !  
 quero, sim ! que esta lágrima é um livro,  
 onde hás de lêr, em horas de saudade,  
 os mistérios de uma alma que te adora !

— Quando a saudade te ensombrar o rosto,  
 hás de inclinar a fronte no teu seio  
 e ouvir lá os segredos desta lágrima !  
 Hão de lembrar-te aquelas doces tardes,  
 em que a lua, a sorrir, nos espreitava  
 assomando nos pinheiros do monte.  
 Hão de lembrar-te êsses harpejos de alma,  
 que os zéfiros da noite me traziam  
 das teclas sonorosas do piano,  
 — teu doce confidente... Hâ de lembrar-te  
 o relvoso tapete da alameda  
 e os cantos suspirosos da avezinha —  
 alvoradas da nossa primavera !  
 Hão de lembrar-te os sonhos que sonhâmos !

Há de lembrar-te o rir da nossa infância —  
paraiso perdido, aura que foge.

Recolhe a minha derradeira lágrima !  
e, se àmanhan a lage do sepulcro  
esmagar o meu peito..., vai chorá-la  
na minha pobre campa, Margarida.

---



# JORNADA II

---

TASSO

(EXTRACTOS)



## O «TASSO»

(DO PREFÁCIO DO AUTOR)

---

«A minha tentativa é, entre nós, quase nova na fórmā. Lá fóra sei eu que Byron deu ao *Manfred*, e Quinet ao *Ahasvérus* e ao *Promethée* a fórmā dramática. Em Portugal não conheço obra dēste género, se não falarmos de algum prelúdio de poéta incipiente em fôlha volante da imprensa periódica.

«Se por gentes, que mais olham o passado que o presente e o futuro, mal olhada fôr a novidade, confortar-me-á o exemplo de estranhos, e acolher-me-ei resignado aos braços do meu melhor mestre,—a consciênciā.

«Mas, admitido uma vez o que é novo sem deslustre da arte, resta-me sair ao encontro de observações que já prevejo.

«E Porque alarguei eu, a capricho, dentro de um canto, o número dos quadros, e como justificar a variedade de lugares e païsagens no desenvolvimento de uma só acção, em oposição ás condições e leis ordinárias da representação dramática ?

«Em primeiro lugar, a obra não foi escrita para o teatro ; por onde, pouco me importa que ela se acomode ou não ás exigências, nem sempre justas, de um palco, em que a acção nunca pôde ter desenvolvimento completo.

«Depois, se Aristóteles condenava as mudanças de lugar durante uma acção dramática, é sabido que a poesia moderna quebrou essas peias, e já Sófocles no *Ajax*, e Ésquilo nas *Euménides*, esqueciam essas leis do velho teatro. Hoje, para justificar a variedade das païsagens, escusado é citar exemplos de Shakspeare, de Byron, de Goethe, e de tantos outros.

«Possível é também que alguém me peça contas pelo papel antipático que no poema representa o duque de Ferrara, Alfonso II.

«Ninguém contesta que ele encarcerou o

Tasso no hospital de Santa Ana. Na indagação da causa e do fim d'este procedimento, é que poucos biógrafos e poucos críticos se conformam.

«Alguns áulicos servis, que escreveram sôbre este assunto, não querem ver manchas na corôa ducal, e defendem a acção do duque, afirmando a loucura de Tasso.

«Fizeram-no Manzo e Muratori e Traboschi. Mas, para lhes avaliarmos a imparcialidade, convém saber-se que o primeiro era cortesão de Alfonso II, e os dois últimos eram bibliotecários dos duques de Módena, herdeiros colateraes do duque de Ferrara.

«O que admira é que, ainda nêste seculo, um poéta, cuja memória todo o mundo respeita, e cujas convicções democráticas tiveram manifestações esplêndidas, — Lamartine, — se vá, no último quartel da vida, rojar aos pés do trono de Ferrara, enarecendo a piedade ducal para com o poéta encarcerado! O homem enérgico e generoso de 1848 foi, por um momento, advogado de um tirano, e defensor de uma causa condenada por muitas gerações. As contradi-

ções, diz não sei quem, perdãoam-se ás mulheres e aos poetas. Perdão à Lamartine.

«Ponho de parte, por fúteis, os arrazoados de Balbo e de Gaetano Capponi, quanto á prisão de Tasso: um diz que ela foi motivada pelas negociações secretas que o poeta entretinha com o grão-duque da Toscana; outro, pelo palacianismo e ceremonial da corte, que não se casam bem com liberdades poéticas.

«Sigo pois a tradição constante e documentos de valia, para insinuar que o amor foi causa da prisão e desgraça do poéta.

«Neste ponto, nova polémica acendem os biógrafos. ¿Quem foi a amada de Tasso? Foi Leonora de Éste, irman do duque? Foi Leonora Sanvitale, condessa de Scandiano? Foi Leonora, serva de Leonora de Éste? Foi Lucrezia Bendidio? Foi Lucrezia de Éste, irman de Leonora? Foi Livia de Areo? Giulia Guerrera? Marquesa de Lauro? Laura Peperara? Barbara Turca Pii? Condessa de Lodrona? Condessa de Sala? Tarquinia Molza? Constanza Belprato? Angelica? Ginevra? Victoria? Bentivoglia? Tassona?...

«Para todos êstes ídolos êle teve incenso. O seu turíbulo fumou nas aras de todas estas divindades, sem que os jardins da Italia fôssem teatro de ciumentas lutas, promovidas pela discórdia entre as Minervas, as Vénus e as Junos dêste novo Olimpo.

«Todavia, o amor dos poetas, que nós alcunhamos de *vário*, não me parece que mereça a alcunha. Eu imagino que o poeta, criando para si um mundo à parte, cria uma Eva á sua imagem, e adora a sua obra.

«Essa criação é o ideal do amor. Luminosa como a imaginação que lhe deu o ser, emite raios que se espelham nos olhos azues, verdes ou negros, dos anjos terrestres.

«O poeta, que tem concentrado o amor nas regiões da fantasia, encontra ás vezes na terra um e muitos reflexos vagos da imagem que êle criou. Daqui a multiplieidade de afeições que, partindo de pontos diversos, vão todas confluir no mesmo e único foco.

«Não sei se poderei assim justificar o politeísmo dêstes idólatras do ideal, que o mundo nem sempre trata com justiça; mas livre-me Deus de concluir que o Tasso idolatrasse a

um tempo, e com o mesmo ardor, todos os pálidos reflexos do seu ideal.

«Espelhos há que reflectem a luz com mais intensidade que outros: todos os lagos espelham o céu azul, mas ninguém deixará de preferir a contemplação de um lago da Suíça em noites de lua cheia.

«Ora, se ao poeta de Sorrento se não pôde contestar a predilecção por alguma das suas divindades, & porque não será Leonora de Éste a predilecta?

«O brinde especial, que êle lhe fez, de uma colecção de versos; os triunfos poéticos de Tasso na corte de Ferrara, tão próprios para acordar a simpatia e o amor em peitos femininos; a aliança e a intimidade do poeta com toda a familia de Éste; as narrações de muitos biógrafos, para não se invocar o testemunho da tradição: tudo nos deixa crer na existência dêsse malfadado amor, que tinha de ser a ruina do poeta.»

---

## *Palavras de Antero de Quental*

*Ex.mo Sr. Cândido de Figueiredo.*

Acabo de ler com todo o interesse o seu formoso poema, e com toda a atenção o con-  
ceituoso prólogo que o precede. A sua maneira de ver a Arte é elevada e pura, cheia  
de medida, e, por assim dizer, clássica no  
romantismo. Mas não lhe parece que o poe-  
ma histórico, tratado da maneira abstracta  
que ali indica, interpretando num sentido  
moderno os caracteres e as paixões, perde  
nuito da sua realidade e por conseguinte do  
seu interesse, e fica sendo, em vez de um  
indivíduo localizado e com suas feições pró-  
prias, uma generalidade filosóphica e uma

entidade abstracta? É assim o theatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu autor, pelos sentimentos e pelo *tom* da imaginação, pertence á escola daquelle nobre espirito. Mas não será aquella constante substituição de caracteres abstractos e ideaes aos caracteres reaes e históricos um dos maiores defeitos do theatro de Schiller, monumento a que se não pode negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o *acento* e a realidade? Os personagens de Schiller não pertencem a uma epoca ou a uma civilização determinada. Acha isto uma vantagem? Cousin e os espiritualistas franceses dizem que sim, porque esses personagens sem patria nem idade certa, dizem elles, representam, não o que ha de accidental e fortuito no homem, mas o que ha de essencial e eterno. Mas esse homem assim não existe, nem pode existir, é uma abstracção. O verdadeiro homem é isso certamente, mas alem d'isso é ainda a forma particular que essas disposições universaes tomam em face de tal ou tal civilização e debaixo da influencia de taes ou taes

crenças, instituições e ainda climas; não me parece que haja verdadeira e radical oposição entre o mundo real e o ideal, porque o real, se é o limite, é também o meio, o instrumento e a forma do ideal. Os personagens de Goethe ou de Balzac, com terem tão acentuada a feição dos séculos e civilizações a que pertencem, são por isso menos ideaes? Não posso crel-o. A aspiração moral do homem, por ter esta ou aquella forma determinada, nem por isso deixa de ser aspiração, de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem; através dos mais caprichosos meandros seguem o seu curso, tanto mais bello quanto é mais variado, e mostrando em mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da força que os impele, do que se seguissem uma direcção uniforme, inalteravel.

Meu caro Sr. Figueiredo, peço-lhe que não tome isto que ahí fica como conselho ou censura: não tenho nem auctoridade nem sciencia para fallar nesse tom a um escritor com o seu talento, a sua experiençia

e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quer ter nem tem senão o carácter de *cavaco* (como cuido se diz ainda em Coimbra) isto é, uma coisa, cujo maior merecimento é a sinceridade e a despretenção.

Uma opinião que prova contra uma obra de merecimento? As opiniões passam, as obras ficam. A sua ha-de ficar por que tem, independentemente das intenções estéticas do auctor, mais ou menos discutíveis, uma coisa que ninguem discutirá, penso eu; talento, conhecimento da arte, altos conceitos e versos (como diz Baudelaire) impercavéis. Com isto vae-se a toda a parte, e se não se vae à posteridade é só porque não ha posteridade para os escriptores de uma nação que tem de morrer amanhã.

Receba, meu caro poeta, os meus emboaras e creia-me seu

Sincero admirador,

Lisboa, Rua de S. Pedro  
de Alcantara n.º 111, 1.º  
de maio, 1870.

ANTHERO DE QUENTAL.

## *Palavras de Teófilo*

*Porto, 25 de março de 1870*

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Cândido de Figueiredo.*

Vae para tres dias que fui mimoseado com o affectuoso brinde da sua ultima publicação, o poema de Toreato Tasso, e ainda não o agradeci porque o li na cama, e só agora é que me acho restabelecido. O meu amigo, sobre este assumpto, tinha um terrivel adversario, nada menos que Goëthe, que tambem escreveu a *Morte de Tasso*, uma das suas melhores obras, e escreveu-a em tempo que os trabalhos historicos modernos não tinham ainda desfeito o ideal ou legenda do poeta de Sorrento. Agora sabe o

meu amigo o que é ter incubado um pensamento longos annos, ver, de certo dia em diante, que já lhe não pertence e anda exposto a todas as interpretações, a todos os sarcasmos e, o que é peor, à indifferença de um publico sem cultura e de uma litteratura sem ideal nem dignidade, minada e corroída de inveja muito pequenina.

As idéas estheticas que expande no seu prólogo são verdadeiras; como dogmaticas e inabalaveis, a fórmula pessoal, introduzindo o eu nos seus juizos, limita o que é geral a uma mera impressão particular.

É um leve defeito exterior que passa desapercebido, e que tomo a liberdade de notá-lo, como reparo de amizade, para futuro.

A parte propriamente do poema é animada, e a fórmula dramática era na realidade a que se prestava mais a dizer tudo. Porém a união dos versos de redondilha, ou pela sua facilidade, ou por terem sempre sido muito empregados na baixa comedia de cordel do nosso theatro do seculo XVIII, abrandam o tom epico que exige a acção. Espero da sua intelligencia que verá nestas palavras

sinceridade de irmão, e para saber o valor do seu trabalho, não tem mais do que apreciar a satisfação moral que delle lhe proyem.

Rua do Almada n.º 298.

Sempre amigo muito obrigado,

THEOPHILo BRAGA.

---



*Palavras de D. Maria Amalia Vaz  
de Carvalho*

---

III.<sup>mo</sup> Snr.

Primeiro que tudo, peço-lhe perdão da minha demora em agradecer o seu precioso e inesperado brinde, assegurando-lhe que só o meu estado physico podia obstar ao cumprimento d'um gratissimo dever. Agora que decerto o seu bom coração me perdoou já, deixe-me V. S.<sup>a</sup> que eu diga, ainda que muito mal, a deliciosa surpresa e a admiração profunda que o seu livro me veio trazer. Que o seu nome era um dos mais brilhantes e esperançosos da moderna geração, sabia eu já, pelos formosos versos, que tenho lido, espalhados por aqui e ali em publicações

periodicas ; mas o que eu não conhecia ainda era a vigorosa seiva e a encantadora originalidade da sua poesia.

Não vá julgar que sou pedante !

Isso não ; pelo amor de Deus ! Eu não sou mais que uma alma namorada de todos os esplendores !

Nada entendo de escolas, mas creio que entendo muito de coração, porque o meu sente, admira, e entusiasma-se pelo que é bello e grande.

No seu livro ha tão dedicados cambiantes de sentimento, tão elevado arrojo de forma, tanta força e tamanha suavidade, que apesar da bemfadada ignorancia de que não desejo sair, houve em mim um instineto que me advertiu de quanta belleza ali brilhava esplendida !.

Creia que o admiro saudando o seu talento com desinvejoso e profundissimo jubilo !

Já duas vezes li o *Tasso*, a primeira com avidez curiosa, a segunda com meditativa admiração ! Sabe qual, foi um dos trechos que mais me entusiasmou ? Admirar-se-ha

porventura da escolha, quando lhe disser que são os versos que o poeta de Ferrara dirige a Roma ao entrar a cidade eterna. Que grandeza naquelles decasyllabos!

Depois desta homenagem singela, mas bem sincera, que eu lhe presto, permitta-me V. S.<sup>a</sup> que agradeça do intimo d'alma a generosa indulgencia das palavras que escreveu na primeira pagina do seu livro. Não as mereço, mas sinto-me grata e feliz por lh'as haver inspirado.

Tenho em meio um poema no genero do primeiro que escrevi. Se Deus me ajudar a inspiração, em breve terá V. S.<sup>a</sup> essa humilde offerta.

Termino esta, afirmando-lhe que ninguem lhe deseja com mais ardor a continuaçao dos triumphos que tanto merece, e pedindo-lhe me creia sempre

De V. S.<sup>a</sup>

admiradora entusiasta  
e veneradora agradecidissima,

Casa de Puintès,  
9 de abril, 1870.  
(Correio de Tojal)

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



## *Palavras de Michelet*

*Paris — rue d'Assas, 76.*

M. Michelet à reçu le drame de Monsieur Figueiredo.

Combien il regrette de savoir si peu cette belle langue! Cependant il l'étudiera, avec grand plaisir, et *comprendra* par l'analogie de *sentiment*, la concorde interieure.

Il lui serre le main, et le remercie.

28 — III — 70.





## CANTO I

---

### PRIMEIRO QUADRO

(AO DR. TEÓFILO BRAGA)

---

---

*A PRINCESA LEONORA DE ÉSTE, lendo o canto IV da «Gerusalemme Liberata» no caramanchão fronteiro ao Tasso*

«Entre as formosas de Argos, Cipro ou Delos,  
nunca se viu assim beleza tanta :  
enfantiça-nos o oiro dos cabelos,  
e, mesmo sob o véu, transluz e encanta !  
assemelha-se a trança aos raios belos  
do sol, que ora esplendente se levanta,  
ora, velado pela nuvem branda,  
ainda oculto seu fulgor nos manda.

Muitas vezes a trança se desata,  
e do vento ao sabor tremula e ondeia ;  
e o fascinante olhar, que prende e mata,  
sob o párpado e os cílios se incendeia.  
Parece que o vermelho de escarlata  
do marfim do seu rosto se arreccia... ;  
mas, sobre os lábios onde o amor habita,  
pura escarlata fogo intenso excita ! »

*Tasso, aproximando-se a medo :*

É sua a voz, e lê o meu poema !  
atende os débeis sons da minha lira,  
passa horas a ler o que me inspira ;  
porem amar-me era a ventura extrema !

*LEONORA, continuando a leitura do poema :*

« É de alabastro puro o níveo colo,  
e n'ele o amor ignota chama acende.  
Avista-se uma parte e ainda um pólo  
de cada mundo que ao pescoço pende ;  
a outra parte, um véu, talvez por dolo,  
dos olhos indiscretos a defende ;  
porem o pensamento, por vingança,  
os mais escusos penetrais alcançá !

como um raio de luz que transparece  
da lâmina de um vaso cristalino,  
o pensamento vaga, e não conhece  
barreira que se oponha ao peregrino :  
percorre estranhos mundos, vôa, e dece  
a devassar as minas de oiro fino,  
aonde as maravilhas que não vejo  
se engrandecem aos olhos do desejo ! »

.....

.....

## SEGUNDO QUADRO

*Preparativos de uma caçada, em frente do palácio ducal. O Duque Alfonso II, o conde Aníbal Spinosa, cortesãos e páginas.*

*ALFONSO II, mirando o cavalo do conde Aníbal:*

Bravo! quem assim cavalga  
um tão formoso alazão,  
não admira se lhe dão  
as honras da montaria!

*O CONDE:*

Entre todos o primeiro  
o meu alazão seria,  
se o vosso corcel ligeiro  
não tivesse a primazia!

*O DUQUE:*

Dizes bem : lá galhardia,  
ligeireza, garbo e fôrça,  
isso tem o meu coreel !  
— na carreira vence a corça ;  
e, se os veados em bando  
pudessem voar... ainda  
os venceria voando.

Serena vai a manhan,  
limpo o sol, e o vento brando :  
formoso dia de caça,  
em que esta minha azevan  
e cavalos desta raça  
jamais esquecem proézas.

Lá vem os nossos monteiros  
com as vistas todas prèas  
aos nossos coreéis ligeiros.

*O CONDE:*

Mas o poëta ? Em caçadas  
sempre êle foi dos primeiros ;  
e, se os olhos não me enganam,  
não o vejo entre os monteiros.

E é pena ; pois quando a gente  
não lobriga um javali,  
e corre montes vanmente  
sem bispar coisa que mate,  
i que bom não é ter ali,  
do monte em cada clareira,  
versos de fino quilate,  
que suavisem a canseira !

*O DUQUE:*

Tambem já gostei do Tasso,  
porque os ditos de um jogral  
nem sempre são mal cabidos  
em uma côrte dueal :  
prestam-se ás vezes ouvidos  
a bobices, porque em fim  
nem sempre se quer dormir :  
— Escuta-as a gente, e assim  
algum tempo leva a rir.

Hoje, êsse gosto que eu tinha  
trocou-se em desprêzo e dó :  
Tasso, que, por via minha,  
há pouco se ergueu do pó,  
quis erguer-se tanto acima,  
que, se aparece entre o povo,  
pequeno e grande o lastima  
por endoidecer tão novo.

*O CONDE, (surprendido) :*

Doido o Torquato !

*O DUQUE :*

Coitado !

tanto em vida tem trovado  
amores, visões, estrélas,  
que ficou estonteado.  
Olha, cabeças daquelas  
não é sisudez deixá-las  
andar ao ar livre assim.

*O CONDE, (indeciso) :*

Percebo : das vossas salas  
ides lançar o mastim...

*O DUQUE, (levando a atenção e a vista para deante) :*

Escuta ! À mata das cruzes  
ouvem-se vozes em grita ;  
no atalho do lobo branco  
alguém lá corre que agita  
as cimeiras dos giestais ;  
na extrema dos estevais  
lá voou um cavaleiro...  
é Girolamo di Rimini !  
conheço o andaluz ligeiro

---

que êle monta... Lá se avista...  
lá se embrenhou... Vai na pista  
de cerdo, veado ou urso!  
É cerva! como ela corre  
das clareiras à chapada...  
tão ligeira e tão armada...  
tu verás como ela morre!  
Ó! praza a Deus que eu a tope!  
Conde! a galope! a galope!

.....

.....

## TERCEIRO QUADRO

---

*Tasso, (desprendendo-se dos braços de Leonora):*

Sinto ao longe um tropel de cavalgada...

São êles, os monteiros  
que voltam da caçada.

Findam pois os momentos prazenteiros  
que hoje lográmos, minha doce amada!  
E que rápidos foram! Horas magas  
são estas em que o amor traz luz aos dias

que a desventura ennoita;  
mas, ai! são como as vagas  
que beijam solitárias penedias,  
e em círculos refogem, uma e uma,  
até perderem-se em lençóis de espuma!

---

---

## CANTO II

---

---

### SEGUNDO QUADRO

*Um corredor que leva à câmara do duque de Ferrara. Avista-se Alfonso II estendendo a vista por alguns quadros que lhe ladeiam a câmara. Febo dirige-se para o duque.*

*FEBO :*

*Buon giorno! cumprimenta-vos, e beija  
as vossas mãos o vosso servidor;  
e dias bons deseja  
ao seu alto senhor.*

*O DUQUE, (presenteiro) :*

— Que novas há, meu bom Febo?  
certo, não vindes dizer  
que algum novo Catilina  
ás portas me vem bater;  
portanto podeis sentar-vos,  
descansar e...

*FEBO :*

É minha sina,  
ou sêstro de medicina,  
visitar, falar e andar;  
e agora, em boa verdade,  
não vos posso conversar,  
consoante a vossa vontade.  
Mas, deixando a cortesia:  
entre os doidos do hospital  
há um, a quem a final  
se pôde dar alforria...  
pois revela são juizo  
de tal geito, que a um mortal  
nem tanto lhe era preciso!

*O DUQUE, afetuoso :*

Nesse caso, a medicina  
é que cede a liberdade  
ao liberto da doidice...

*FEBO, agradecido*

Na casa de Éste a bondade  
em todo o tempo condisse  
com prosápia que deriva  
das glórias da antiguidade...

*O DUQUE, reflectindo :*

Se não vem fóra de ponto,  
dizei-me de quem falais.

*FEBO :*

Falei-vos de um desgraçado  
que, largo tempo, abafado  
entre paredes sombrias,  
põe, ao fim de longas noites,  
ver o sol, passar os dias  
sob o céu italiano,  
da liberdade ao clarão.  
*Poëta, se não me engano,*  
*cis o nome que lhe dão !*

*O DUQUE, afectando serenidade :*

Torquato Tasso, bem sei.  
Pois, men Febo, dir-vos-ei  
que a sciênciâ vos engana ;  
nem eu me admiro ; se é lei  
de fraca razão humana !

*FEBO, acentuando a expressão :*

Perdão, se vos contradigo,  
— desta vez, não me enganou :  
a praxe, que há tanto sigo,  
e que sempre heis aprovado,  
em toda a luz me indicou  
que o poéta infortunado  
a razão recuperou.

*O DUQUE :*

Foi num lúcido intervalo  
que vós o ouvistes, bofè ;  
e em taes momentos, não é,  
por certo, que heis de julgá-lo.

*FEBO :*

Mas nobre senhor...

*O DUQUE, franzindo o sobrecenho :*

Silêncio !

Não sofro contestações ;  
e a quem xafurda e se atola  
no lodeiro dos vilões,  
não costumo a porta abrir.  
Torquato Tasso está doido ;  
quanto a vós... podeis sair !

.....  
.....

## CANTO III

---

### SEGUNDO QUADRO

(A AUGUSTO DE LACERDA)

*O camarim da príncesa Leonora. Meia noite. Leonora, à luz dum lampadário, ora aos pés de um cruxifixo.*

*LEONORA:*

Porque morreste, ó Cristo, abrindo ao mundo os  
braços,  
trazendo-nos do céu a liberdade e o amor,  
quebrando-nos grillhões, por apertar os laços  
com que fizeste irmãos os filhos teus, Senhor ?

se o fraco geme aos pés dos fortes que o esmagam !  
se o grande não escuta a voz de seu irmão !  
se as bagas de suor, da gleba ao servo alagam,  
em quanto folga ou dorme o inerte castelão !

Ergueste um grande templo ! abriste o santuário  
e o mundo então chamaste à comunhão do amor !  
foste-lhe vida e sol ! teu peito era sacrálio,  
fonte de graça e luz ! E negam-te, Senhor !

— rasgam-te em negra orgia a túnica sagrada !  
revolvem tua cruz em torpes lodaçais !  
lançam-te escárneo e cuspo à face immaculada !  
blasfemam do teu nome em córos infernais !

Ozas da nova idade, alçaram mão profana,  
ao vento dispersando o livro sem igual !  
e as folhas do *Evangelho*, enmudecido o hosana,  
insulta-as a risada em torpe bacanal.

E homens, que o céu maldiz, ergueram como espetros  
nos ágapes do amor ensanguentadas mãos ;  
cingiram uma c'ròa ; e, levantando cetros,  
calearam tudo aos pés ! — não viram seus irmãos !

A quem por senda errada os passos encaminha  
rasgue-lhe os véus do êrro o esplêndido farol !  
— o amor, que o andrajo humilde à púrpura avisinha,  
desate-se em clarões de lúcido arrebol,

Suceda à noite o dia ! — Oiça-se a voz do povo  
onde se envolve o orgulho em sedas e ouropéis !  
cumpra-se a tua lei, a lei que eu amo e louvo !  
bendigam tua cruz nobres, peões e reis !

A tua doce voz foi brado no deserto  
 que o pobre, o infante e o humilde apenas acordou !  
 — o grande alevantou-se; e ao povo mal desperto  
 lançou férreos grilhões, e altivo o espesinhou !

Mas tu és bom, ó Cristo ! — a vista ao céu levanta,  
 e pêde inda a teu pai que lhe perdôe, Senhor !  
 Luz ao pequeno ! ao grande ! ao verme ! ao cedro ! à  
 planta !  
 pois és o sol e a vida, a liberdade e o amor !

*Dois cavaleiros, armados, e de viseira caída,  
 entrando no camarim :*

Saudamos a alta beleza  
 da alta princesa Leonora !  
 Nenhum receio, princesa !  
 Todo o silêncio, senhora !

*LEONORA, aterrada :*

Homens ! espectros ! demônios !  
 bandidos ou salteadores !  
 e a quem procurais, senhores ?  
 quem sois vós ? que me quereis ?

*Os cavaleiros, fechando placidamente  
 a porta do camarim*

A paz vos desça ao espírito,  
 se não quereis dar ao vento  
 as queixas que soltareis !

*LEONORA, aflita:*

Quê ! pois já não sou Leonora ?  
 a voz me telheis assim ?  
 ¿ Quem vos franqueou a entrada  
 dentro do meu camarim ?  
 Mas se dorme o duque Alfonso,  
 ou por montados discorre,  
 ¿ está deserto o palácio ?  
 ¿ ninguém aqui me socorre ?

*Caminha para a porta, que encontra fechada*

*OS CAVALEIROS :*

É baldado todo o empenho  
 em pedir socorro agora !  
 não pôde ouvir-se lá fora  
 o vosso brado ! não pôde !  
 e, certo, ninguém acode  
 à voz da augusta Leonora !

*LEONORA, sempre aflita*

Mas em nome de que leis  
 meu aposento invadis ?  
 Essa viseira que diz ?  
 Quem sois vós ? que me quereis ?

*OS CAVALEIROS :*

Nada importa que saibais  
o nosso nome e direito ;  
e nada valem os ais  
que irrompem do vosso peito.

O que importa, o que queremos,  
é que o papel que trazemos,  
e que ante vós ora está,  
leve escrito o vosso nome  
pela vossa mão, e já !

*LEONORA :*

¿ Que é pois mester que eu assigne ?

*OS CAVALEIROS :*

As escrituras legais  
de um casamento... do vosso !

*LEONORA :*

Do meu casamento ! e posso  
saber quem por meios tais  
atrás da fôrça se esconde  
para ser meu noivo !

*OS CAVALEIROS :*

O conde...

*LEONORA :*

Êle! e à fôrça! cobardia!

*OS CAVALEIROS, levando a mão ao punhal:*

Já não tarda a luz do dia,  
e a evasiva é mal cabida;  
— nada de apodos balofos  
em que o tempo se consome!

Venha a razão, e decida:  
ou escreves o teu nome,  
ou então... perdes a vida!  
Toma pois a pena! vamos!  
ou nos dás teu nome escrito,  
ou nós mesmo o traçamos  
co'a ponta dêste punhal!  
— a tinta será teu sangue  
que espirre ao som de um lamento,  
e papel o pavimento  
dêste palacio ducal...

*LEONORA:*

Deixai-me pensar na fôrça  
desse dilema fatal,  
alguns momentos...

*OS CAVALEIROS:*

Senhora,  
esperamos meia hora!

.....

## CANTO VI

### TERCEIRO QUADRO

(AO DR. COELHO DE CARVALHO)

*Tasso, assentado à beira-mar. As ondas vêm quebrar-se-lhe aos pés. De um lado, Sorrento; e do outro as águas azuis do Adriático.*

*Tasso:*

Nem Rôma, co'os destroços e ruinas  
que lhe restam dos tempos que passaram ;  
nem Mântua, o flóreo berço de Vergilio,  
com suas festas e bulício e galas ;  
nem as vozes da glória que se elevam  
das multidões que em tôrno a mim se agrupam ;  
nem o raivar da inveja que se morde  
ante os triunfos do rival de Ariosto.  
puderam abafar a voz continua  
que me fala de angústias e saudades !

Bem hajas, solidão! — só tu me ofertas  
o calix onde bebo o esquecimento  
de passadas torturas! mas não fogem  
do coração as dores da saudade  
que eu sinto junto ao mar. Pórcia de Róssi,  
por estas praias, me levava ao colo,  
fazendo-me apreñer ainda infante  
os gemidos das ondas! Escutei-os...  
vingou em frutos a lição precoce!...

Também nestas areias eu vagava  
a sós com minha irman! Pobre Cornélia!  
nem tu me restas, companheira amiga  
nos risos e folguedos de criança!

Dize-me tu, ó mar: à que paragens  
levaste aquelas conchas esmaltadas,  
que eu apanhava em tuas praias de oiro?  
à onde abismaste aquelas brancas flores  
que a fronte me adornavam quando infante?

Tudo caiu nessa fatal voragem,  
em que os anos resvalam, sem que os anos  
enchê-la possam! — dorna das danaides,  
sem fundo, nem alivio para os mártires,  
atrelados à roda do destino!  
Tudo passa! mas tu ainda sóltas  
de praia a praia cantos e lamentos!

Ruge o leão do Atlas na floresta ;  
 esbraveja o simum na África adusta ;  
 rompe o sol das montanhas do Oriente ;  
 os campos atapetam-se de flores ;  
 opulentam-se os ares de perfumes :  
 mas um dia o leão entra no fojo,  
 e cala para sempre a voz medonha ;  
 mas o simum varre o Saharâ, e foge ;  
 mas esmaiam as flores sob a calma,  
 e não mais se respiram os perfumes !

E tu és sempre o mar, cantando às rochas  
 segredos que em ti guardas do passado !  
 quem t'os podéra lér, ó livro immenso,  
 nas folhas que desdobras sóbre a praia !  
 quem decifrara a história dos gemidos  
 que espalhas pelas bibulas areias ?  
 Sentinel que os tempos não curvaram,  
 tens visto as gerações passando ao nada,  
 e enviaste um lamento a cada uma !  
 E nunea a tua voz se extingue e morre,  
 como o vento que chora nos ciprestes !  
 — ontem, hoje, e amanhã, e sempre, e sempre,  
 não cessas de carpir a humanidade !

Venho gemer contigo ! Se os meus olhos  
 estilarem ao menos uma lágrima,  
 abre o teu seio immenso ; em tuas pérolas

deixa esconder-se a pérola desta alma ;  
e, de envolta co'os ais que desentranhas,  
leva ás eras por vir os ais que eu sólto !

*Um Gondoleiro, cantando :*

As gôndolas de Sorrento,  
não há nada a que as compare !  
Minha gôndola, que o vento  
te leve a Castellamare !

As gôndolas da baia  
que voguem lá sobre a areia !  
a minha já foi a Ischia,  
e já volteou Caprêa.

As auras sopram fagueiras,  
e a tarde corre saudosa.  
Lá ficam as laranjeiras  
da Pausilippo formosa.

Nas cidreiras côn de esp'rança  
ninguém há que não repare !  
Minha gôndola, descansa !  
Cheguei a Castellamare !

## CANTO VII

---

### PRIMEIRO QUADRO

(A D. MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO)

*As ruinas de Roma, entre o Capitólio e San-Giovanni de Laterano. À esquerda os muros denegridos do Coliseu. Ao lado do Capitólio, a rocha Tarpeia. Ao longe, o Tibre.* —

*Tasso, entrando em Roma*

Rainha, salvè ! Agora, que eu te vejo,  
levanta-me os padrões da tua história :  
quero ver se inda escuto a voz da glória,  
que levava teu nome ao Nilo e ao Tejo !  
¿ Que é do manto real que nos teus ombros  
flutuava á mercè dos quatro ventos ?

¿ Que é das corôas, que o valor tirava  
da fronte aos reis, e t'as lançava ás plantas ?  
¿ Que é dessa espada que em paragens tantas  
negra mortalha a tantos reis talhava ?

Tens bravos filhos, & onde estão, rainha ?  
 heróis, que nunca na travada luta  
 arrancavam a espada da bainha,  
 que esta de novo a recebesse enxuta ?

Responde ! Mas que sombras agoirentas  
 da tua fronte o resplendor enturvam ?  
 & que maldições tua cerviz acurvam ?  
 que já não podes conjurar tormentas ?  
 Vacilas, tremes e resvalas débil  
 do erguido trono em que trajaste galas !  
 Choras, rainha ? Que suspiro flébil  
 te rompe os labios, quando ao chão resvalas ?

Cinzas, que o vento sói varrer gelado  
 desta necrópole onde o horror fascina,  
 falai-me vós de entre a eral ruina,  
 contai-me dêsse tempo que é passado !  
 Mário ! que nos destroços de Cartago  
 sentar-te foste, só, meditabundo,  
 vem hoje ver o miserando estrago  
 que o tempo abriu na capital do mundo !

No ocaso, há tantos anos, escondidos,  
 surgi, César e Numa, sóis de glória ;  
 alumiai as fôlhas dessa história  
 que tem por letras pedestais caídos !  
 Cipião ! tu, que na África inimiga,

de tuas glórias espalhaste a fama,  
esquece a ingratidão da Roma antiga,  
surge do pó, vemvê-la, herói de Zama !

.....

Ninguém responde ! nem o virgem côro  
das vestais puras, nem a voz dos bravos,  
nem a grita confusa dos escravos,  
nem o eloquente discursar do fôro !  
Calou-se a vós de Cícerô ! o senado  
e o universo não pendem dêsses lábios  
que já fizeram, levantando um brado,  
tremer traidores e pasmar os sábios !

Filho desnaturado, que a ruina  
procuras à mali-pátria, larga o pejo,  
podes vir dar-lhe o traiçoeiro beijo,  
podes entrar agora, Catilina !  
Heliogabalo ! surge, tripudia,  
abre a porta aos bordéis em que te escondas !  
Nero ! respira sangue ; ao sangue ! à orgia !  
ao matricídio ! às saturnais hediondas !

Fundo silêncio o Coliseu abraça !  
— Tudo sem vida, silencioso tudo !  
Ninguém responde ! está deserto e mudo  
o anfiteatro flávio, o circo, a praça !  
O Tibre apenas lânguido murmura,  
e as faldas da Tarpeia vai beijando ;

e as ruinas que o fogo denegrira  
inda maldizem o feroz normando !

Se por este horizonte a vista alargo,  
surgem nuvens de pó, que assim disperso  
vela o sono à rainha do universo,  
adormecida em secular letargo !

Onde as águias romanas esfaimadas  
se opulentaram das nações co' o espólio,  
vejo apenas ruínas, pó e ossadas,  
e a cruz erguida, além, no Capitólio !

Como és grande, velando as ruinarias  
em que firmas os pés, ô cruz bendita !  
a quem os olhos em teus braços fita  
¡ que bálsamos do céu, que amor lhe envias !  
Mais triunfante que os césares da história,  
levantas-te de Roma nas colinas,  
e o caminho da luz, da paz, da glória,  
de gerações em gerações, ensinas !

Ruem por terra o pedestal e a areada,  
o deus de Belvedere, a palma e a esfinge ;  
derruba o tempo a auréola que nos cinge,  
mas tu não cabis, ô árvore sagrada !

Quando as crôas me esfolhe o torvelino,  
quando a foice fatal meus dias corte,  
abre-me os braços ! deixa o peregrino  
à tua sombra descansar na morte !

.....

## QUARTO QUADRO

*Tasso:*

.....  
Não me chores, amigo ! a eternidade  
é manancial perene de ambrosia  
a quem libou o fel da vida, e ao crente  
que soube amar com alma de poéta !  
.....  
.....

Estou cansado, e a febre não descansa !  
mas no meio da angustia derradeira  
sinto não sei que alívio ! — abrem-se os ares,  
e acenam-me de longe as asas brancas  
de um querubim... É ela, a minha esposa...

*O MONGE, rezando o salmo XXX de David :*

« Eleva-me, ó Deus justo, ó sol da eterna luz !  
« que toda a minha esp'rança ém ti, Senhor, depus !

« À voz de quem te implora, inclina teus ouvidos,  
 « atende já, Senhor, meus intimos gemidos !

« Eu ando só, bem vês : sê tu meu protetor ;  
 « abre-me a tua casa, abriga-me, Senhor !

*Tasso, a Manzo :*

Descerra essa janela... assim. Ver quero  
 pela última vez o céu da Itália !

Quero ver esse céu, onde as estrelas  
 serviam de cortejo à triste lâmpada  
 que Deus suspende na infinita abóbada !  
 Agora, vem sentar-te aqui mais perto  
 do teu amigo, e escuta.

Não te esqueças  
 de quem na hora extrema não abraça  
 outro amigo, e que amigos não conhece !  
 Passei por entre os homens desprezado,  
 invejado dos grandes, e mal visto  
 dos pequenos. Mas tu, que inda na terra  
 ficas, até subir ao teu calvário,  
 dirás aos homens, meu fiel amigo,  
 que os amei como irmãos ; que nos meus cantos,  
 como no puro espelho da minha alma,  
 a imagem do meu Deus se reflectia ;  
 que despedi o alento derradeiro  
 erguendo as mãos Àquèle que além-túmulo  
 premia os que na terra não tem prémio !

e que, ao lado da cruz do Nazareno,  
 meus joelhos dobrei aos pés da virgem  
 que além me espera, por me dar a palma  
 de tanto amor !

.....

Desmaia no ocidente  
 o astro da alegria, já cansado  
 da carreira diurna ! Espera um pouco,  
 ó astro dos meus dias venturosos ;  
 não te escondas sem mim ! leva-me ! leva-me !  
 aos floridos jardins da minha esposa !  
 salva-me tu das sombras desta vida !  
 leva-me à luz ! aos braços de Leonora !  
 leva-me aos pés d'Aquêle que te envia !

*(Expira)*

*O MONGE, continuando o salmo :*

« Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito,  
     « pois que da tua mão  
 « agora me caiu nas trevas do meu cárcere  
     « a luz da redenção !

# JORNADA III

---

## PARIETÁRIAS

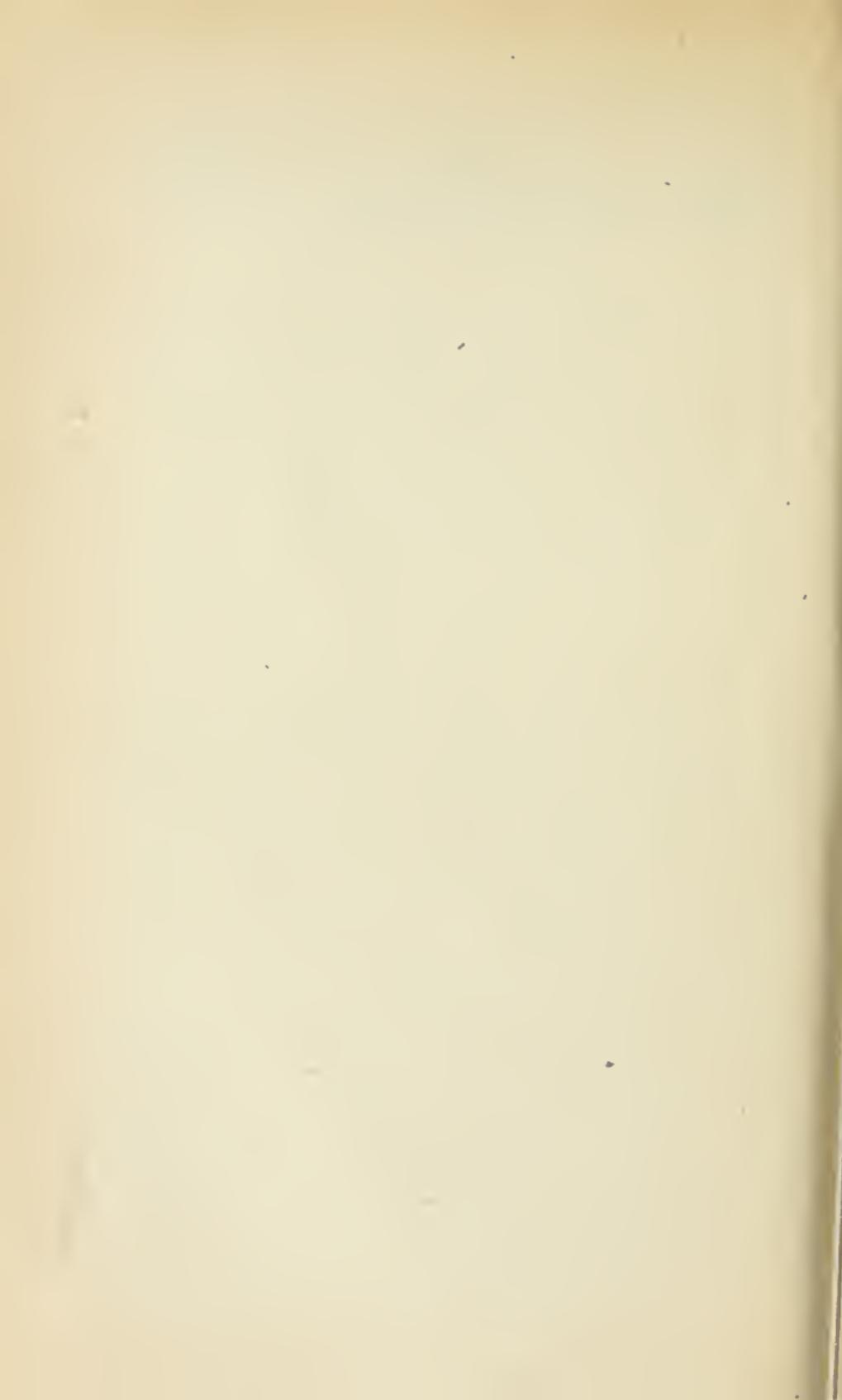
(EXTRACTOS)





## AS «PARIETÁRIAS»

O livro *Parietárias*, publicado em 1871 pela Emprêsa do *Diario de Noticias*, para com êle brindar os seus assinantes, não entrou no comércio. Versos da adolescência, parentes próximos dos *Quadros Cambiantes*, se não atestam sensivel melhoria de fórmula, registam certamente impressões de uma quadra da existência, em que a imaginação mais alto paira, e em que os afectos mais fundo se enraizam. Quem, dos 20 aos 24 anos, não é poëta, quase não merece as primaveras que Deus nos manda.



## *Palavras de Pinheiro Chagas*

---

Tem o *Diario de Noticias* o formoso costume de presentear todos os annos os seus assignantes com o brinde de um livro de prosa ou verso, e, como já vae em sete annos a existencia da folha popular, dispõem os seus fieis soldados de uma bibliothecazinha de seis volumes, que, valha a verdade, nalguns pontos do nosso sertão, devem dar á casa do feliz possuidor a fama de ter dentro dos seus muros uma livraria conventual, que não cederá em riqueza bibliographica senão á livraria do mosteiro de Tibães ou á bibliotheca de Strasburgo, antes de os Prussianos a incendiarem.

Foi o ultimo brinde, como os leitores sa-

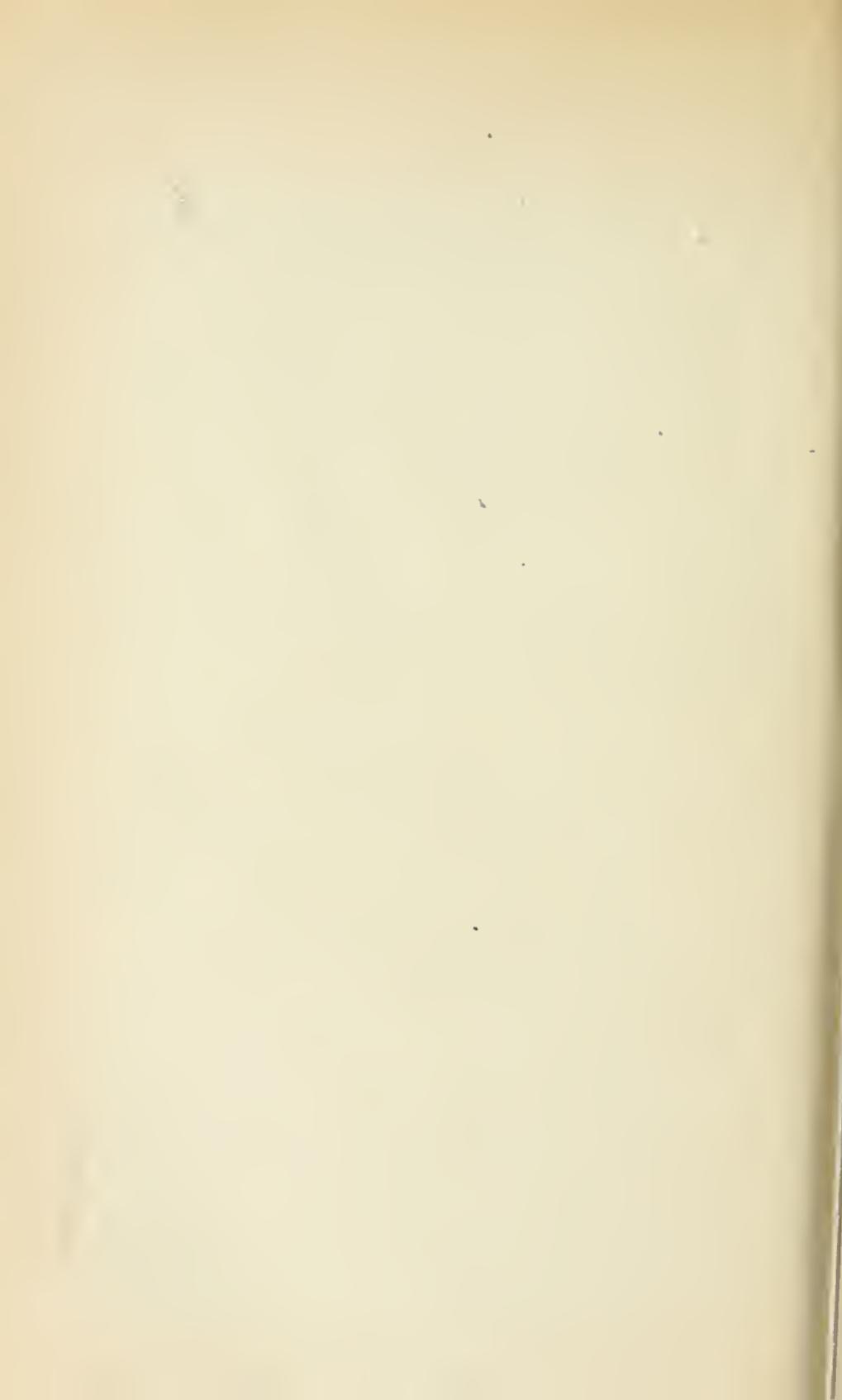
bem, um volume de poesias do sr. Cândido de Figueiredo, intitulado *Parietarias*. Àcerca deste livro acho-me eu neste momento na mais original das situações. Habitualmente o revisteiro bibliographico indica ao publico o merecimento de um livro novo e incita-o a que vá compral-o. Ora o leitor deste folhetim ou é assignante do *Diario de Noticias*, ou não; no primeiro caso já leu as *Parietarias*, no segundo não pode tel-as. De forma que os elogios que eu fizesse a essa formosa collecção despertariam os bocejos de uma parte dos leitores, e as maldições da outra. *C'est trop de deux, madame*, dizia o Ruy Gomes da Silva do *Hernani* em casos menos apurados.

Troquemos comtudo algumas palavras ácerca deste moço poeta. E' um talento verdadeiro, não acha? Pensador e entusiasta. Tem estrophes de uma adoravel melancholia, e outras aquecidas por todo o calor de uma alma generosa. É delicadissima a poesia dos *Tres véus*, magnifica a *Ave, libertas*, profundamente reflectida a que se intitula *Crenças. J'en passe, et des meilleures*, direi eu ainda,

já que decididamente não faço neste folhetim senão tropeçar, com o devido respeito, nas barbaças brancas do venerando heroe de Victor Hugo.

Eu sigo ha muito, com verdadeira admiração, os passos do sr. Candido de Figueiredo na carreira das letras. Não são tão abundantes os talentos poeticos da nova geração que se não sinta um verdadeiro prazer, quando se encontra uma inspiração tão robusta como a do auctor das *Parietarias*.

PINHEIRO CHAGAS.





## DEDICATÓRIA

Quando à tarde o perfume destas várzeas  
com o fumo do albergue se elevanta  
ao céu tranquilo; quando as auras tépidas  
baloiçam languidas a mole acácia,  
e quando o sol desmaia no ocidente  
e canticos resaltam das balseiras:  
debruço-me à janela, a ver ao longe  
as palhetas doiradas que o céu franjam;  
e bebo, a longos haustos, o perfume  
que me banha e que vem, mas não sei donde,  
na corrente das auras vespertinas.

E o céu é vasto mar! as nuvens de ouro  
são ondas vaporosas que me levam  
por ignorados mundos de harmonia!  
E quando eu assim vou,—ligeira pena  
boiando à flôr de um lago desmedido,—  
oïço harmonias que aprendi no berço,

e curvo-me no abismo do passado  
 a escutar cada nota dêsse harpejo  
 que me embalou infante! — notas soltas  
 de um cântico celeste, mas tão triste  
 como um lamento de feral agoiro.

Quem diz o que é saudade? Nessas horas,  
 em que, avocjando a alturas mal sonhadas,  
 corro de pólo a pólo o espaço e o tempo,  
 escuto embevecido o harpejo ignoto,  
 e vejo perpassar ante meus olhos  
 a doida valsa de ligeiros silfos;  
 passam gnomos; agitam-se grinaldas;  
 estrélas tremeluzem; deslumbrantes,  
 joias das sete côres se dispersam  
 por tapetes e plácidos trielinios;  
 cambiantes de luz levam os olhos  
 presos ao voltar de brancas sifides!  
 E, inundado de luz e de harmonia,  
 eu sinto um vácuo imenso! — estendo à vista,  
 e assoma a tua imagem melancólica  
 a dizer-me dalém: «Meu canto é triste,  
 porque é triste a saudade! se não pôdes  
 encravar essa roda que te esmaga,  
 solta um gemido! eu gemerei contigo!»

Levanto a voz, e ao teu saudoso harpejo  
 eu vou juntar então meus tristes cantos.  
 Porque não? — A alvorada que assurgia,

aureolando de rosas minha fronte,  
escutou-me os prelúdios matutinos,  
e há de escutar-me os eantos magoados.

.....  
.....

Desalentado no arraiar da vida,  
disparo a vista pelo mundo em fóra,  
e os crepes se me estendem sôbre as flôres  
que matizavam minhas doces várzeas !  
Dizem que a mocidade é sempre alegre !  
Talvez ! E que tem lá que eu seja moço ?  
Talvez ! Antecipou-se a minha tarde !  
Fatal entardecer ! — Apalpo o mundo,  
e já lhe sinto as pústulas que o róem ;  
mas, de entre a ingrata podridão levanta-se  
immaculado o arcanjo da poesia !  
— Sacode as asas brancas, e esvoaça  
por cima dos marnéis ! Cái-lhe dos olhos  
sentido pranto sôbre o térreo lodo !  
com a dextra nevada aponta os astros,  
e, na outra mão, segura uma corôa,  
— a corôa do génio — entretecida  
de espinhos, de martírios e saudades !

.....  
.....

Vais escutar-me pois ! Mas, se entre os cantos,  
resvalar uma lágrima furtiva,  
pára, e remira o rosto nessa lágrima,  
por mim vertida ao relembrar teu nome !

Depois, fecha o meu livro, e estende os olhos  
á nuvem do poente, que se estira  
pelas orlas do céu, ao fim da tarde !  
Estende ! — nessa hora, os meus olhares  
hão encontrar os teus no mesmo ponto !  
E desça embora a noite ! — é sono doce  
o dormido nos braços da saudade !  
— reponta a lúa, e a sombra do passado  
vem apertar-nos em abraço estreito,  
dormindo-se conosco ! Eu vos bendigo,  
brancas visões, que me enlevais a mente,  
ao fim do dia, ás horas da saudade !

---

## HARPA NOCTURNA

(A JOÃO PENHA)

És bela assim! No levante  
vem a lua a despontar;  
beija-te a aragem fragrante,  
e ilumina-te o luar!

Agitam-se as verdes frondes  
do mûrmuro laranjal,  
onde a revêzes escondes  
essa beleza ideal!

Andam no ar uns harpejos  
que, donde vêm, não sei eu!  
são talvez loucos desejos  
de quem para amar nasceu!

— Tu não sabes os segredos,  
que nestas noites de amor  
vão por êsses arvoredos,  
onde quer que a aragem fôr! —

A lúa vê sua imagem  
no teu scio de marfim,  
e envolve-te na roupagem  
de uma fada... És bela assim!

Tu és bela como a ondina,  
vestida de espuma e luz!  
como a estátua alabastrina,  
que o génio da arte traduz!

como as eriações formosas  
que Deus ao seu lado quis!  
como as visões radiosas  
dos meus sonhos mais febris!

Mas quem poderá dizer-me  
que não és uma visão?  
que a tua branca epiderme  
e os teus olhos algo são?

Perdôa! Eu tenho sonhado,  
por noites de amor sem fim,  
que vejo e sinto ao meu lado  
as faces dum querubim;

e, quando a aurora reponta,  
doirando-me as solidões,  
sempre essa visão remonta  
a ignoradas regiões!

Eu tenho sonhado tanto  
que, mesmo aqui a teus pés,  
os meus olhos não levanto, •  
sem duvidar de quem és !

Mas tu não serás um sonho,  
que a aurora vem desfazer !  
as crenças, que em ti deponho,  
jámais no pó hei de ver !

E dize-me : pois não há-de,  
ao fim de tanto sonhar,  
descer-me a luz da verdade  
num raio do teu olhar ?...

Se descerá ! Tantas graças  
me enleiam o coração,  
que os braços, com que me abraças,  
não sei se existem, se não !

Se não existem, se mente  
o encanto que me seduz ;  
se os braços, que eu beijo ardente,  
são braços da minha cruz...;

se um teu íntimo suspiro  
foi aragem que passou ;  
se apenas sónho e delíro ;  
se atrás de miragens vou...

Deixa-me andar vagueando  
atrás de um fantasma vão ;  
eu quero viver, sonhando  
contigo, doce visão !

Se nos montes do oriente  
a madrugada apontar,  
embala-me eternamente,  
não me deixes acordar... .

## A ALGUÉM

(A TEIXEIRA DE QUEIRÓS)

Não creio no teu pérvido sorrir,  
nem creio no dulçor do teu falar !  
Em balde me procuras seduzir :  
não me seduz, mulher, teu brando olhar !

Vozes mais francas poderia ouvir  
quem aos antros do vicio fosse dar !  
O amor, a chama que tu crês sentir,  
é como o fumo que se esvai no ar !

E eu sinto um coração ! em quanto fôr  
vivendo vida escura, eu hei de crer  
na luz que me enche o seio de esplendor !

Eu creio, sim ! a Providênciâ quer  
que o amor florcje ; mas, se existe o amor,  
não existe num peito de mulher !

---

## ALVORADA

(AO DR. EUGÉNIO EGAS)

¿ Nem agora sorris ? O triste inverno  
levou consigo gelos e neblinas ;  
e um raio dessa luz do dia eterno  
beija o seio fecundo das campinas !

Cornucópias de flôres  
decoram a esplendente primavera !  
Tudo o que sente,—o homem como a fera,—  
sente no peito o fogo dos amores !

¿ Porque não amas tu ? Se te pregunto  
o caminho que leva aos teus retiros ;  
se bem reparo nesse teu conjunto  
de perfeições ideais ;  
¿ porque respondes sempre com suspiros  
que me endoidecem mais ?  
Ó ! não sepultes coração tão vasto  
no pó de uma tristeza prematura !  
¿ Já não crês na ventura ?

Eu que, sem ti, chorosa vida arrasto,  
posso mostrarte onde a ventura existe !  
Não quero ver-te solitária e triste,  
êrmo de júbilos teu seio casto !

Lá baixo as alamedas  
enramam-se e entreernizam-se virentes ;  
e as avezitas, pipitando ledas,  
celebram seus amores innocentes !

Avistam-se triclinios de verdura,  
cascatas alvejando ;  
e o doido e alegre bando  
de esquivas borboletas, que procura  
nos nectários da flôr  
a ambrosia do amor !

Escuta o que te diz  
o anjo do amor, que vela a mocidade :  
deixa à velhice o pranto e a soledade,  
ama, e serás feliz !

---

## A ESPANHA LIVRE

(1869)

(A DANIEL CORTÁZAR)

*Voilà l'homme rouge qui passe !*

V. H.

A mão, que terra e mar e céu governa  
dês que existe a verdade, tinha escrito  
no eterno livro da verdade eterna  
— que havia ser liberto o povo aflito  
que gemia entre ferros... Chega a hora !  
a luz inunda a Europa, corre, lavra ;  
na Espanha faz-se ouvir uma palavra  
que fala de resgate !... Rompe a aurora  
da redenção bendita ; e a treva espessa  
deixa lugar à vida, à luz, à ideia !  
despedaçam-se os elos da cadeia !

levanta-se a cabeça  
ao sol que no tugúrio e na cidade  
espalha a santa luz da liberdade !

Olhai-o ! fronte curva, de olhos torvos,  
lá foge, procurando a solidão,  
o fantasma da morte e da opressão !  
Vão-lhe no rasto sanguinosos corvos,  
que cheira a sangue o lúgubre fantasma...  
Leva na fronte o estigma do carrasco ;  
nos ombros o machado fratricida ;  
entre os braços o cânhamo, que à vida  
roubou da Espanha predilectos filhos ;  
esconde-se à verdade que o condena  
e à luz que o cega ; os olhos inquietos  
fulguram como os da cativa hiena !  
Vestes, da côr do sangue... Quantas vítimas  
não deixaram cair sobre essas vestes  
o sangue que jorrava do patibulo,  
que era ali o banquete de Tiestes !

Era a idade de ferro ! — Os fariseus,  
curvados nos degraus do santuário,  
não mostravam aos homens o sudário  
de quem vinha espalhar a voz de Deus !  
Dos vampiros a tétrica falange  
escavava o sepulcro dêsse povo ;  
e o crente, que buscava um dia novo,  
sempre encontrava de Maomé o alfange !...

Nas escaldadas rochas das Astúrias,  
a sombra de Pelaio suspirava,  
por ver immersa em trevas, triste, escrava,

essa raça de heróis ! A Andaluzia  
voltava as costas ao dragão da sombra,  
e co'as ondas azues do mar gemia !

Eras um círculo immenso, ó velha Espanha !  
de um lado, os Alpes ; de outro lado, a Estréla ;  
ao sul, do Calpe a inóspita montanha ;  
ao norte os Pirenéus..., eras o corso,  
em que o gênio das trevas lacerava  
os filhos d'esta luz que a todos banha !  
e, daquelas barreiras sôbre o dorso,  
Portugal, França, Itália te espreitava !  
Um dia rebentou vulcão estranho ;  
e, abrindo os Pirenéus, a Estréla e os Alpes,  
deixou entrar um esplendor tamanho,  
que a Espanha foi um mar de luz e glória,  
de Santander a Cádiz e Alcolea,  
onde um povo algemado se despeia,  
e Espártaco ergue os hinos da vitória !

Vales de Andaluzia e de Aragão,  
doces margens do Bétis, alastrai-vos  
de verdura e de flôres ; o aquilão  
já vos levou os repelentes laivos  
que o sangue de innocentes vos deixára !  
e a luz da liberdade, que vos banha,  
foi a piscina que lavou a Espanha  
da culpa original que a maculava...

Filhas do Manzanar, tecci corôas  
aos valentes da pátria, aos filhos dela !  
Rasgaram-vos as nuvens da procela  
que inda obrumbava o céu peninsular ;  
arrancaram do solo a mancenilha  
que a luz roubava ás flôres dessas margens ;  
e a sombra, que se fôra levantar  
sob esse céu que de continuo brilha,  
do Manzanar nas viridentes vargens,  
fugiu deante do esplendor celeste,  
que a liberdade sobredoira e veste !

Ei-las em terra as tâbuas dos patibulos !  
Irmãos a irmãos se abraçam ! Nova estréla  
assoma além nos visos da montanha...  
É vossa a Juz, é vossa a glória, ô bravos !  
longe, bem longe os ferros dos escravos !  
Àvante ! eis o caminho ! Àvante, Espanha !

---

## MEMÓRIAS

(A LOUIS LOMBARD)

Ei-los aqui ! Tão belos como quando  
tu m'os dèste naquele triste dia !...  
Deixa-me estar agora contemplando  
estas santas relíquias — teus cabelos !

Se o pranto da agonia  
me não cega de todo, eu hei devê-los,  
sempre que a tua imagem cá me envia  
alguma triste e pálida lembrança !

Nada mais ! — uma trança,  
segura por um laço côr do céu,  
de ti é quanto resta !  
O mais é cinza ! a negra sepultura  
deixou cair o misterioso véu  
que me veda o mirar-te, ó alma pura !

Vejo-te apenas, filha do martírio,  
 quando em noites de febre e de delírio,  
 eu recordo o teu gesto e a tua voz ;  
 e quando no ermitério eu vago a sós,  
 ou me ponho a escutar falas tão doces,  
 como se viva fôsses !

Vejo-te, quando, à luz da madrugada,  
 já livre de nocturnos pesadelos,  
 deixo correr a vista embaciada  
 por esta longa trança de cabelos !

Como eu beijo estes fios reluzentes,  
 tristes memórias de um amor tão triste !

Cuidando ver presentes  
 as mãos que os entrançaram, imagino  
 uma daquelas horas bem-fadadas,  
 em que amparavam tuas mãos nevadas  
 esta cabeça que estuava ; e inclino  
 de novo a fronte ; e, do que souho e vejo,  
 só a trança orvalhada abraço e beijo !

Esta comprida trança é um fragmento  
 dêsse manto de seda, que te vinha  
 da cabeça ás espáduas de marfim ;  
 e que, se o baloiçava à tarde o vento,  
 se cruzava co'as franças do teu parque,  
 e absorvia os aromas do jardim !

Quantas vezes, à beira das camélias,  
nesse manto gentil e perfumado  
tu me abrigaste o peito lacerado !...  
não era mancenilha que se abria  
por me instilar a morte :  
era árvore de vida, a cuja sombra  
remoçar me sentia !

Em vão procuro em meu deserto agora  
a tua sombra, ó árvore frondente !  
queima-me os pés a areia abrasadora,  
tisna-me as faces o simum ardente !  
Tu és o meu oásis, pobre trança :  
junto de ti, o viandante lasso  
sente não sei que alívio ! susta o passo,  
dessaú-se e descansa.

## DEUS NÃO DORME

(AO CONSELHEIRO DR. ANTONIO CANDIDO)

A calma noite mil faróis esplêndidos  
desenha ao fundo de azuladas telas ;  
ilumina-se o eterno santuário  
que tem por lâmpadas milhões de estrélas.

No entanto, sobre a face d'este mundo,  
um véu de negras sombras se desdobra :  
o rei da criação a fronte dobra,  
e ei-lo sepulto num dormir profundo.

Diga-me alguém porque palpita a vida,  
dessas estrélas na brilhante coorte,  
quando bafo do sono — irmão da morte—  
toda a terra ficou adormecida !

Eu sei! — aqueles sóis de luz suavíssima  
deixam-me adivinhar outros fulgores :  
são lâmpadas suspensas no vestíbulo  
do templo dos eternos esplendores.

Minha alma, eleva-te á amplidão dos céus !  
Que vês lá ?... — De continuo a Providência  
trabalha no mistério da existência,  
e... o mundo adormeceu, mas vela Deus !

## EGEU

(A RAMALHO ORTIGÃO)

Corre serena a tarde. O canto dos barqueiros  
vai casar-se no Himeto à voz dos pegureiros.

Espelha os céus azues, das águas o lençol ;  
nas tangentes do mar vai resvalando o sol.

E o mar arqueja ali, como alimária enorme  
que, depois de lutar, caiu, repoisa e dorme !

Ó que saudade immensa o peito vem cortar,  
ás horas do sol-pôr, na Grècia, junto ao mar !

E o trémulo ancião, de cans ao vento dadas,  
contempla de um fraguedo as ondas azuladas !

Como pintam no Horeb as lendas dos Hebreus  
êsse, que estende o olhar aos campos canaaneus,

dói-lhe não ir a vista aonde o amor alcança ;  
e estende, estende o olhar... Que dolorosa esprança !

Se ao longe branquejar a vela de Teseu,  
alegra-te, ancião, — regressa o filho teu !

Mas, se apontar ao longe alguma vela preta,  
volta o navio só, — morreu teu filho em Creta.

E Egeu estende sempre o angustiado olhar  
pelas ondas azuis do irrequieto mar !

A lua ergueu-se além ; passam de largo as frotas ;  
a alelione suspira e gemem as gaivotas !

E a vela de Teseu não surge ainda ao sul :  
azul é sempre o céu, o mar é sempre azul !

Aguarda, triste pai ! o mar, que espelha a lúa,  
espelha o teu anciar, chora a saudade tua !

e há de trazer teu filho... Um ponto escuro ! vês ?  
avista-se no sul ! Repara ! é nau talvez !

No olhar o velho abrange a vastidão das águas,  
no indefinido olhar, núncio de fundas máguas !

E o ponto escuro cresce, e cresce mais e mais...  
Quedai-vos um momento, ondas que baloiçais !

Surge um vela preta ! O velho treme, hesita,  
os olhos ergue ao céu, e ao mar se precipita !

Em círculos abriu-se immenso boqueirão,  
levando a dôr e a vida ao desdito ancião !

Foi-se um profundo ai repercutir nas fráguas ;  
e a lua continuou mirando-se nas águas.

---

## CARPE DIEM

(A CRISTOVAM AIRES)

Memória ! luz sinistramente clara,  
que deixas ver o negrejar de escolhos,  
é sortilégio que me prende os olhos  
às tábuas do baixel que naufragara !

Acendes-te, e o passado ressuscita  
rodeado de fúnebre cortejo !  
e, se ergo a vista ao alto, apenas vejo  
nuvens toldando a abóbada infinita !

E, no entanto, eu sou moço, e a juventude  
devia-me doiar a fantasia,  
coroar-me de rosas, e devia  
de rosas adornar meu alaúde !

Pois Abril, a estação florida e bella,  
que varre as nuvens do horizonte escuro,  
dêste meu triste inverno prematuro  
não levará o frio que enregela ?

Memória ! eu te maldigo ! Quando acorda  
a voz das aves por manhans serenas,  
surges fatal e triste, e me envenenas  
o calix de ambrosia, que desborda !

Quem te apagara, ó minha luz funesta,  
que êstes olhos diriges ao passado !  
quem mos guiara pelo verde prado  
que Abril enflora por manhans de festa !

Só tu, mulher, só tu me poderias  
apagar a memória que me esmaga,  
trazer-me as rosas, que frementa vaga  
lançou no abismo de passados dias !

Só tu possuis a voz do Nazareno  
que aos mortos dava luz e vida e fala :  
— nada no mundo à tua voz se iguala !  
nada semelha o teu olhar sereno !

Derrama um teu olhar na esconsa via  
que leva... nem eu sei aonde leva !  
seguir-te-á meu olhar, que inda se eleva  
àquela triste luz que me alumia !

Sólta essa voz ! não sei de rocha dura  
que, ao escutá-la, immóvel se fiesse !  
aproxima da minha a tua face !  
e eu saudarei a aurora da ventura !

Quero viver ainda ! poucos anos  
 hão passado na fronte que se enruga !  
 Tu, novo sol, que os olhos meus enxuga,  
 hás de apagar-me a luz dos desenganos...

Para mim, o passado não existe !  
 quero crer no futuro e no presente !  
 Na quadra alegre, na estação florente,  
 à que peito moço há, quié seja triste ?

À Não ouves tu ? Dos trémulos salgueiros,  
 rouxinóis prenunciam a alvorada !  
 Não vês ? Daqueles montes a assomada,  
 do sol a beijam os clarões primeiros !

Verdeja a encosta e o vale. Nesta hora,  
 em niagaras de luz o amor trasborda !  
 Se a luz do amor a natureza acorda,  
 acordemos também, saudando a aurora !

Espera-nos álem o bosque denso,  
 com seus estrados de esmeralda e rosas ;  
 e, de entre as bastas frondes rumorosas,  
 ao céu se eleva perenal incenso !

À sombra do arvoredo, visitados  
 pelas rêsias do sol, e pelas aves  
 que virão, com seus cânticos suaves,  
 tecer epítalamios inspirados,

nadaremos em mares de delicias,  
sem que o vento do norte agite as vagas ;  
embora as flôres, que no peito afagas,  
desmaiem entre beijos e caricias !

Quero vazar a chama que me inspira  
numa alma que me entenda, como a tua ;  
e ver se ante uma deusa semi-nua,  
um peito laceradoinda suspira !

Quero ver teus cabelos desprendidos  
num cabeçal de flôres ; querovê-los,  
os teus longos e nitidos cabelos  
com este meu cabelo confundidos !

Quero ver, face a face, esse mistério  
que me tem sido um pesadelo enorme ;  
de mil insónias a visão informe  
eu quero ver se é mais que um sonho aéreo !

Eu quero que os teus braços me comprimam  
bem contra o seio teu ; para que eu diga  
que uma cadeia só abrange e liga  
duas almas que tanto se aproximam !

E, se a noite vier, será teu leito  
a alfombra em que eu reipoise os membros lassos ;  
terás por almofada um dêstes braços,  
da aragem o outro livrará teu peito !

E, dormitando ali, hei de esquecer-me  
do que sofri ; julgar-me grande e forte,  
e rir-me alegre do ameaçar da sorte,  
se do gigante pôde rir-se o verme !

## A CÔR

(AO DR. PEREIRA DE LIMA)

Confessas que um doce beijo  
põe uma culpa remir,  
e á face te assoma o pejo,  
que te não deixa mentir.

E, como a doirada abelha  
que bebe o néctar da flôr,  
na tua face vermelha  
eu bebo o néctar do amor !

Quando a tua face côra,  
tomando a côn' da roman,  
ficas linda como a aurora,  
precursora da manhan.

Sempre que um louco desejo  
ao pé de ti me levar,  
eu hei-de pedir-te um beijo,  
só para te ver côrar !

Não imaginas o gôsto  
e a profunda devoção  
que eu sinto, quando em teu rosto  
se espelha o teu coração !

Córas, por que és uma santa ;  
e, já que tão santa és,  
ninguém por certo se espanta  
de que eu me curve a teus pés ;

nem pasma de que os meus cantos  
um beijo vão celebrar !

¿ Quem é que não beija os santos ?  
¿ Quem os não há de cantar ?

Feliz aquele que pede  
um beijo em calma de amor,  
e matar não pôde a sêde,  
de umas faces no calor !

Mas ai daquele que um dia,  
abrazado o coração,  
encontra uma face fria  
e um peito gelado e vâo !

Ó ! se um dia, murcho o pejo,  
não puderes ja corar,  
não mais te suplico um beijo,  
santa caida do altar !

## AVÈ, LIBERTAS !

*Para se recitar no teatro académico de Coimbra,  
no dia aniversário da independência de Portugal.*

(AO CONDE DE CABRAL)

Salvè, aurora que irradias  
da escravidão nos horrores,  
braço amigo que allivias  
ao escravo a sua cruz !  
Salvè, sol da mocidade,  
astro de vivos fulgores !  
Salvè, doce liberdade,  
filha do céu e da luz !

Estamos livres ! passaram  
aqueles dias de luto,  
em que orfãos tristes choraram  
a perda da pátria-mãe !  
Resurgiu um povo nobre ;  
e hoje o nosso rosto enxuto  
nem vêu de tristeza o encobre,  
nem uma lágrima tem !

Já posso erguer esta fronte  
ao astro que me ilumina !  
posso já, subindo ao monte,  
descendo ao esconso val,  
repetir de serra em serra  
e de campina em campina :  
— Sou livre na minha terra,  
é livre o meu Portugal !

Já podemos, sem receio,  
falar dos brios que foram ;  
podemos abrir o seio  
aos olhos de nosso irmão !  
se a miséria nos oprime,  
e se as máguas nos devoram,  
podemos hoje sem crime  
chorar e estender a mão !

Ontem, não ! a tirania  
vedava-nos os gemidos ;  
áquele, que mais gemia,  
mais se uniam os grilhões !  
e apenas, de quando em quando,  
um ai de seios doridos  
rompia a medo, acordando  
os ecos das solidões !

Quando a pátria desinhava  
 entre as mãos de seus algozes,  
 e jazia a nobre escrava  
 peada de algemas vis,  
 vinha o leão de Castela  
 sufocar-lhe altivo as vozes,  
 insultá-la, escarnecê-la  
 recalcando-lhe a cerviz !

Mas, quando mão imprudente,  
 desprezando a natureza,  
 vai represar a torrente  
 que no seu caminho vem,  
 a torrente cresce, engrossa,  
 toca os bordos da reprêsa,  
 derrui, arrasa, destroga  
 os diques, e passa além !

Foi assim a liberdade,  
 quando arredá-la quiseram  
 de cada nossa cidade,  
 de cada nosso casal :  
 não houve barreiras ; que ela  
 sorri dos que a sustiveram,  
 prostra o Leão de Castela,  
 e vem banhar Portugal !

Bem-vinda seja ! Quem há-de  
entre nós cerrar os olhos  
ao clarão da liberdade  
que refulge sobre nós ?

Pisamos um chão de flôres,  
desentranham-se os refolhos  
do coração em amores,  
da liberdade ante a voz !

Se estranhos de novo ousarem  
invadir a pátria nossa,  
e um povo livre ameaçarem,  
com ferros de escravidão,  
não vereis ingratos filhos,  
nunca vereis gente moça,  
da pátria manchando os brilhos,  
dar os pulsos ao grilhão !

Vereis, sim, a galhardia  
dos filhos de Aljubarrota ;  
de Valverde o claro dia,  
surgirá mais uma vez !  
embora neste recinto  
eu não veja malha e cota,  
em cada peito presinto  
um coração português !

Se a Polónia, a Hungria, a Irlanda,  
cada qual ao chão se vérga  
perante a sombra nefanda  
que lhe algema os pés e as mãos,  
não nos algemem! — na guerra,  
não há braço que não se erga  
por salvar a nossa terra,  
por salvar nossos irmãos!

Se é tão doce a liberdade,  
se à pátria tanto queremos,  
se é tão crente a mocidade,  
se é tão negra a escravidão,  
remocem brios antigos,  
e neste dia saudemos  
bem do peito, irmãos e amigos,  
a aurora da redenção.

1868.

---

## A UMA CRIANÇA

(DE SCHILLER)

Loira criança! para ti, ditosa,  
é largo espaço o pequenino leito!  
Sê homem, surge, espalha a vista ansiosa,  
e o mundo imenso te será estreito!

---

## AQUELA PEQUENA

(A GOMES LEAL)

Mora-me aqui á esquerda uma vizinha,  
de olhos azevieiros, tão maganos,  
que namora, apesar dos seus dez annos,  
*tutti quanti...* Deixá-la, coitadinha !

Aquilo há de ir medrando, e Deus bem sabe  
como prepara as coisas.

Dá esprança

a pequena; contudo, a vizinhança  
olha-a de lado, e afina o rabecão...  
Más linguas. Eu desculpo-a e até, às vezes,  
quando algum peralvilho se avizinha,  
todo me delicio a ver como ela  
repoisa a face triste sôbre a mão,  
debruçando-se lânguida á janela,  
como quem já tem penas! Coitadinha!

Eu cá, vizinhos maus, que os leve a breca!  
Pois que importa que tenha o seu derriço  
a criança? Palermas! Antes isso,  
do que vestir as sáias à boneca!

---

## TRÊS VÉUS

(*Depois da leitura de uma balada de Murger*)

(Ao CONSELHEIRO J. FREDERICO LARANJO)

### I

Alvo, mais alvo que a neve,  
era o seu primeiro véu;  
diáfano, brando e leve,  
mais do que as nuvens do céu.

Uma grinalda bordada  
nêle havia, e tão fiel,  
que muita belha, enganada,  
lhe vinha sugar o mel...

Debaixo daquêle manto,  
lhe bateu o coração  
um só dia — o dia santo  
da primeira comunhão!

## II

Fiou depois o segundo,  
e a tecê-lo começou,  
quando a māi, deixando o mundo,  
no mundo a filha deixou!

Era negro aquèle manto  
como a sombra de uma dōr...  
tinha umas nódoas de pranto,  
vertido por muito amor!

Debaixo do vēu escuro  
abrigou o coração,  
quando, sem fē no futuro,  
se escondeu na solidão!

## III

Ao cabo de muitas dores,  
mais um vēu teve depois;  
mas êste não tinha as flôres  
nem a cōr daquêles dois!

Tinha flôres mais singelas,  
e era azul este outro vēu;  
era bordado de estrélas,  
tinha os aromas do céu!

Neste véu inda reguarda  
o innocent coraçāo:  
nos céus o anjo da guarda  
lho vestiu por sua mão.

---

## RIMAS

(A UMA VIZINHA DO SEXTO ANDAR)

Fica-me a tua janela  
a tal distância da minha,  
que os olhos cansam, erguendo-se  
a tais alturas, vizinha.

Ainda a manhan não vinha  
despontando dêsse lado,  
quando hoje um doce trinado  
me roçou pelos ouvidos.

Julguei eu que eram chilidos  
de uma andorinha palreira,  
que muitas vezes à beira  
do telhado anda trinfando;

e acreditei-o ; mas quando  
à escuta me pus atento,  
conheci o brando acento  
da tua voz ; acreditas ?

Lá que tu prezas e imitas  
as andorinhas, é certo;  
ou tu não fizeras perto  
do meu telhado o teu ninho.

Mas repara: se um vizinho  
câ tão debaixo te avista,  
não creias que êle resista  
ao calor do sol a prumo!

Deus sabe que me consumo  
em revirar a cabeça,  
para ver a mão travessa  
que agita o lencinho branco.

Confesso-te, pois sou franco,  
que, se não fôras tão bela,  
jámais à tua janela  
se ergueria a minha vista.

Mas, em fim, uma conquista,  
que não se paga a cruzados,  
vale bem êstes cuidados  
dêsde manhan ao sol-pôsto.

Quando penso no teu rosto,  
e te vejo lá tão alta,  
não sei que medo me assalta  
de te ver ao pé da lua:

deante da imagem tua,  
vêm-me uns sonhos de poetas ;  
porque dizem que os planetas  
sustentam vulcões no seio.

Se assim fôsse, o meu receio  
nunca tão justo seria !  
Imagina tu que um dia  
te fazias num vesúvio !

e ver depois um dilúvio  
de chamas encandescentes ;  
e nos teus olhos ardentes  
as fauces de uma cratera !

Como Plinio, não quisera  
ver labaredas defronte,  
quanto mais saber que o monte  
fica em cima de Pompeia...

Tinha cá minha ideia  
que é melhor ver-te ao meu lado,  
do que junto do telhado  
como a timida andorinha.

Não estarias sózinha,  
tão sózinha como agora,  
a ver se uma nova aurora  
te leva a luz que te falta.

Olha bem : quem mais se exalta,  
diz a *Biblia*, mais se humilha ;  
e a luz que de longe brilha  
nunca tão viva aparece.

E dize : & não te parece  
que esta vida sem amores  
é como jardim sem flôres,  
ou como noites sem lua ?

O sol, que no céu flutua,  
& ama de longe ? Não ama :  
aproxima a sua chama  
do seu pálido luzeiro.

O amor, o amor verdadeiro,  
aproxima, prende e enlaça.  
Olha para o sol que passa :  
como à lua se aproxima !

E tu inda lá por cima,  
tão longe d'estes meus braços !  
Lanço os olhos aos espaços,  
e sempre o meu sol a prumo !

(Estou vendo que, se o fumo  
que me sobe da cozinha  
chega às faces da vizinha,  
vão-se paixões e beleza ;

e, ainda que a natureza,  
a formou assim tão bela,  
se se conserva à janela,  
temos um rosto estupendo).

Estava eu cá dizendo  
com os botões da casaca  
que me vem buscar a maca  
do hospital, se não me acodes.

Eu não sou nenhum Herodes  
nem Farrabrás barbaçudo,  
que aterre e afugente tudo  
quanto encontre no caminho.

Sou apenas bom vizinho,  
que te pede a cada instante  
que atendas um peito amante,  
e desças lá dessa altura.

Se não desces, uma jura  
faço aqui sobre estas *Horas*:  
— é que me vês qualquer dia  
nas alturas onde morás.

## LUZ PERPÉTUA

*À margem do «Lázaro» de Henri Heine*

(AO CONDE DE GUBERNATIS)

Nas órbitas de fogo os olhos revolvendo,  
—Ó mal, tu és meu bem! —ao mal Satan dizia.<sup>1</sup>  
Tu dizes, vendo a terra, e o sol que te alumia;  
—Ó mundo encantador, como tu és horrendo! —

Oígo-te, e ouvi Satan; e ainda não comprehendo  
se do avernal Satan a rispida ironia  
mais punge que o sarcasmo em horas de agonia,  
o sarcasmo que vem os lábios teus rompendo!

O génio é sempre génio! —aos últimos instantes,  
o mártir da matéria avista nova idade,  
e o génio folga então como folgava dantes!

Ao pôr do sol da vida, à froixa claridade  
que ao génio mostra ao céu, lutam como gigantes  
o espírito e a matéria, o tempo e a eternidade!

1 MILTON, *Paradise Lost*.

## CREENÇAS

(AO CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES)

Que não amo o passado! Se acreditas  
que lanço a vista além da minha sombra,  
acredita que às vezes eu descanso  
a cabeça nas pedras das ruínas;  
e, relendo as legendas que há escritas  
no cabeçal musgoso, os olhos lanço  
aos meandros escuros dessas minas  
que o progresso explorou...

Escuta ainda:  
quando o nosso horizonte se escurece,  
quando uma nuvem presagia a vinda  
de temporal desfeito, escuto a prece  
que o seareiro envia a Deus; e abraço  
os mártires que surgem do passado,  
trazendo-nos confortos e esperança.

É um cortejo augusto! À sua frente,  
o venerando Sócrates avança.  
traduz no olhar a aspiração do crente;

leva consigo a tímida criança,  
a quem aponta a estréla do futuro!  
vem anunciar-nos o cortejo augusto,  
que a novas crenças há-de erguer altares;  
demora na eicuta os seus olhares,  
lança a primeira pedra, e morre o justo!

Vem depôs êle o encanecido ancião  
que abraça a liberdade agonizante,  
e, com ela morrendo, ergue na mão  
a espada que arremessa ao carro ovante  
dos tiranos do império. Quando olharam  
as rodas eneravadas do seu carro,  
eneravava-as a espada de Catão...

La surge o grande vulto da Judeia,  
o homem que é Deus, e vem salvar o mundo!  
no aspecto cismador, no olhar profundo,  
deixa espelhar-se a luz da grande ideia  
que há de alumiar com uma nova luz  
os que tempos que lá vêm. Sólta umas vozes  
mais doces do que o amor... ; e os seus algozes  
pregam o mártir na infamante cruz,  
como inimigo de seu culto velho.  
O Mártir ergue a vista á luz futura;  
e, esgotando o seu calix de amargura,  
lança ao porvir as fôlhas do Evangelho!

Após séculos mil de noite escura,  
alvorecem os tempos ! A verdade  
começa a difundir-se em luz brilhante ;  
e a misera, a cativa liberdade  
algemas despedaça, e marcha ávante !

Percorre todo o mundo, e acha hospedagem  
em todo o seio generoso e nobre ;  
mas aí do triste que se não encobre  
para lhe dar abrigo na viagem !

— É crime ver o sol ! os fariseus  
andam de terra em terra apedrejando  
as novas luzes e o piedoso bando  
que deixa a noite e segue o novo Deus !

Dois apóstolos — vês ? — lá vão caminho  
do lugar afrontoso do suplicio !  
Cinza serão ! e o principe da noite  
à noite ofertará o sacrificio ;

Dos venerandos mártires à beira,  
simbolo do martirio, ergue-se a cruz ;  
e entorno à cruz as linguas da fogueira  
levam a Deus a queixa derradeira  
dos que se dizem Praga e João Hus !

Não te cances de ler comigo as páginas  
d'este martirologio do passado !  
Hoje que a vida, hoje que o sol é nado,  
apraz-nos contar bem os estadios  
que nos separam desses vèus sombrios,  
antepostos a um lúcido eldorado !

Hoje, que é feita em pó a mão de ferro,  
que sufocou a voz de Galileu ;  
hoje, que o derradeiro fariseu  
calou a voz que defendia o êrro ;  
hoje, que o mundo e os mundos giram livres,  
surdos à rouca voz do vulgo ignaro :  
penso no que já foi ; e absorto paro  
a contemplar as lutas e os trabalhos  
dos que andaram, valentes mas sózinhos  
esmoitando çarçais, e abrindo atalhos  
que são já hoje amplíssimos caminhos !

Que não amo o passado ! Pois não vês  
como piedoso e reverente o espirito  
se me vai hoje prosternar aos pés  
dessas imagens que transmontam séculos !

Pois Galileu e Hus e Cristo e Sócrates  
não foram do passado ? Imagens santas,  
erguidas sobre o altar da liberdade,  
vós ensinais a quem vos beija as plantas  
o caminho da luz e da verdade !

## ESTRÉLAS

(RESPOSTA A D. MARIANA ANGÉLICA DE ANDRADE)

E haver ainda quem mande  
contemplar os esplendores  
das estrélas que, alta noite,  
nos vêm segredar amores !

Por mais que no céu rebrilhem,  
por mais que me canse avê-las,  
não creio, por vida minha,  
nos amores das estrélas !

Sabes porquê? O poéta,  
a olhá-las, fica-se triste;  
mas estrélas, que entristeçam,  
nunca em vida tu as viste !

Riem-se e brincam vaidosas  
naqueles azues estrados,  
ao gemer da aura que leva  
da terra uns ais magoados.

E pensa a gente que os raios  
das estrélas nos abraçam;  
mas elas surgem, esplendem,  
brineam, sorriem e passam!

Às vezes, fazem saudade,  
quando as nuvens da procela  
se levantam, escondendo  
a face de cada estréla.

Mas se rasgasses as nuvens  
que as velaram, & acreditás  
que as achavas todas tristes  
nessas zonas infinitas?

Nunca! — Surprendê-las-ias  
trocando froixos de riso,  
anjos maus tripudiando  
às portas do paraíso!

Serão formosas, concedo;  
mas são ingratas, não sentem:  
se a luz delas nos inunda,  
se falam de amores..., mentem!

E tu, que mentir não sabes,  
(não se mente a quem se estima !)  
e tu, que brilhas na terra,  
mandas-me olhar para cima !

Não me apontes as estrélas  
que brilham nos céus serenos :  
talvez que estrélas da terra  
brilhem mais e miatam menos...

---

## O BERÇO

(AO VISCONDE DE CARNAXIDE)

Como ella se remira, a desvelada māi,  
no fulgido cristal de uns olhos de criança,  
cristal em que se espelha o astro da esperança,  
cristal em que o porvir se vai mirar também !

.....

Criança ! fôsses tu a lingua do futuro !  
e, dêsse mesmo leito erguendo a tua voz,  
pudesses nova luz mostrar a todos nós,  
e os olhos mergulhar pelo horizonte escuro !

Veríamos o céu que um dia se abrirá  
ao fim do teu caminho, e que hoje mal se avista !  
seria belo erguer os olhos á conquista  
da prometida luz que nós sonhamos já !

Se se vão abalando os velhos pardieiros,  
onde as aves da noite abrigo iam buscar,  
se já se alicerçou da liberdade o altar,  
e escorre inda o snor de apóstolos e obreiros ;

Se o derradeiro alento, o derradeiro ai  
de um passado que morre é quase esmorecido,  
se o mal cedeu ao bem, e recuou vencido ;  
se a noite cede à luz, e o sol surgindo vai ;

ainda a voz do amor não abateu o braço  
que a sombra do passado estende sobre nós ;  
ainda recostado ao túmulo de avôs  
alguém vai maldizer o sol que rompe o espaço !

inda o felá e o guebro, erguendo a vista ao céu,  
suspiram por que chegue a aurora que os redima ;  
e os Cresos desta idade ainda estão acima  
do paria sem irmãos e que entre irmãos nasceu !

Ó ! mas virá um dia, em que o maná do povo,  
caindo, será dado a todos por igual ;  
ver-se-à, unindo o mundo, amplexo fraternal,  
e, sobre um velho culto, erguido um culto nôvo !

E tu, loira criança, hás de viver talvez  
na terra, de que fala a voz das profecias ;  
em nova Canaan, tu passarás os dias,  
e eu morro, vendo além o sonho de Moisés!...

Vejo a abundante messe a loirejar ondeante,  
e Ruth erguendo o trigo e semeando a paz ;  
vejo a mentira e o mal fugir, voltando atrás ;  
vejo a verdade e o bem erguer-se, andar ávante !

Ó sonho venturoso, esplêndido ideal !  
embala-me a existência ! e, se és uma mentira,  
não queiras apagar a crença em quem suspira  
por esse novo sol de um éden perenal !

Mas não ! a noite passa ! e o astro precursor  
de lúcida manhan não é mentida imagem,  
não é subtil visão, nem é falaz miragem,  
mas o núncio fiel da paz, da luz, do amor !

Levanta-te, criança ! A estréla de alva agora  
convida-te a marchar ! Descerra-me o porvir !  
quero, ao rasgar-se o véu, por sôbre mim sentir  
os fúlgidos clarões dessa brilhante aurora !

Vai ! o caminho abriu-se ! os passos teus conduz  
a estréla que assomou àlém sôbre a montanha !  
Vai, pois, criança, vai ! chama-te voz estranha,  
a voz que Deus soltou, quando se fez a luz !

---



## JORNADA IV

---

### O POEMA DA MISÉRIA

(EXTRACTOS)





## ADVERTÊNCIA

---

De todos os meus livros de versos, *Poema da Miséria* foi o mais diversamente apreciado.

A par de uma grande e geral benevolência, que reverteu na extracção de duas edições da obra, o livro susitou reparos, e até críticas um tanto apaixonadas. Não era a forma literária o que dava ausa a êsses reparos e críticas: era a ideia, profundamente democrática, talvez revolucionária, que repassava toda a obra. Alexandre Herculano, nas palavras que adeante se reproduzem, honrava-me com amigáveis conselhos, receando talvez que o prurido democrático me arrastasse até à injustiça. E o meu confrade Fernandes Costa, vendo no livro um repto ás

suas convicções de conservador, azedou-se devéras e com o seu azedume encheu não sei quantos folhetins do *Diário Ilustrado*, dizendo do *Poema da Miséria* o que Mafoma não disse do toicinho — desculpem a vulgaridade do paralelo. Apodou-me de comunista, anarquista, carbonário...; e, se não tingiu no meu sangue a sua espada de capitão, foi porque, aproximando-se mais de mim, verificou, talvez não sem espanto, que o autor do maldito livro era a criatura mais pacífica e inofensiva dos quatro bairros de Lisboa e quintas adjacentes.

Com opostos fundamentos, o meu caro Silva Pinto, que, passando por Coimbra, ali ouviu ler entusiasmado a *Introdução* do *Poema*, e dele disse maravilhas na *Actualidade* do Porto, virou de rumo, quando se publicou o livro, porque a *Introdução* era o que era, mas o resto do livro era todo lirismo e sentimentalidade, — coisas que não ficam bem a um revolucionário que se preza.

Não sei, — nem me compete a mim afirmá-lo, se o livro era bom ou mau. Que não era obra de revolucionário, no sentido pejo-

rativo desta palavra, sei-o eu, que nunca daria uma gota de sangue do meu próximo por um eldorado social; mas era, talvez, obra de socialista moderado, que aprendera em Michelet a amar o povo, e que na Universidade recebera desafogadas noções sobre a filosofia do trabalho, sobre a eterna luta do operariado e sobre a história da miséria através dos séculos. Ao autor, moço de vinte e cinco anos, entusiasta e commovido, não deveriam ficar mal, como nem aos velhos ficam, sentimentos de revoltada piedade, para com os fracos, os oprimidos, os miseráveis; como a ninguém fica mal a aspiração a melhores tempos, sobretudo se êles podem chegar por evolução, ou sem as convulsões políticas e sociais, em que a fera chega a encarnar-se no homem.

À parte pois melhor conceito, e embora em desacordo com dois ou três dos meus amigos, julguei sempre que o *Poema da Miséria* é livro inocente... e humano.

1903.

C. DE F.



## *Palavras de Herculano*

---

*Ill.<sup>mo</sup> Snr.*

*Val-de-Lobos, 20 Maio, 74.*

Teve V. S.<sup>a</sup> a bondade de me remeter o seu *Poema da Miseria*, que eu desejaria agradecer logo, o que não pude fazer por sobradadas ocupações. Apenas tinha alcançado dedicar-lhe uma leitura incompleta e interrompida.

Reducido hoje à condição quasi de profano em materias litterarias, não seria da minha parte sufficientemente modesto dar a V. S.<sup>a</sup> opinião sobre o seu livro, e ainda menos quando ainda nem sequer o li todo.

O que é patente aos olhos mediocremente

perspicazes é a unidade de pensamento que dá nexo a essas diversas poesias. E' um pensamento generoso e justo que predomina em muitos escriptores da nova geração, mas cujas manifestações são frequentes vezes exageradas e por consequencia menos justas. Quando interesses até certo ponto oppostos traduzem as mútuas repugnancias em convicos acerbos e em factos de bruta ira, parece-me que a poesia e a sciencia deviam servir de instrumento de conciliação e de paz, e não avivar chagas que manam sangue, e excitar paixões já de sobejo ardentes.

Os homens da geração que trouxe a esta terra a liberdade e mais alguma justiça dormem pela maxima parte nos braços da morte. Os poucos que restam não tardarão a imitá-los. Aconselhando os inexperientes, não defendem os seus interesses: defendem os dêstes. Dá-lhes direito a fazê-lo a dolorosa experienzia das convulsões sociaes, experienzia bem provada de amarguras, e, o que peor é, de desenganos.

De todos os progressos que a liberdade tem feito desenvolver, nenhum talvez maior

do que a desenvolução do talento acima do vulgar. São disso bom documento a nossa epoca e a nossa terra. Pela força das eousas, nas mãos da mocidade intelligente, dos espiritos superiores que surgem, estará dentro de duas ou tres decadas o regimen do país. Quisera eu por isso que elles tivessem sempre presente uma verdade, que por ser antiga e trivial não deixa de ser a verdade: Quem semear as ventanias recolhe as tempestades.

Desculpe V. S.<sup>a</sup> estas sinceridades de um velho que, se ainda prestasse para alguma causa, se offereceria gostoso ao seu serviço.

A. HERCULANO.





## INTRODUÇÃO

(AO DR. BERNARDINO MACHADO)

Génio ! dilecto filho da verdade,  
eterno campeador das leis eternas,  
que os espaços e os séculos governas,  
encarnação talvez da divindade ;  
tu, que no longo caminhar da história  
tens levantado marcos miliários,  
por celebrar vazios cinerários,  
onde passou o gládio da vitória ;  
tu, que tens construído altas peanhas,  
em que os guerreiros das passadas eras  
mal escondiam o ódio das panteras  
sob as memórias de ideais façanhas ;  
génio ! tu, que exalçaste o nome e a fama  
dos Xás e de Ramá, de herói troiano,  
e de quantos o cego culto humano  
em aras e panteões memória e aclama :  
dize-me, — ¿onde é que se escondia acaso  
o povo que não viste, e que olvidaste ?

à porque, através dos tempos, o julgaste  
para os aromas teus impuro vaso ?  
à porque o não levantaste da poeira  
em que o pé dos heróis e esmigalhava,  
e em que se contorcia a raça escrava,  
comprimida por férrea gargalheira ?

Li Valmiki, Firdusi, e li Homero,  
Vergilio, o meu Camões, os trovadores,  
e os cantos de escurris aduladores  
que incensavam dos reis o vulto austero.  
E a face afogueou-se-me de pejo,  
pelo desprêzo a que votaste, ó génio,  
os interlocutores de Menénio,  
que se elevaram, no mais nobre adejo,  
por sôbre o esterquilinio nauseante,  
em que o patrício, o impávido romano,  
se rebolava senhoril e usano,  
à sombra dos lauréis da Roma ovante !  
Fez-me vergonha a grande voz da história,  
que de Alexandre eternizou o nome,  
e não disse uma vez : — Jacques Bonhome,  
compartilha de heróis a justa glória ! —  
Senti que a dor me lancinava o peito,  
quando vi que da história o ingente brado  
deixava em sombra escura o desherdado,  
o que é faminto e o que não tem um leito !  
Nunca tiveste, espesinhado povo,  
quem te arrancasse ás trevas dêsse olvido

e instilasse em teu seio dolorido  
confôrto, bençam, luz de um dia novo !  
Mas... não importa ! às grandes epopeias  
contrapõis tu, perante o herói que passa,  
o poema infinito da desgraça,  
rico de profundíssimas ideias ;  
poema tinto em sangue de inocentes,  
doirado pelos raios da esperança,  
raios fagueiros que a justiça lança  
na escuridão dos mártires e crentes.

Traçaste com teu sangue o teu poêma ;  
cobriste cada estrofe com teu sangue ;  
quando surgiu o Cristo, ergueste um canto ;  
sobre as Pirâmides gravaste um lema ;  
e oíço ainda o gemido rude e triste,  
que para sempre reboou no espaço,  
quando os sangrentos arraiais de Crasso  
o pé te falsearam e caiste.  
Aquela grande estrofe, — a Jacqueria, —  
arrebata de dôr e sentimento ;  
e, a cada instante, um sublimado acento  
ergues na tua dolorosa via.

Admiro o teu poêma, povo obscuro ;  
andei deletreando-o, fôlha a fôlha,  
e, por que o meu espírito o recolha,  
recompô-lo na íntegra procuro...  
Meu canto é para ti, mártir sublime !

Nas horas longas da estação gelada,  
tenho escutado a queixa amargurada  
da mãe que ao seio os filhos nus comprime.

Tenho visto a miséria confundida  
nos puros ósculos do amor materno ;  
e tenho visto no caudal do inverno  
arrastada a cabana derruida.

Tenho pensado no profundo estigma  
que a fome crava em faces macilentas ;  
e, do futuro às portas nevoentas,  
tenho implorado a solução do enigma.

Tenho visto os prostíbulos patentes,  
como voragem negra e irresistivel,  
onde o anjo do mal, anjo invisivel,  
num sopro extingue luzes esplendentes.

Tenho ouvido no esconso da caserna  
os murmurios pungentes do soldado ;  
e os condoidos olhos mergulhado  
nos mistérios do jôgo e da taberna.

Inteligências nobres, afogadas  
no fel da corrupção e da ignorância ;  
cuspido o velho ; desvalida a infância ;  
a mentira e a doblez galardoadas ;  
da oficina ao bordel, perdida a féria ;  
prostrada a turba às plantas do argentário ;  
morto de aspirações o proletário  
na mansarda insalubre da miséria :  
são as imagens que tu, povo, estampas

na necrópole immensa, em que a desgraça  
tantos estira e friamente abraça,  
como um vampiro a doidejar nas campas.

E estas imagens surgem fantasiosas,  
descerram alta noite as minhas portas,  
e conversam comigo a horas mortas,  
no meu leito espargindo pranto e rosas.  
Meu canto é para ti, mártir sublime !  
Tu hás de compreender o amor imenso  
que do seio me brota, quando penso  
na escura noite que a tua alma opriime !  
Tu hás de soletrar cada palavra,  
onde a justiça, o amor por ti, ressumbre :  
e hás de achar em meus brados um vislumbre  
do incêndio enorme que em teu peito lavra.

---

.....  
Meu canto é para ti, mártir sublime !  
Chamam-te ocioso e débil os avaros ;  
julgam-te ignaro e vil os vis e ignaros,  
e ultrajam-te os idólatras do crime ;  
se te acendem a febre do delírio,  
nomeiam-te assassino os que te esmagam ;  
e, quando os lustres nos salões se apagam,  
pisam, na sombra, a cruz do teu martírio.  
E eu quero, em teus momentos de amargura,  
dar-te o conforto de uma voz amiga,  
e o bálsamo suave que mitiga  
no teu colmado a tua dor obscura ;

quero desenrolar o teu sudário  
por sobre os quatro ângulos da praça,  
e levar os clamores da desgraça  
ás portas do opulento e do usurário.

Não ergo a vista ao sólio resplendente,  
onde a humana ambição pleiteia glórias :  
ao paginar teu livro de memórias,  
*eu, desta glória só, fico contente.*

---

## NOVA MUSA

(A GUERRA JUNQUEIRO)

Tu que, avoejando á immensidão dos ares,  
cantas de amor em páramos distantes,  
e habitas nêsses mundos coruscantes,  
— ilhas de luz em bonançosos mares ;

estende sobre a terra os teus olhares,  
deixa a região das águias triunfantes,  
e presta ouvido ás queixas lancinantes  
que soam, cada hora, em nossos lares.

Sólta o verbo de apóstolo, poéta;  
lança ao porvir um brado de profeta;  
dá luz á sombra e espirito á matéria!

Feriu-se a luta em baixo! Desce, e escuta !  
seja parnašo a choça; glória, a luta;  
pálida musa o arcanjo da miséria !

## HISTÓRIA VULGAR

(A D. MAFALDA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE)

— Sentada ao pé dessa esquina,  
andrajosa, semi-nua,  
e não sentes fria a nebrina,  
frias as pedras da rua ?

— Sinto.

— E que fazes então,  
por estas noites sombrias ?

— Senhor, estendo as mãos frias,  
pedindo agasalho e pão.

— Aqui é tudo deserto ;  
alevanta-te da lama  
e procura abrigo certo.

— Não tenho casa nem cama.

— Ergue-te ao menos.

— Não posso ;  
quebra-me o corpo o cansaço ;  
a fome prende-me à terra,  
o frio tolhe-me o passo.

— Pobre mendiga ! No mundo  
¿ não tens carinhos de mãe ?  
de irmãos o afecto profundo ?  
não tens familia ?

— Ninguém !

— Pois nesta vida de espinhos  
¿ nuncia achaste, desgraçada,  
a flôr dos doces carinhos,  
o perfume do amor ?

— Nada !

— ¿ E nem ás vagas escuras  
da vida, mar irrequieto,  
num momento de venturas  
confiaste o teu afecto ?

— Confiei, ô ! confiei !  
a serpe da sedução  
adormentou-me, e acordei  
no abismo da perdição.

— Mas dêsse abismo de horror  
podia salvar-te o brilho  
de uma lágrima de dôr  
ou de um sorriso de filho !

— Perdão, senhor ! êsse nome  
vem agravar a ferida  
que jorra sangue na história  
da pobre mulher perdida.

— Tiveste filhos ?

— Um tive,  
mas... Deixai que mais não diga !

— É morto ?

— Não sei se vive,  
mas... Dai esmola à mendiga.

— Que fizeste de teu filho ?

— Fiz o que fazem aquelas  
que, sendo impuras, procuram  
mostrar-se honestas e belas.

Que era mãe reconheci ;  
mas o ser mãe era crime,  
que só o crime redime ;  
com outro crime o remi.

Tomei meu filho nos braços,  
(sorria a criança nua !)  
dei para fora dois passos,  
e expu-lo á porta da rua.

Em quanto eu estremecia  
entre cruel e medrosa,  
a criança desditosa  
abraçava-me, e sorria.

Perdi meu filho. A clemência  
fugiu do seio materno ;  
mas a clemência do Eterno  
abeirou-se da innocencia ;

e, dispensando-lhe afagos  
de caridade e de amor,  
velou de miséria e dôr,  
os meus dias aziagos.

— ¿ Esmaga-te a expiação ?  
que admira, se Deus não dorme !  
Nunca falta a um crime enorme  
o estigma da maldição !

¿ Tu sabes o que é um filho,  
nos braços de sua mãe ?  
¿ Sabes de cifras que abranjam  
todo o valor que êle tem ?

A criança que no mundo  
recebe a primeira luz,  
vendo o mistério profundo  
que a teus peitos o conduz,

é cadeia diamantina  
que religa a mãe ao pai,  
cadeia que a mãe ferina  
põe espedaçar num ai;

é uma gota de néctar,  
que do seio do infinito  
orvalha uns lábios unidos  
por um ósculo bendito.

Se ergues dèle os olhos teus,  
desvia-los deshumana  
de um pensamento de Deus,  
encarnado em forma humana.

Vós, mães, sois a estréla de alva  
para quem entra na vida;  
se a luz vossa nos não salva,  
a quem nos há de dar guarida?

E Que será de quem, nascendo,  
cái nas lages da cidade,  
e recebe amparo estranho,  
à sombra da caridade?

O coração, a centelha  
que lhe empresta o Criador  
há-de apagar-se nas trevas,  
sumir-se à mingua de amor.

E o homem, tornado fera,  
não terá para ninguém,  
carinhos, que não tivera  
nos braços de sua mãe.

E aquela alma solitária,  
em perpétuo paroxismo,  
irá de abismo em abismo,  
à mercê da sorte variável.

Eis o teu crime ! Expiando-o,  
de teu filho te hás lembrado,  
tu, definhando de fome,  
dêle... morto, ou desprezado !

À mãe, que em seio impoluto  
recebeu o sol do amor,  
disse Deus : — Pálida flor,  
abençoadão o teu fruto ! —

Foste surda à voz celeste  
que em ti se repercutira :  
seduziu-te a van mentira,  
e a flor e o fruto perdeste.

---

E não tens hoje um esteio,  
porque o quebraste, mulher !  
ninguém no mundo te quer,  
ninguém te aconchega ao seio !

Ninguém ? Se tens muita fome,  
se a noite é fria e sem brilho,  
se o remorso te consome,  
ergue-te... Serei teu filho !

Não respondes ? pois não crês,  
não tens fé na voz amiga ?  
Já me não ouves talvez ?  
Morreste ! Pobre mendiga !

## UM GRUPO

(Ao CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA)

### I

Eu tenho á cabeceira do meu leito,  
não um poema, como o herói antigo,  
mas dois retratos que em convívio estreito  
conversam alta noite a sós comigo.

Às vezes, quando a insônia me descerra  
as pálpebras cansadas,  
contemplo essas imagens adoradas  
de seres que não vejo sobre a terra.

São dois vultos que vivem na memória  
das gerações libertas dos tiranos,  
e que só morrerão quando os gusanos  
carcomerem as páginas da história:

Tinham por nome Espártaco, Bonhome ;  
 mártires ambos, ambos torturados,  
 da opressão entre os braços bronzeados,  
 da deshonra e da fome.

## II

Espártaco sentiu profundo o travo  
 do fel de escravidão :  
 tentou um golpe nos grilhões do escravo,  
 e resvalou exâmico no chão.

Caiu vencido ! O sangue do valente  
 foi para a humanidade  
 ubérrima semente  
 de luz e liberdade.

Os séculos branqueiam as ossadas  
 das vitimas de Crasso ;  
 mas de entre essas necrópoles caladas  
 de Espártaco se eleva o hirto braço ;

marco erguido nas sombras do passado,  
 mostra bem alta uma legenda eterna :  
 — Protesto ! — eis o que lê, passando ao lado  
 a geração hodierna.

## III

Protesto! — é a bandeira levantada  
no braço de Bonhome,  
ao expandir a mágoa que o consome,  
vendo a sua cabana incendiada;  
  
vendo os algozes vis da liberdade  
violarem-lhe a filha estremecida,  
assolarem-lhe a herdade,  
roubarem à consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante,  
ergueste a consciênciâa recalcada,  
e caminhaste ávante,  
soltando a voz que ainda hoje brada!

## IV

Alçai a fronte nobre,  
filhos augustos de uma era ingrata;  
e possa herdar de vós o escravo e o pobre  
a fôrça que elevanta e que resgata.

Aos vossos cinerários,  
cobertos de sarcasmo e esquecimento,  
vão hoje em romaria os proletários,  
para adorar o santo monumento;

e vão os oprimidos,  
os pariás, os ilotas, o enjeitado,  
famintos, mal vestidos,  
dar-vos o preito que vos foi negado.

E êstes romeiros, êste povo misto,  
irão salvar do olvido a vossa glória,  
como o Bouillon da história  
foi libertar o túmulo de Cristo.

## NA SOMBRA <sup>1</sup>

(AO GENERAL J. E. MORAES SARMENTO)

Quem me diria, ó pálida Dolores,  
que os perfumes da tua mocidade  
haviam de evolar-se como as flôres,  
cortadas pela mão da tempestade ?

Levou-te o gêlo os pristinos viçores,  
e um frio tumular teu seio invade ;  
desconheces os cândidos amores,  
não sentes esperanças nem saudade.

---

<sup>1</sup> Estes versos lograram a honra da seguinte tradução sueca :

Bleka Dolores, kunde väl jag ana,  
att så snart din ungdoms doft skulle fly  
likt rosens, då den strör vid stormens gny  
böjd till jord sina kronblad på <sup>o</sup> <sup>c</sup> var bana ?

Choras ? Ninguém condena as tuas lágrimas,  
e eu abençõo a lágrima que inunda  
a desempenhada flôr do tamarindo.

Sofram anâtema pesado e infindo  
os que te lançam na voragem funda,  
e que passam além, cantando e rindo.

---

Den oskuld, förr jag såg din tjusning dana,  
af dödskall värarfrost svedts och sänkts i dy.  
Kysk kärlek kan ej i din själ mer gry.  
Framåt som bakåt skyr din blick att spana.

Du gråter? O, jag signar dessa tårar!  
Vid deras dagg en sista fläkt jag sparar  
än från den tid, då du ej bruten var.

Men ve den, som sin ofärd djerfles välla,  
ve ock dem, som i dyn nu qvar dig hålla —  
straffri hord, som själsmord till nöje har!

*Portugals Samtida*, pag. 49.

GÖRAN BJÖRMAN, *Ur*

---

## O ESQUECIMENTO

(AO DR. MAGALHÃES LIMA)

É pobre e é pai. Abrasa-se na febre,  
naquela febre que a miséria ateia.  
Caminha triste, e pára ao fim da aldeia,  
á porta de um casebre.

É negra a frontaria.  
Há nos ombrais um ramo de loireiro ;  
e os vapores da orgia  
lançam cá fora nauseante cheiro.

E ele entra, sôfrego. A alegria inunda  
as faces sensuais da taberneira,  
que, num recanto da locanda immunda,  
se sorri prazenteira.

Há umas cartas velhas, ensebadas,  
ao pé dos cangirões.  
Saem de um canto glaciaes risadas,  
e de outro... imprecações.

Perto de uma guitarra, que inda gemem  
nas mãos do adormecido tocador,  
a candeia de ferro oscila e treme,  
pendurada no antigo velador.

Um grupo de caturras temulentos  
alguns vintens arrisca,  
jogando a velha bisca,  
no meio dos comparsas sonolentos.

— Lugar ao recém-vindo,—diz alguém.  
O recém-vindo abeira-se ao balcão,  
empunha um cangirão,  
e bebe, e diz: — Quero jogar também.—

E jogou. E perdeu,  
— Olá, parceiro,  
se há fraqueza, dão fôrça estes tonéis . . .  
Resta-me algum dinheiro . . .  
Fiquem os dedos, percam-se os anéis.—

E tornou a jogar.  
— Tôrno a perder,  
se esta sota de paus, magrinha e triste,  
que parece . . . talvez minha mulher,  
aos azars da sorte não resiste.

E perdeu, outra vez.  
 — A sorte é bem cruel! Mas... Cambaleio!...  
 Venha de lá mais um copito cheio.  
 Quem perdeu duas vezes, perde três.

Dois trunfos! e este ás de oiros é bonito!  
 rosado! Faz lembrar  
 o meu José, aquele pequenito...  
 Vai-me fazer ganhar.

E perdi! E há quem diga, se me afundo  
 no abismo que se cava ao pé de mim,  
 que a mulher e a criança são no mundo  
 anjos da guarda! Histórias! mas em fim... —

E adormeceu na ourela do balcão.  
 E em ermo albergue a espôsa unia ao peito  
 faminta prole; e, nesse amplexo estreito,  
 dava em amor o que faltava em pão... .

Um diálogo, no entanto, se derrama  
 pelo espirito do ebrio sonolento:  
 — Quem és?

— Ninguém!  
 — E que vês tu?  
 — A lama.  
 — Que procuras aí?  
 — O esquecimento... .

## ALVORADA<sup>1</sup>

Ao Dr. SOUSA VITERBO)

Levanta-te! A alvorada  
desponta alegremente!  
o rio é transparente;  
a margem perfumada!

Oiçamos a linguagem  
da intima ventura,  
e apreste-se a romagem  
aos templos da espessura!

---

<sup>1</sup> O grande lusófilo e humanista Wilkem Storck fez dêstes versos a seguinte tradução aleman:

### MORGENGREUSS

Steh auf! Im Ost die Luft  
Erschimmert röhlichhelle;  
Klar fließt des Baches Welle,  
Sein Rand ist voller Duft.

A verde trepadeira  
 aos templos fecha o cume !  
 exala-se um perfume  
 de flor de laranjeira.

O vasto pavimento  
 é todo de esmeralda !  
 a cada lado o vento  
 baloiça uma grinalda !

adejam os amores  
 entre as folhudas naves ;  
 cantam em côro as aves ;  
 erguem incenso as flores !

Komm, lauschen wir zu Zwei'n  
 Der Liebe Lust und Lallen  
 Und wandeln durch die Hallen  
 Im laub'gen Tempelhain !

Die Winndenrank' umhüllt  
 Das Thor mit blum'gem Kranze ;  
 Vom Hauch der Pomeranze  
 Ist all der Raum erfüllt.

Ringsher am Boden liegt  
 Smaragdenes Gewebe ;  
 Umgriint ist Stütz' und Strebe  
 Und sanft vom Wind gewiegt.

e as trémulas virgultas  
do sineciral frondente  
inclinam-se, ás ocultas,  
no seio da corrente... .

Vamos ! A primavera  
vem pompeando galas,  
chove rubis e opalas,  
inflora-nos Citera !

Levanta-te ! A alvorada  
é bela, resplendente !  
a margem, perfumada ;  
o rio, transparente !

---

Schiff und Gewölb' entlang  
Hinwallt Geseufz der Liebe,  
Weihrauch der Blütentriche,  
Der Vögel Chorgesang.

Die Weid neigt gemach  
Ihr Haupt hinab zum Boden  
Und bent geheim die Loden  
Zum Husse dar dem Bach.

Só komm ! im Prachtgewand  
Betritt der Lenz die Wiese ;  
Opale, Gold, Türkise  
Streut er mit voller Hand.

e pela ondeante margem  
revoam indecisos  
génios de amor, que espargem  
aromas e sorrisos !

Sigamo-los ! ¿ Quem há-de  
furtar o seio ás chamas,  
que pródiga derramas,  
eterna claridade ?

---

Steh auf! Der Morgen glüht  
Im Ost mit hellem Strahle ;  
Klar rinnt der Bach zu Thale ;  
Sein Ufer steht erblüht.

Dort schweifen ohne Ziel  
Umher der Liebe Geister,  
Scheu diese, jene dreister,  
Und treiben Scherz und Spiel.

So komm und lass uns gern  
Der Flamme weih'n das Leben,  
Die allem Sein gegeben  
Reichlich die Huld des Herrn.

(Aus PORTUGAL UND BRASILIEN aus gewählte Gedichte,  
verdeutscht, von Wilhelm Storck, 1892, Munster, p. 233).

---

## LOUVERTURE E BONAPARTE

(AO DR. JÚLIO CÉSAR FERREIRA DE MESQUITA)

Nas tristes solidões do monte Jura,  
que a fronte cinge de glacial diadema,  
vagam os sons perdidos de um poema  
e os ecos froixos de uma história obscura.

Estrondeava além a artilheria,  
que abalava a granito das Pirâmides ;  
pasmava o mundo ; a Europa estremecia ;  
e o fumo, que das hostes irrompia,  
dos Alpes ensombrava as niveas clâmides !  
Passava sobre a terra o enorme gládio,  
que, medindo o universo, a cada estádio  
partia um ceptro, levantava um trono,  
e tentava evocar do eterno sono  
as águias, que no túmulo de Arcádio  
tinham buscado o extremo paradeiro,  
cansadas de correr o mundo inteiro !

Nas tristes solidões do Monte Jura,  
num recesso de lóbrega enxovia,  
um mártir longas horas consumia,  
vitimado aos caprichos da ventura.

Nascera escravo ao pé de irmãos escravos ;  
no berço o iluminara o sol da América;  
e encantaram-o, bravo entre os mais bravos,  
as seduções de uma conquista homérica.

Ele vira oprimidos seus irmãos,  
nas terras onde a pobre liberdade  
esmorecia nas ferinas mãos  
dos que albergavam ódio e crueldade  
no manto de franceses e cristãos.

Dentro da sua pátria, era estrangeiro ;  
seu berço, um património de invasores ;  
e os brancos eram surdos aos clamores  
da negra escravidão, que sucumbia,  
entre os braços ferozes do negreiro.

E nas faces crestadas ressentira  
a indignação que os fracos robustece ;  
e dos roxeados pés erguêra a mira  
ao sol que os horizontes esclarece

O escravo tornou-se homem. A verdade mostrou-lhe a lama do aviltante ecúleo ;  
e a salvadora mão da liberdade  
ungiu-lhe o peito e armou-lhe o braço hercúleo.

O estrénuo herói lutou, arca por area ;  
mas no relógio, que os destinos marca,  
não havia soado a hora extrema  
do império atroz do látego e da algema.

Venceu-o a França. O negro Louverture  
dobrou o colo ante o poder dos brancos,  
rolou ainda no cairel do abismo,  
e viu feita pedaços a secure  
que resvalara pelos nédios flancos  
da fera consular do despotismo...

Chamaram-lhe traidor ; e, após um dia,  
roubayam-lhe a familia, a pátria, tudo ;  
e o desditoso herói esmorecia  
num recesso, como êle triste e mudo,  
num recesso de lóbrega enxovia.

Em uma noite, (a noite não findava  
na gélida mansão do prisioneiro !)  
quando o nobre cativo contemplava  
as álgidas visões do cativeiro,  
às portas do seu cárcere assomava,  
estrano vulto, audaz e sobranceiro.

E entrou.

— Quem és? — interrogou altivo o bravo Louverture, erguendo a fronte.

— Bonaparte.

— Nos gelos dêste monte,  
a quem procuras tu?

— Ao meu cativo.

Tu eras um valente, Louverture;  
eu estimo os valentes e infelizes...  
procuro vê-los... e há quem assegure  
que os valentes me prezam... Tu que dizes?

— Nada!

— Bem sei: a voz é-te oprimida  
pela consciência da traição infame...  
Quem quer que contra mim horrores trame,  
nas minhas mãos depositou a vida...

— Insultas um escravo, Bonaparte;  
e sabes quanto vale quem o insulta?  
vale menos do que ele em toda a parte,  
porque um escravo ainda pôde dar-te  
o dô, a trôco de uma ofensa inulta...

— Porque te irritas, negro? A ira tua  
não curva o semi-deus: à claridade,  
que precede o ribombô do trovão,  
tenho desafiado a tempestade,  
e a tempestade, trêmula, recua,  
se eu lhe respondo em vozes de canhão...

Sou maior do que tu : seguro o leme  
do galeão alteroso do presente ;  
alevanto o meu braço omnipotente,  
e, sem tremer, digo à Europa : treme !

— E eu vejo-te pequeno, Bonaparte ;  
és feliz, e guerreiro : nada mais !  
A mão, que os ceptros e as nações reparte,  
deixa em teu rasto maldições e aís.  
Sobes alto num sólio de esqueletos  
que descarnas, vampiro, em tuas mãos ;  
e eu quis salvar os réprobos, os pretos,  
salvar o berço de meus pais e irmãos.

Tu, não salvas ninguém ! a tua espada,  
igneia rasoirá, flamejante passa,  
ceifando a vida aos filhos da desgraça,  
correndo o mundo, torva, ensanguentada.

— És grande pois ? triste grandeza a tua !  
A verdade que, timida, flutua  
ao longe, em céus distantes, há de um dia  
poisar serena e olímpica entre o bando  
dos teus aduladores, fulminando  
num golpe o semi-deus e a idolatria...  
E, ao esplendor de rápida favila,  
verão que o teu coloso era... de argilla ! —

Disse, e ficaram em silêncio os dois.  
Bonaparte saiu. Anos depois,  
o mundo absorto, extático, saudava  
do moderno Alexandre o poderio ;  
e o negro, a insonte vítima, expirava  
no seu cárcere escuro, á fome e ao frio.

## AOS HIPÓCRITAS

*Paráfrase evangélica*

(AO DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES)

E pregava Jesus aos seus discípulos :  
— Sentaram-se na catedra mosaica  
os miserios hipócritas  
da turba farisaica.

As iludidas multidões agregam,  
e, com palavras sans, as edificam :  
recebei a verdade que êles pregam,  
mas não o que praticam.

Fardos impõem aos hombros de seus servos,  
dos famintos, dos simples, dos pequenos ;  
porém nunca sobraçam os protervos  
um fardo, o mais somenos.

Alardeiam ciéncia e piedade,  
e ostentam-se vaidosos,  
arrastando nas ruas da cidade  
a fimbria dos vestidos preciosos.

E rindo aceitam reveréncias pùblicas ;  
recamam de oiro e pérolas as togas ;  
amam a eeia lanta, e refestelam-se  
no primeiro lugar das sinagogas.

Vòs que me ouvis, ó turbas e discipulos,  
tomai diverso trilho :  
o que se humilha exalta-se ;  
e aquele, que se exalta, é quem se humilha.

Mas ai dos fariseus, raça de viboras !  
que andam pulindo o exterior da taça !  
e deixam dentro a iniquidade e o vicio  
que o coração trespassa.

Não sentem fome, não se expõem às chuvas,  
e dominam os frágeis corações,  
devorando o alimento das viúvas  
a trôco de orações.

Imita o seu espirito falaz  
as tumulares pedras branqueadas :  
um túmulo formoso à vista apraz,  
mas tem no seio podridão e ossadas.

## MURMÚRIOS NA CASERNA

(AO DR. TRINDADE COELHO)

— Que horas serão, camarada ?  
— Meia noite, pouco mais.  
— Se já rompesse a alvorada...  
— Porquê ?

— Não se dorme nada  
nestas enxérgas fatais.

Deita-se a gente com fome,  
enrola-se nesta manta,  
e, antes que o sono nos tome,  
vem o cuidado, que espanta  
quanto sono possa haver.

— A bem dizer, o bocado  
não é lá de apetecer.  
Mas que queres ? O soldado,  
quando sabe obedecer,

dizem que tem o bastante,  
porque lhe basta o dever  
e as ordens do comandante. «

— Isso é velha ladainha  
de bonecos galoados.  
Servir o rei e a rainha  
será dever de soldados ;  
mas, homem, eu tenho lido  
ai por essas gazetas  
que isto de reis são muletas  
de um sistema entorpecido.

Demais, não comprehendo bem  
que eu tenha um dever estreito,  
e a final de contas ninguém  
me reconheça um direito.  
Lá fóra, em alguns países,  
de outra forma as coisas são :  
o cidadão é soldado,  
e o soldado é cidadão.

Isso sim, que é acertado ;  
mas ver-se um homem no campo  
amanhando as suas leiras,  
livre, feliz, sossegado,  
enxugando com cuidado  
as lágrimas derradeiras

de alguma extremosa māi;  
 e chegar-se a nós alguém,  
 dizendo : «Em nome da lei,  
 larga a enxada, a tua herdade,  
 o prazer, a liberdade,  
 e passa a servir el-rei » ;  
 palavra de honra, eu não sei  
 se os bois, a que eu punha o jugo,  
 são mais livres, mais ditosos  
 que os batalhões numerosos  
 de que o Estado é verdugo !  
 Se não, dize-me tu lá  
 como te chamam ?

— Tem graça !

eu era Antonio, mas cá,  
 depois que eu assentei praça,  
 de Antonio que me chamava  
 fiquei o *Nore da oitava*.

— Ai tens ! os meus bois, ao menos,  
 mais regalias logravam :  
*uns, Cubanos* se chamavam ;  
 Chamavam-se outros, *Morenos*.  
 Tu, depois de te roubarem  
 ao seio de tua māi,  
 e depois de pearem  
 em nome 'do patriotismo,  
 roubam-te o nome também  
 e chamam-te... um algarismo.

— Tu falas bem, *Vinte e um*;  
 mas se o *Quatorze da quinta*  
 ouvisse agora o que eu oíço,  
 aquela rez de mà pinta,  
 espião como nenhum,  
 levava-te ao calaboiço...  
 Ainda hontem o *Trinta*,  
 só por queixar-se ao sargento  
 de que, há não sei quantos dias,  
 lhe davam pão bôlorento,  
 lá foi para as enxovias ;  
 e o sargento das escolas,  
 todo pimpão, todo ancho,  
 farejou as caçarolas  
 e achou magnifico o *rancho*.

— Coitado de quem não mostra  
 quatro *divisas* no braço :  
 é trazer sempre o baraço  
 atado ao nó do pescoço.  
 Se o desespêro nos prostra  
 na trabalhada carreira,  
 lançam-nos a gegalheira  
 como se lança a um molosso !  
 Ninguém pensa em fazer guerra,  
 podre de paz, tudo cai ;  
 e no entanto a gente vai  
 percorrendo toda a terra,

sobre espinhos e entre dores,  
como em cata de invasores  
que estejam batendo à porta  
de alguma cidade morta.

E, no entanto, as nossas várzeas  
vão ficando sem cultura :  
crescem arbustos daninhos,  
os escalrachos e espinhos,  
onde o trigo com fartura  
dava trabalho aos moinhos.

Calam-se enfim as azenhas,  
berra as portas o moleiro,  
e fazem teia as aranhas  
na parede do celeiro.

E quanto mais cresce a fome  
mais o governo consome  
com décimas e tributos  
os pobres, minguados frutos  
de fadigas impotentes :  
arranca ao povo a camisa ;  
e porque não ? se precisa  
*de exércitos permanentes !...*

(Nota. — Consta-nos agora  
que o palrador *Vinte e um*,  
apenas rompeu a aurora,  
foi pelo general Boúm

metido em dura prisão :  
tinham-lhe ouvido a palestra,  
e fôra denunciado  
como indôcil e implicado  
em negra conspiração).—

## ÚLTIMOS ADEUSES

*Episódio*

(AO PADRE FRANCISCO MARQUES DINIS HENRIQUES)

### I

Entorna êsse teu pranto, flôr de neve,  
que o pranto da innocênciâ é puro e santo !  
Sim, chora, que os teus prantos, branco lírio,  
hão-de esmaltar-te a c'rôa do martirio !  
Chora ! que acima do celeste manto  
há Alguém que pesa as bagas do teu pranto !

.....

### II

Toda a tarde esmolou de porta em porta  
a innocent Luisinha, e sabe Deus  
como escutaram os gemidos seus  
e viram suas lágrimas ! — que importa,

que importa a muita gente que a desgraça  
mate de fome ou cubra com andrajos  
a quem na rua passa!...

## III

Lá vai ela caminho do casebre,  
que além se avista ao fim da sua aldeia.  
É ao cair da tarde. O fumo ondeia,  
erguendo-se das choças e casais;  
dos montes do levante, a lua cheia,  
coando-se por entre os pinheirais,  
vem projectar seus raios prateados  
no tecto dos colmados.

## IV

Expira enfim a tarde melancólica.  
A penumbra indecisa do crepúsculo  
já domina o casebre solitário,  
silencioso e triste como um túmulo!

Se o visseis nessa hora,  
talvez dissésseis que dali a vida  
fugira espavorida,  
açoitada da morte assoladora!

Mas era engano! — Dentro do casebre,  
cansada da vigília diurna,  
esmorecia a luz

de uma vida que a febre  
alimentava, — como a frágil urna  
que, junto de uma cruz,  
resguarda os clarões baços  
de um triste lampadário,  
e espera trêmula o roçar do vento,  
por se fazer pedaços  
contra os degraus de fúnebre moimento !

.....

## V

Entremos com Luisinha  
ao casebre. Quem vê a rude ombreira  
para logo adivinha  
a miséria que lá por dentro mòra.

Entremos. Na lareira  
esfriaram as cinzas, desde a hora  
em que arderam os ultimos gravatos  
que a pobre māi da pobre innocentinha  
trazia em tempo dos maninhos matos.

A candeia apagada  
estava pendurada  
em a parede denegrida e nua !  
O casebre outra luz não recebia  
senão a luz do dia,  
que entrava só pelo portal da rua.  
Se os olhos buscam mais, apenas vêm,  
por móveis, a pobreza a cada canto;

por jóias, os aljófares do pranto  
 os cílios orvalhando á triste mã,  
 que tinha por colchão  
 húmidas palhas no gelado chão !

## VI

— «Vem na paz do Senhor, meu pobre anjinho;  
 vem matar as saudades que me dás,  
 quando não gózo, filha, o teu carinho,  
 quando de mim bem perto não estás !  
 Tu bem viste o inocente passarinho  
 busear as balsas, e ainda agoravens !  
 Talvez adormecesses no caminho,  
 já cansada das noites que tu tens  
 passado desveladas,  
 a murmurar-me falas abençoadas,  
 e com teus beijos de innocència e amor  
 a refrescar-me as faces abrasadas  
 da febre no calor...» —

— «Mã, não adormeci; a caridade  
 é a que me parece  
 que ás vezes adormece  
 e que de nós se quece  
 sem dó e sem piedade!...  
 Toda a tarde esmolei de porta em porta,  
 mas dentro não entrava a minha voz,  
 que dentro a gente estava surda ou morta... »

---

## VII

Uma noite de Janeiro  
em terras do Portugal,  
quando o castelo roqueiro  
e o mais humilde casal  
namoram a branca lua  
que nos céus, de anil flutua ;  
quando reina doce paz  
nos céus, na terra e nos mares,  
e tudo em silêncio jaz,  
— gândaras, montes e algares :  
uma noite de Janeiro  
em terras de Portugal,  
quem a não viu é o primeiro  
que bem pôde, por seu mal,  
dizer que a alma, enregelada  
por uma deserença fria,  
nunca a sentiu bafejada  
pelo arcanjo da poesia...

Mas o que já uma hora,  
nessas noites de luar,  
escutou embevecido  
o murmurinho sentido  
da cascata a tintilar ;

quem um momento estendeu  
até lá acima um olhar,  
como querendo contar  
os lampadários do céu :

diga o que sentiu então  
nessa hora misteriosa,  
em que o nosso coração  
não sabe se pena ou goza.  
Eu não sei bem se é tristeza,  
nem sei bem se é alegria  
o que nossa alma extasia,  
quando nossa alma está presa  
ao iman da natureza.

Curvemo-nos ao mistério,  
e a crença fique de pé! —  
Seja pena ou alegria  
o que a nossa alma extasia,  
silêncio! porque a poesia,  
ninguém diz o que ella é!

.....

E como a noite vai linda!  
As torrentes de harmonia  
de cúpula azul e infinda  
ressumbram cá para a terra  
esses jorros de poesia,  
que nos astros Deus encerra.

E do belo panorama,  
alumiado pelo alvor  
da lua que a luz derrama  
sobre as obras do Senhor,  
ressalta um grupo de amor ;  
que, por noites de luar  
o amor chove,gota a gota,  
e não sei que voz ignota  
a gente convida o amor.

Pelas fendas de um colmado  
entra o luar prateado,  
aliando o seu palor  
ao palor que triste brilha  
nas faces da tenra filha,  
unida suavemente  
ao seio da mãe doente,  
refrigerando-lhe o ardor  
da febre que lh'a devora.  
Não vos menti, vede agora :  
eis o meu grupo de amor !

Diga-me alguém se o escopro  
de Canova talharia  
grupo de tanta magia  
como esse outro, a quem um sôpro  
de Deus ajuntado havia.

Beitada sobre o seu leito  
de palhas, em terra fria,  
a māi unia ao seu peito  
a filhinha que dormia,  
e, a dormir, a māi beijava.

E a triste da māi velava ;  
velava, sim, porque a febre  
as noites lhe amargurava ;  
mas se, à rēstia do luar  
que alumiaava o casebre,  
visseis seus olhos incertos  
a divagarem nas órbitas... ;  
se dos lábios meio-abertos  
ouvisseis o murmurar,  
e apalpasseis êsse fogo  
que as faces lhe ia queimar,  
certo, não dirieis logo  
se estava a triste a velar !

E velava, — se alguém vela,  
quando a febre do delirio,  
revelando atrôz martirio,  
a loucura nos revela ! ...

A pálida lua, ermando  
na abóbada azul e erma,  
refrangia um raio brando  
por sôbre o rôsto da enferma...  
.....

E nos cerros do levante  
repontou a madrugada,  
erguendo-se radiante,  
— toda tímida e cônada,  
pudibunda e preguiçosa,—  
do seu leito de escarlata,  
toda vestida de rosa,  
toda toucada de prata.

.....

## O AGIOTA

(AO CONSELHEIRO J. M. DE ALPOIM)

### I

Quando eu, vencendo escrúulos, me achego  
ao vampiro famélico da usura,  
faz-me êle recordar pela figura  
o escudeiro fiel do herói manchego.

Contemplo aquêles bócios e o refêgo  
que lhe ondula a ciclopica estatura,  
e a face que, na côr e na gordura,  
tráz á ideia o presunto de Lamêgo.

Insinúa, na voz, falaz doçura,  
em estilo parente do galego,  
e joga a bisca com o padre-cura;

passcia só, á beira do Mondego;  
e, se traça capote em noite escura,  
dil-o-eis envolto em asas de morcego.

## II

De livros, leu em tempos o *Lunário*;  
fundo na sua peculiar ciéncia,  
colhe os frutos da velha experiéncia  
e nem lê as notieias do *Diário*.

Tráz consigo arqueológico rosário,  
vai à missa, é beato na aparéncia,  
e costuma lavar a consciéncia  
ao pé do expurgador confessionário.

Em feliz e invejável indoléncia,  
explica ao filho, em volta do larário,  
lições de economia e de prudéncia.

Nunca dá cinco reis a um proletário,  
mas fala muita vez da Providéncia,  
e nunea falou bem de um usurário.

---

## A FOME

Canção popular em França

(AO DR. ZEFERINO CANDIDO)

Quando na margem do rio  
a azenha é silenciosa,  
e o jumento dos moleiros  
sossêgo constante goza,  
a penúria em pleno dia  
penetra nos nossos lares,  
o céu tolda-se de negro,  
e os ais perdem-se nos ares.

Nada embarga ao povo a queixa,  
quando a fome o curva ao chão;  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

A fome corre as aldeias,  
 a cidade, toda a terra;  
 ide lá tolher-lhe o passo  
 com vossos clarins de guerra!  
 Ela abre as asas e vòa  
 sôbre pólvora e metralha,  
 e firma o seu negro lábaro  
 sôbre a mais alta muralha.

Nada embarga ao povo a queixa,  
 quando a fome o curva ao chão,  
 que a natureza não deixa  
 na terra viver sem pão.

Que valem vossos exérцитos?  
 A fome dá disciplina,  
 e dá fôrça e fornece armas  
 à multidão campesina:  
 o sino toca a rebate,  
 há foices, pás e forcados;  
 e até mulheres comprimem  
 fuzis aos peitos nevados.

Nada embarga ao povo a queixa  
 quando a fome o curva ao chão;  
 que a natureza não deixa  
 na terra viver sem pão.

Tirai a foice e a espingarda  
de entre as mãos da populaça,  
e levantai guilhotinas  
sobre os ângulos da praça ;  
quando o machado sangrento  
vidas mil haja cortado,  
aos olhos das turbas tristes  
do sangue sairá um brado !

Nada embarga ao povo a queixa,  
quando a fome o curva ao chão,  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

Como a água, o ar e o fogo,  
o pão é preciso à vida;  
o pão é divida santa  
pelo Criador contraída.  
Deus pagou a sua divida,  
pois nos deu a terra inteira ;  
e o sol, que no alto esplende,  
secará o pão na eira.

Nada embarga ao povo a queixa,  
quando a fome o curva ao chão ;  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

## TREVAS

(A. F. RAMOS PAZ)

Quis ver o cárcere. Só nele havia  
uns vultos pálidos de torvo aspecto ;  
respirava-se a custo, e parecia  
que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões em calmaria ;  
mar outrora revôlto e irrequieta ;  
apenas pela abóbada sombria  
revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Cheguei-me à turba vil, encarcerada,  
em cuja face se cravara o estigma  
do crime, que nos faz estremecer.

E preguntei : — ¿ Que dolorosa estrada  
vos trouxe aqui ? — E a turba, a esfinge, o enigma  
rugiu na sombra : — Não sabemos ler... —

## VOZES LONGINQUAS

(A DELFIM GUIMARÃES)

— Que vales tu, escravo, sob o látego  
do teu senhor brutal ?

— Que vales tu, colono, junto aos plintos  
do castelo feudal ?

— Que valem os teus brados mal distintos,  
em luta designial,  
misero proletário, recalcado  
pelo génio do mal ?

— Nada ! — responde a sombra do passado.  
— Nadã ! — uma estranha voz inda responde,  
além, do poente escuro.

— Tudo ! — clama a justiça em alto brado.  
— Tudo ! tudo ! — repetem não sei onde  
os ecos do futuro.

## NO CÂMPO

(A ALBERTO PIMENTEL)

— Bom dia, Jacques; estás hoje triste!  
— É fruto do trabalho, meus vizinhos;  
cansa-se a gente a desbravar maninhos  
e nem a planta nem o grão resiste  
à aridez do terreno.

— Ainda assim,  
tu amanhaste os campos do morgado;  
deram boas searas, e por fim,  
salva a renda, terias compensado  
a despesa, as fadigas e o cuidado.

— Graças a Deus, o trigo nasceu bem;  
correu-lhe favorável a estação;  
porém a aveia amesquinhou-lhe o grão,  
e, como aos pobres um só mal não vem,  
rebentou uma negra tempestade  
e das espigas rechaçou metade.

Quando nas eiras se mediu o pão,  
correu-me pelo corpo um calefrio  
e a tristeza cobriu-me o coração :  
é que eu tinha de dar ao senhorio  
um moio e dez alqueires de pensão,  
e, depois mesmo de estremado o joio,  
ví que, joeirado, apenas tinha um moio.  
Procurei o morgado. Dizem dele  
que tem nobreza na alma e nos brasões ;  
expus-lhe as minhas tristes condições,  
e pedi-lhe que ao menos, por piedade,  
só me exigisse o pão que deu a herdade.  
Não quis ouvir-me. Quando entrei em casa,  
meus filhos dormitavam na soleira,  
cansados já de trabalhar na eira.  
Despertei-os. Tomaram sôbre os ombros  
o pão que êles haviam joeirado ;  
levaram-no aos celeiros do morgado,  
e uns miserios lençóis dei à pinhora,  
por completar a renda espoliadora...  
Na primavera e no verão calmoso,  
trabalhei, dia a dia, mas, ao fim,  
não há para o trabalho, para mim,  
uma hora sequer de paz e gôzo.  
Por isso eu entristeço. A fome e o frio  
vão sentar-se comigo no meu lar ;  
e, quando vir meus filhos esfomeados,  
eu, triste pai, só poderei... chorar !

## DEZEMBRO

(AO CONSELHEIRO ALBANO DE MELO)

Pára o mendigo em sitio solitário.  
Não aeha quem o acoite.  
E ao longe o campanário  
tristemente anuncia a meia noite.

A neve cai em flócos na calçada,  
desdobrando um lençol alvinítente ;  
e lá se estira o misero indigente  
nessa cama gelada.

Dorme ? Não sei. O sono é-lhe talvez  
como o que afaga a estátua de um moimento.  
Hirtos os membros e nevada a tez,  
flutúa entre a vida e o passamento.

O silêncio apavora,  
engendrando visões luciferinas ;  
só, donde em onde, a ave nocturna chora,  
de um negro pardieiro entre as ruinas.

Ao longe, numa górica janela,  
de argênteo candelabro esmaia a luz.  
É findo um baile, e um camarim se estréla  
sobre a ventura que ali chove a flux.

Cai a neve incessante,  
transformando-se em alvos pavimentos.  
Tudo silêncio. Mas, após momentos,  
passa nas trevas um rumor distante.

Faustosa sege se aproxima em breve  
do entorpecido vulto  
que entre montões de neve  
repoisa meio oculto.

Mas a sege não pára um só instante,  
ao tropeçar no vulto miserando.  
Ouve-se o extremo ai do agonizante,  
e a sege... vai rodando.

## PROGREDIOR

(A BULHÃO PATO)

O templo estava aberto, o templo do trabalho !  
brilhavam sobre o altar — cinzel, escopro e malho ;  
e os cânticos da indústria, erguendo-se até Deus,  
falavam-nos de paz, e enchiam terra e céus !  
O mundo, então feliz, das suas cinco partes  
romeiros enviava ao panteão das artes :  
filhos de estranho clima e raças desiguais  
vinham trocar ali amplexos fraternais !  
— Vinha o felá do sul, os servos do occidente,  
os ésquimos do norte, os pariás do oriente !

### I

De entre a piedosa turba, em que sorria a fé,  
um velho resaia, altivo, erguido em pé,  
ás portas do santuário ! O olhar, profundo e vivo ;  
neve o cabelo e a barba; o aspecto, nobre e altivo ;  
as falas, de vidente !

E a turba preguntou :

— Quem és? Donde vens tu?

— Quem sou? Não sei quem sou!

Sei que aos vossos avós eu embalei o berço,  
e que tenho seguido os povos do universo!  
Venho de toda a parte! É sestro meu andar  
correndo toda a esfera, a ver, a preguntar  
se o mundo vai marchando; e a interrogar as campas  
que à enxada abrindo vai, desde os extensos pampas  
da América florente, até junto aos ombrais  
do indico pagode, e aos gelos boreais,  
onde Imer, Freda, e Odin tiveram culto e altares.—

Fixaram-se no velho atônitos olhares!  
A turba ouvia atenta o encanecido ancião;  
deixava-se tomar de assombro e admiração,  
e tudo preguntou:

— A caso és tu Ahsvero? —

— Que vos importa um nome? ouvide-me, eu só quero  
que, à luz da fé mais pura, o vades soletrar  
na biblia do progresso. Ao meu peregrinar  
não sei marcar princípio! — Inda o judeu da lenda  
espinhos não trilhava em sua eterna senda,  
e já no meu caminho as flôres, mil e mil,  
dobravam-se aos meus pés; e, todo um mar de anil,  
o céu estrelejado a mente me enlevava!  
e, do homem ao surgir, a natureza escrava  
curvava-se ao poder do rei da criação,  
formando no seu seio a tribo e a nação!

O homem seus olhos de águia estende pelo espaço,  
e contra a selva rude alevantou o braço :  
onde medrava açarça, a messe loirejou ;  
e onde rugia o tigre, um canto se escutou !  
Depois, aonde a vida estremecia apenas,  
Palmira a fronte ergueu, Cartago, Roma e Atenas !  
dos meandros florestais, coalhados de reptis,  
surgiu Tiro, e Numância, e Tebas, e Menfis !  
e, em meio de areais, no esbraseado Egipto,  
entronizou-se a indústria em moles de granito !

O homem havia lido a sua grande lei !  
a natureza olhou, como senhor e rei,  
e disse-lhe : — Descobre o seio teu profundo,  
quero marchar e ver ! quero abraçar o mundo !

.....

E tudo caminhou ! À vida, à luz, à ideia,  
rasgam-se novos céus ! — nos ermos da Caldeia,  
ás nuvens se remonta em asas de condor  
e os astros conta e observa incógnito pastor !

Vaguei por nações mil, e ouvi em cada uma  
falar ora Confúcio, ora Lieurgo e Numa !

E com o tempo andei ! e a sombra, a mais e mais,  
o seu lugar cedia a esplêndidos fanais :  
hoje, era no Occidente o Sócrates sublime ;  
ámanhã, na Judeia, o que expiou o crime  
de ter amado muito e ter prêgado o bem ! ...

Não pude inda parar! Chamavam-me além  
 as luzes da ciência, o resplendor das artes!  
 Raiavam novos sóis! — o génio de Descartes  
 pôde abarcar a terra, e a terra iluminou!  
 Kepler, olhando o céu, a órbita marcou  
 ao mundo que gravita em volta de outro mundo!  
 e Herschell, devassando o céu azul, profundo,  
 em pós de ignoto deus, seguiu com passo igual  
 Newton e Galileu, Copérnico e Pascal!

Dilata-se a ciência, ao arraiar da imprensa!  
 o espírito remonta à liberdade, e pensa!  
 e, à voz de Guttenberg, os astros do saber  
 nos céus da imprensa vêm, mais vivos resplender!

Vi renascer a indústria! A velha autoridade  
 tinha cedido o passo à jovem liberdade!  
 e, em novo panteão, triunfante erguer-se vi  
 o mártir do trabalho, o grande Palisséy!  
 O artista sobe a um trono; e da arte o manto régio  
 exorna Rafael, Camões, Tasso e Corrégio!

Recrese a fôrça humana! O impetuoso mar  
 parece ante essa fôrça agora recuar!  
 — acurva o dorso ingente à voz que o génio aclama,  
 deixa passar Colombo, e Laperouse, e Gama!

Depois, era na França ! era lá onde vi  
 em dias de tormenta a *Saint-Barthélémy* !  
 Era no mesmo solo, onde já foi gigante  
 o dëspota embalado em braços de bacante !  
 Era na mesma terra, onde a árvore do mal  
 cobria ao mesmo tempo o trono e a saturnal !  
 Era na França ! embora ! — o tempo tinha andado,  
 e, ao fim de larga noite, o sol tinha raiado.

O sol ? Não era o sol ! — Dos céus na vastidão  
 rompeu estranho, imenso, esplêndido clarão !  
 Inunda-se de luz o velho e o novo mundo,  
 e cai o despotismo, e arqueja moribundo !  
 levanta-se a justiça, e traz ao povo rei  
 as tâbuas, onde Deus traçara a nova lei !

Rousseau e Montesquieu, que já no pó dormiam,  
 na sua obra gigante, em sonhos, se reviam...  
 Espalha-se e resplende o fogo da razão !  
 a voz de povos mil é voz de irmão a irmão !  
 e o verbo salvador, como evangelho novo,  
 instila vida nova e nova luz no povo !

De Fulton e de Watt o improbo labor  
 rouba às fôrças do mundo a fôrça do vapor !  
 Rasga a electricidade a vastidão do espaço,  
 à ideia, ao pensamento, acelerando o passo !  
 e, em torno ao pedestal do século da luz,  
 flôres de eterno Abril o céu derrama a flux !

Hei de ver mais ainda! — Os braços do progresso  
hão de entrar do casal no incógnito recesso,  
abraçar a indigência, e dar-lhe luz e pão,  
dar flores ao deserto e vida à solidão!

E eu hei de me banhar nesses immensos brilhos,  
e, levantando a voz, contar aos vossos filhos  
que amastes o trabalho e a luz que é sua irman,  
que enflorastes o berço aos homens de ámanhan!

Chamam-me novos sóis e mundos que adivinho!  
Comigo caminhai! segui o meu caminho! —

E o velho caminhou! viram-no sempre andar,  
transpôr os alcantis, o vale, a selva, o algar,  
e os passos dirigir ao lúcido Oriente  
onde costuma erguer-se a aurora resplendente!  
Saudemo-lo, o bom velho! Esqueceremos nós,  
ó filhos do progresso, aquela augusta voz  
que diz ás gerações — amor, futuro e glória?

A voz do peregrino era o pregão da história!



JORNADA V

---

—  
NICTAGÍNEAS

(EXTRACTOS)





## PALAVRAS PRÉVIAS

---

*Os versos, contidos no volume NICTAGÍNEAS, publicado em 1883, eram precedidos das seguintes linhas do autor:*

Ao fim do dia, quando a penumbra do crepúsculo espalha silêncio e mistério nas pradarias em flôr, abre timidamente as suas pétalas a modesta nietaginea.

Em quanto o sol estira os seus raios de oiro nas alfombras alegres e vivazes; em quanto no ar se cruzam os murmurios e as vozes que denunciam a vida, a felicidade e a esperança: conserva-se a nietaginea oculta, retraida, como que homisiada entre os esplendores da natureza.

Adormecida durante o dia, acorda à noite para os suaves mistérios da sua existência desambiciosa, tranquila e casta. O lampejar das estrélas, o palidejar da lua, o canto amoroço e vago de algum rouxinol ao longe, o frêmito das auras perfumadas que a embalam cariciosamente, o orvalho que lhe prateia e lhe constela as fôlhas, cercam-lhe a existência de uma simpatia doce e calma, e dão á sua tristeza e á sua soledade o indefinido encanto das venturas íntimas, e a estranha fascinação das lágrimas silenciosas.

Os versos que vão lér-se,—pobres nictagineas,—nasceram na obscuridade e não procuram o sol da glória. Viçaram suavemente nas sombras, mais ou menos densas, de uma existência escassamente alumuada pelos sorrisos da fortuna, e rudemente batida de temporais e lutas.

Devo a essas nictagineas alguns momentos de paz.

Por isso lhes quero e as guardo.

C. DE F.



## AD ASTRA

(*No alto do Marão*)

(Ao Dr. PAOLO MANTEGAZZA)

Quanto mais eu contemplo os céus e a terra,  
e afundo os olhos no que não existe,  
mais ermo o coração de si desterra  
as velhas ilusões que o peito encerra ;  
e o *Nada* exclama : — Ó natureza ! és triste !

Tenho salvado a aresta dos rochedos,  
e mergulhado a vista nos algares,  
e dormitado à sombra de arvoredos,  
e ouvido os melancólicos segredos  
que às ermas praias vão dizendo os mares ;

e em cada fólfha que aos meus passos range,  
em cada nota que o oceano exala,  
no monte que se alteia e se confrange,  
em tudo quanto a minha vista abrange,  
apenas oiço um coração que estala...

Ó doida fantasia, pomba errante,  
que demandas uns mundos que entreviste,  
não te cances no vácuo !... a alma do Dante  
já não busca a Beatrice deslumbrante ;  
que é morta a crença, e só o *Nada* existe...

E há quem diga que a fé nos alumia,  
se ao alto nos erguemos das montanhas !  
Olha no abismo a dúvida sombria,  
encolhe as asas, doida fantasia,  
e abraça o musgo que reveste as penhas...

## AOS PÉS DA DEUSA

*(Num aniversário liberal)*

(A ANSELMO VIEIRA)

Imaginai um túmulo gigante  
no centro de floresta impenetrável,  
onde nunca parou o caminhante  
a contemplar o nada,  
o nada profundíssimo e impalpável,  
que prende a fantasia extraviada.

Imaginai que em roda dêsse túmulo  
soltam as feras um rugir feroz,  
e andam os ventos imitando a voz  
que fere como o anátema,  
a voz que só a consciência exprime  
depois de um grande crime.

O mundo era a simbólica floresta.  
 Nesse túmulo enorme e solitário  
 jazia morta a consciência humana,  
 amortalhada em rúbido sudário.  
 A injustiça folgava. A sua festa  
 era a do canibal sanguissedento,  
 que à sua pobre vítima  
 almeja ouvir o derradeiro alento !

Porém, um dia, entrou na selva densa  
 o audaz, o austero, o impávido direito ;  
 e flamejante como o sol da crença,  
 ergueu as pedras do funéreo leito,  
 e disse à consciência : — Ressuscita !  
 Surge ! Caminha ! Eu seguirei teu rasto !  
 não importa que o mundo seja vasto !  
 dominarás quanto no mundo habita ! —

Ergueu-se a consciência. A liberdade,  
 sua dilecta filha,  
 foi espalhando foros de cidade  
 em cada continente e em cada ilha,  
 até que o mundo inteiro, resgatado,  
 de polo a polo repetiu um brado,  
 o brado da vitória,  
 que vive em ecos através da história !  
 .....  
 Quem te não ama, eterna claridade,

que abres o céu em cárreteres sombrios,  
que enches de amor e fé a mocidade,  
e nos velhos acendes velhos briões  
que lhes relembram a primeira idade !

Tu és a mensageira  
da paz e da ventura que anelamos ;  
os ramos da tua árvore são ramos  
da propicia oliveira  
que se reclina sobre a nossa festa,  
e que a nós todos carinhosa presta  
a sombra hospitaleira.

Tu dás força à palavra  
e asas ao pensamento :  
a ardente fé, que em nosso peito lavra,  
expande-se, transcorre num momento  
a terra, o mar profundo,  
os hemisférios ambos, todo o mundo !

Tu, inundada de uma luz divina,  
alumias os fracos e oprimidos ;  
surgindo tu, rolam grilhões partidos ;  
prestes se apaga a lutoosa crina  
do cometa fatal do despotismo ;  
extinguem-se as alâmpadas da orgia ;  
os fariseus ocultam-se nas trevas ;  
e só tu, deslumbrando-nos, te elevas  
sobre as cinzas da velha tirania !

---

No templo da justiça, eis-nos curvados  
perante a auréola que te cinge a frente !  
Lá fora, os vendilhões e os renegados !  
Cá dentro, a fè e a aspiração do crente !  
E a aspiração altíssima, que invade  
o seio generoso de quem te ama,  
o voto que os teus crentes mais inflama,  
é morrer em teus braços, Liberdade !

---

## A PASTA DE UM MINISTRO

(AO DR. GAMA PINTO)

### I

Ela saia triunfante, cheia,  
alegre, rubicunda e satisfeita,  
tomando pela rua mais direita  
que leva ao real paço, onde pompeia,  
entre festões e púrpuras e rendas,  
a chancela das graças e prebendas.

### II

E todos estendiam olhos ávidos  
para o bojo da pasta, são, repleto;  
e, sofrendo o coração inquieto,  
abriam alas aos corcéis impávidos,  
que levavam a pasta deslumbrante  
como um raja num dorso de elefante.

## III

E as alas murmuravam em segredo :  
— « Que leva a pasta ? Não haver quem entre  
naquele estranho e avermelhado ventre ! » —  
E uma viúva suspirava a medo :  
— « É talvez a pensão ! talvez... » — E um padre :  
— « Tem mais um bispo a nossa Santa Madre... »

## IV

— « Em fim vou ser barão ! » — outro dizia,  
poisando as mãos na refegada pança.  
Um patriota : — « Firma-se a aliança  
de Albion com a nossa monarquia ! » —  
Um político : — « Eu já o tinha dito :  
vai Astreia reinar no meu distrito. » —

## V

Um servidor da pátria : — « Os meus serviços  
vão ter o galardão, o justo prémio ! » —  
Uma elegante . — « *Êle* perdeu no Grémio  
uns quatro contos, mas os meus feitiços  
conquistaram da sábia ditadura  
para nós dois a perenal ventura. » —

## VI

Um traficante : — « Temos já Govêrno  
que remunere amigos prestadios ;  
entro na alfândega ; e o cunhado e os tios  
lá entrarão, quando chegar o inverno. » —  
Um proletário : — « Mesmo assim *servente*,  
já se pôde ter casa e cama quente. » —

## VII

Um sábio, quase a crer na Providência :  
— « Até que em fim houve um ministro amigo,  
que me viu e que disse lá consigo :  
— não é bonito esfomear a ciéncia ! —  
e por decreto vai mandar-me em breve  
tratar de bombas, que é ofício leve ! » —

## VIII

E a pasta prosseguia em seu caminho,  
serena, impermeável... Quando a abriram,  
um rato e uma gran-eruz dela saíram,  
um cônego, um fiseal, um barãozinho,  
um sino, três comendas, uma estrada,  
um escândalo reles e... mais nada.

## ATALANTA

(A GONÇALVES VIANA)

Era uma vez um rei. Tinha uma filha,  
tão formosa e galante rapariga,  
que era a mais decantada maravilha  
de toda a Grécia antiga.

Além das graças, era ennobrecida  
de tanta agilidade e tanta fôrça,  
que de certo excedia na corrida  
a rapidez da corça.

Requestavam-na mil; mas entre todos  
a quem seria o feliz, o espôso eleito?  
Cismava o rei, buscando traça e modos  
de decidir o pleito;

e resolvem-o em fim desta maneira :  
 — Se algum de vós possuí destreza tanta,  
 que vença minha filha na carreira,  
 — possuirá Atalanta. —

Ei-los a postos. Cada qual se empêna  
 por correr mais que a esplêndida princesa.  
 Mas é debalde : ninguém há que tenha  
 a mesma ligeireza.

Hipómenes, um moço dessas eras,  
 provado atleta, donairoso e amante,  
 receava, e pungia-lhe deveras,  
 não sair triunfante.

Consultou tudo : o amor, a ciência, o agoiro ;  
 e, à voz dô amor, secreta e lisonjeira,  
 sobraçou um cabaz de pomos de oiro  
 e lançou-se à carreira.

Corre a pár Atalanta, acompanhando  
 os largos passos do sagaz vizinho,  
 que a pouco e pouco ós pomos vai largando  
 ao longo do caminho.

— Quem pôde resistir a pomos de oiro ?  
 Distrái-se a velocípede garbosa,  
 e, sem temer derrota nem desdouro,  
 os pomos colhe ansiosa.

E, em quanto ela os apanha, o moço atleta  
sofregamente os passos agiganta,  
do percurso ajustado chega à meta,  
e... venceu Atalanta.

Venha a moralidade. Vós, leitoras,  
perante quem nós, homens, nada somos,  
e serieis por ventura vencedoras,  
perante aqueles pomos?

1875.

---

## ALMA VIÚVA<sup>1</sup>

(AO CONSELHEIRO L. G. REIS TORGAL)

Passaste junto de mim,  
e não me esqueceste, crê:  
no mundo, que te não vê,  
nunca vi tristeza assim!

Nos olhos, bagas de aljósfre,  
o sêlo da dôr na face...  
Custa crer que alguém passasse,  
sem ver que tua alma sofre!

---

<sup>1</sup> Estes versos lograram uma bela tradução aleman do Dr. Wilhelm Storck. É a seguinte:

### VERWAIST

Gingest rasch an mir vorüber,  
Doch ich merkte wer du bist;  
Auf der Welt, die dein vergisst,  
Sha ich nie ein Wesen trüber.

Só o pobre cantador,  
que espreita as dores e os ais,  
põe ver que, entre os demais,  
não há lugar para a dôr.

Um ai é grito imprudente,  
que vai desfolhar as rosas  
das alegrias ruidosas  
de um tripúdio permanente.

Passa! Não chores aqui,  
no meio da multidão!  
não abras o coração  
aos que se riem de ti!

Deine Perlenaugen tragen  
Eingeprägt dein Schmerzgeschick :  
Wer dich streift mit flücht'gem Blick,  
Ahnt, dass Weh'n dein Herz zernagen.

Nur der Sänger, der hienieden  
Mitempfindet Leid und Last,  
Weiss, dass solchem Grame Rast  
Unter Menschen nicht beschieden.

Seufzer sind verhasste Hauche ;  
Wo sie weh'n, da werden matt  
Und verwelken Blüt'und Blatt  
An der Weltlust Rosenstrauche.

Vai! As solidões procura,  
onde habitam as panteras :  
talvez as bárbaras feras  
te respeitem a amargura!

E, quando a noite surgir  
do fundo da solidão,  
chora, expande o coração,  
que as feras não sabem rir!

---

Geh vorbei und birg die Leiden  
Vor der Menge, kalt wie Erz ;  
Klagst du, wird sie deinen Schmerz  
Doch verlachen unde dich meiden.

Fern bei Panthern und Hyänen  
Suche Ruh'und Aufenthalt,  
Ob vielleicht das Wild im Wald  
Habe Mitgefühl für Thränen.

Wenn alsdann auf Höh'n und Thalen  
Liegت gebreitet düst're Nacht,  
Weine nur ! kein Wesen lacht  
In der Oed'ob deinen Qualen.

(AUS PORTUGAL UND BRASILIEN, *Augewählte Gedichte*,  
p. 235).

---

## A UMA PIANISTA

— Não vez aquele *Erard*, um monstro de madeira, abandonado, triste, ao canto de uma sala ?  
Parece dormitar; não ouve, não te fala ;  
descansa ali, talvez, prostrado de canseira.

Pois bem! Escuta-o agora: estremeceu! suspira!  
e cisma! e devaneia uns íntimos segredos!  
O monstro chora e ri! exalta-se! delira!...  
É que sentiu no dorso os teus formosos dedos.

## CONSOLAÇÕES

(À MINHA DORA)

Tem estrélas no seio a noite fria ;  
a nuvem negra beija o sol na altura ;  
no cárcere penetra a luz do dia,  
e o pirilampo na caverna escura.

Aonde haja uma sombra ou amargura,  
desce um confôrto, um raio de alegria,  
pois até a algidez da sepultura  
sente o calor dos beijos da poesia.

Só eu... Diríeis que um azar daninho  
anda estendendo em todo o meu caminho  
sombras tristes de tristes mancenilhas...

Mas não ! sei que é feliz quem tem ao lado  
o côro alegre, meigo e descuidado  
de umas crianças a que chame filhas.

## DÍSTICO

(À MINHA ANTÓNIA)

O teu pintor foi infiel; já sabes ?  
delineou-te, é verdade, a face pura ;  
não esqueceu o olhar que refulgura  
e em que o meu pobre coração abrasa ;  
copiou fielmente cada linha,  
cada suave curva do teu rosto,  
teu cabelo a ondear ; mas... adivinha !  
mas occultou-te as asas.

---

## ESPOSA <sup>1</sup>

### I

Venho do mar... Escuta-me! sou naufrago,  
que vem cumprir um voto, e descansar.  
É sagrado o meu voto; se é sagrado!  
Ter fé, mal sabe quem não há lutado  
com as tormentas em revôlto mar...

---

<sup>1</sup> O admirável poliglota e poeta italiano Marco Antonio Canini honrou êstes versos com a seguinte tradução, no seu monumental *Libro dell'Amore*, (vol. II, p. 178):

Vengo dal mar: m'ascolta... Sono un naufrago,  
Che vuol compiere un voto e riposar.  
Oh, come sacro è il voto ch'ho formato!  
Mal tiene fede chi non ha lottato

## II

A vida é o mar cavado, o negro vórtice,  
 em que se abisma a flôr das ilusões ;  
 e é dêsse mar que eu falo, ô minha santa !  
 mar que amiúde ruge e se elevanta  
 nas suas infinitas solidões.

## III

Sempre aos ouvidos um concerto horrisono,  
 ondas e ventos, raios e escarcéus,  
 ô ! lutei, lutei muito ! e nos escolhos  
 a noite era tão densa, que meus olhos  
 em vão se erguiam, procurando os céus !

Con le procelle di sconvolto mar.  
 Profondo è mar la vita, è negro vortice,  
 Ove d'ogni illusion si perde il fior.  
 Da questo mare, o mia santa, vengo io,  
 Che turge con immenso fragorio,  
 Ne' cui vasti ermi pian sede ha l'orror.  
 Il terribil concerto udia, che i fulmini,  
 I gonfi cavalloni e i venti fan.  
 Molto ho lottato ! . . . Alzando gli occhi miei —  
 Si densa era la notte — non potei

## IV

Algumas vezes, um fagaz relâmpago  
rompia a custo a cerração fatal ;  
e a voz distante de ignorada ondina  
penetrava no seio da neblina,  
quase impondo silêncio ao vendaval.

## V

É que em teu seio virginal, castíssimo,  
ecoára do naufrago a oração ;  
e quando, extenuado, semi-morto,  
aleancei o sereno e amigo porto,  
meu olhar não buscou os céus em vão.

Scorgere il cielo, e l'ho cercato invan.  
Talora il tenebroso aere un fuggevole  
Lampo fendeva a malappena, e in sen  
• Della nebbia la voce penetrava  
Di sconosciuta ondina: impor sembrava  
Ala procella che venisse men.  
Nel tuo petto castissimo di vergine  
La preghiera del naufrago trovò  
Un'eco, e allor che stanco, mezzo morto,  
Il tranquillo raggiunsi amico porto,

## VI

Cumpro o meu voto; e, como ofrenda humilima,  
todo o meu ser deponho em teu altar.  
Pertenço-te! e os joelhos dobrar quero  
junto a teus pés, no santuário austero,  
no templo augusto, que se chama — o lar!

---

L'occhio mio il cielo invano non cercò.  
Compiendo il voto, l'esser mio, qual umile  
Offerta, ecco depongo sul tuo altar;  
E chinare i ginocchi ora a'tuoi piedi  
Me nell'augusto santuario vedi,  
Che tetto conjugal suolsi chamar.

## IRMANOS ?

(AO CONSELHEIRO VENCESLAU DE LIMA)

### I

Eu vejo-as tão diferentes  
no rosto e no coração,  
que êstes pequeninos entes  
parece que irmans não são.  
Uma, — Lili, — a mais velha,  
tem nos olhos transparentes,  
azues como o céu de um lar,  
a suave ondulação  
e aquela fugaz centelha  
que a superficie do mar  
casa aos beijos do luar  
e aos beijos da viração.

Quem a vir dirá que é feita  
de rosas e de marfim.  
Alta, esforçada, perfeita,  
não admira se é vaidosa ;  
e tenho até para mim,

que ela própria se deleita  
por se conhecer formosa.  
É volúvel, caprichosa,  
observando as tradições  
do seu sexo.

Ambiciosa,  
ela entresonha salões,  
palácios, diamantes, sóis,  
e embriagam-na os festões  
que a fama vota aos heróis.

No seu cálculo há frieza  
e ambição profunda e rara :  
às vezes, põi-se a medir  
a distância que a separa  
dos paços de uma duquesa,  
e a ver se há de preferir  
aos arminhos da realeza  
o turbante de um emir !

## II

Outra, a mais nova, — Corina, —  
modesta como as violetas,  
guarda nas pupilas pretas  
a luz casta e diamantina  
que constela e que ilumina  
a solidão dos ascetas.

O seu rostinho moreno,  
docemente contornado,  
relembra o traço inspirado  
de um Velásquez retocando  
um belo quadro pequeno  
para um templo venerando.

Meiga, timida e singela,  
os bardos do romantismo  
eram capazes de pô-la  
junto de alguma gazela,  
e ao lado de alguma rôla.

Ambições, bem poucas tem :  
o seu mais vivo desejo  
cifra-se às vezes num beijo  
de seu pai ou sua māi.

Outras vezes, se procura  
diversões em ponto estranho,  
toda se prende e medita,  
vendo um formoso desenho,  
uma gravura bonita.

Tem uma esquisita essência  
como a flôr do sentimento :  
tremê e deseora, se o vento,  
açoitando com violênciâ

as miosotes dos canteiros,  
espalha no firmamento  
como que um triste lamento  
de pássaros agoireiros.

Devaneia, é cismadora  
e tem suspiros na voz ;  
às vezes, medita a sós,  
parece quase senhora,  
ela, que pede aos avós  
contos para adormecer,  
e a bençam consoladora  
que ditosa a há de fazer.

## III

Estas duas criancinhas,  
tão diferentes em tudo,  
vêde, são irmãs contudo,  
e, vêde, são ambas minhas.

O sangue fè-las irmãs ;  
ao meu braço ambas se amparam ;  
são duas frescas manhãs  
que ao mesmo sol arraiaram ;  
como se eu fôsse um pintor  
de duas diversas telas,  
o amor que sinto por elas  
é só um e o mesmo amor.

## DEUS

(*De um «poema das escolas»*)

(A ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO)

### I

Ser dos seres, grande, imenso,  
omnipotente Senhor,  
a ti o sagrado incenso  
do nosso cândido amor.

Tu, que espalhas luz em tudo,  
do universo na amplidão,  
alumia o nosso estudo,  
acende a nossa razão.

Tu, que és sábio sem segundo,  
mostra-nos, deixa-nos ver  
os precipícios do mundo  
e os caminhos do dever.

Tu, que a terra e os céus dominas,  
escuta-nos com amor,  
que as nossas mãos pequeninas  
para ti se erguem, Senhor.

## II

À noite, em funda abóbada,  
a lúa palideja,  
como suave lâmpada  
em solitária igreja;

e, num sonhar dulcissimo,  
as timidas crianças  
elevam-te a alma ingênuia  
num côro de esperanças.

De dia, entre o murmúrio  
que a vida denuncia,  
a nossa voz é cônico  
de estranha melodia;

harpejo de innocênciâ,  
dulcissima quimera,  
que vai unir-se às músicas  
da celestial esfera.

## III

É magestoso e desmedido o oceano;  
do etéreo espaço ninguém viu a metá;  
não tem limite o pensamento humano;  
não tem consins a aspiração do poeta.

Porém mais vasto que a amplidão do espaço,  
mais magestoso que o oceano imenso,  
maior que a ideia com que o mundo abraço,  
és tu, que o mundo tens na mão suspenso!

---

## O LIVRO DE CORINA

---

Eis o teu livro, filha : estuda, aprende  
quanto êle em si contem,  
que dêsse estudo é que talvez depende  
o teu único bem.

Aqueles livros grandes, em que estudo  
a vida, o enigma, o xis,  
não dizem, meu amor, não dizem tudo  
o que o teu livro diz.

Êles tiram a fé, tiram o alento,  
para o vácuo deixar ;  
e o teu livro avigora o pensamento  
para crer e lutar ;

erer nos milagres que o trabalho opéra  
aos olhos da razão ;  
lutar para vencer da sorte fera  
o ignóbil histrião.

Para que cedo no teu livro colhas  
a ciéncia do bem,  
o livro tem apenas duas fôlhas,  
— teu pai e tua mäi.

## O MEU POEMA

(A MANUEL DUARTE DE ALMEIDA)

### I

São duas fôlhas de rosa  
as tuas faces, Lili ;  
e, ao mesmo tempo, são fôlhas  
da epopeia gloriosa  
que em letras de ouro escrevi...

### II

És o meu melhor poema,  
e nunca li outro assim :  
Lésbia, Leonora, Beatrice,  
Carlota, Haidéa, Iracema,  
valem menos para mim.

## III

Essa pléiade brilhante  
 das glórias que te apontei,  
 desde Tibulo até Goethe,  
 e desde Homero até Dante...  
 admiro-as ! nunca as amei.

## IV

És o poema que eu leio  
 com efusão, com amor ;  
 e, quando mais te contemplo,  
 e quando te aperto ao seio,  
 confundem-se obra e autor.

## V

Teus radiosos olhares  
 são episódios, aos mil,  
 em que as doces serenatas  
 das noites peninsulares  
 elanguecem no arrabil.

## VI

São dois versos os teus lábios,  
de rima tão natural,  
que até, por si só, seriam  
no conceito dos mais sábios,  
um perfeita madrigal.

## VII

A tua voz argentina  
resalta, vibra, seduz,  
mais fresca, mais perfumada  
que a toada campesina  
de um trovador andaluz.

## VIII

Os raios azuis, etéreos,  
do teu doce e casto olhar,  
são cordas de uma harpa estranha  
ou invisíveis saltérios,  
de uma harmonia sem par.

## IX

Os teus dedos pequeninos  
— e não se ria ninguém! —  
são primorosas quintilhas ;  
e mais delicados hinos  
Safo e Píndaro não têm.

## X

O teu cabelo, tão loiro  
como os trigais do verão,  
é a harmonia que há muito  
se expandiu em chuva de oiro,  
na aurora da criação.

## XI

Até dormindo, parece  
que irrompe do teu sonhar  
uma toada tão santa,  
como um murmurio da prece  
à hora crespúscular.

## XII

— Não és pois o meu poema?  
 o melhor que ainda há?  
 Lésbia, Leonora, Beatrice,  
 Carlota, Haidéa, Iracema...  
 todas esqueço por ti.

## XIII

Na tua cútis de seda  
 encadernado a primor,  
 tenho o meu livro sagrado,  
 — o *Alcorão*, a *Biblia*, o *Veda*,  
 que me enche de fé e amor.

## XIV

Quando na hora suprema  
 meus olhos não possam ler,  
 eu quero, filha dilecta,  
 nas fôlhas do meu poema  
 reclinar-me e adormecer.

## OUTRA HERO

(A JOSÉ MARIA DOS SANTOS JUNIOR)

Bem sei : tens nesse olhar o facho deslumbrante,  
a fatídica luz, o mágico esplendor,  
que ás ondas arrastou Leandro, o pobre amante.

Mas êle era um ousado e destro nadador,  
e eu mal conheço o mar, descomunal gigante,  
que o sangue me enregela e me enche de pavor.

Apaga, apaga pois esse farol brilhante,  
que eu não sei sopear das ondas o fragor,  
e nunca chegarei à tua luz distante.

Não me estendas o olhar ; que, se atrás dêle eu fôr  
por êle e para êle, hás de no mesmo instante  
sentir que naufragiei no mar do teu amor.

## UM PRÓLOGO

(AO PADRE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA)

Um versista, na época presente,  
vê-se em apertos sérios, e eu que o diga,  
A questão é de assunto. Toda a gente,  
há tempos a esta parte, nuta e briga  
por encontrar o *xis* de mil problemas,  
entre os quaes sobresai, valha a verdade,  
descobrir exceléncia e utilidade  
em versos e poemas.

Se alguém se lembra de cantar a lua  
ou o subtil aroma das violetas,  
apenas sai à rua  
é pôsto na irmandade dos patetas.

Se outro poëta, menos visionário,  
 aceita o mundo como él é, e o canta,  
 é tal o borborinho que levanta,  
 que o pai à filha diz : — Não leias, pomba ! —  
 E o realismo, seguindo o seu fadário,  
 maldito pelas damas, solitário,  
 atira ao vento imprecações de arromba !

e o côro angelical  
 das *Filhas de Maria*

opõi a flôr do *Bem* à flêr do *Mal* ;  
 em horas de dulcissima ironia,  
 joélha nos estrados do oratório ;  
 e, erguendo as mãos ao céu,  
 suplica para o ateu  
 a luz do purgatório.

Se alguém invoca a musa socialista  
 a musa desgrenhada dos combates,  
 apelidam-no logo de utopista,  
 se o não metem na casa dos orates.  
 Dizem que a liberdade preciosa  
 não marcha ao son de râncidas cantigas ;  
 querem que o bardo faça ao estro figas  
 ou que se explique em prosa !

Se outro, guiado pelo deus da parra,  
 cruza, alta noite, os becos e as vielas,  
 tirando da guitarra  
 uns queixumes que sobem ás janelas,

os sinistros agentes da polícia  
 não o perdem de vista;  
 sofre do baço e morre da ictericia  
 o lúnguido fadista.

Mas não pensem que tómo aqui a peito  
 uma causa em que há tantas desavenças:  
 juiz em causa própria, sou suspeito,  
 não devo neste caso dar sentenças.  
 Eu quisera vingar-vos, ô poetas,  
 cingir-vos de esplendente claridade,  
 quebrando impávido as ervadas setas  
 dos vis iconoclastas desta idade.

Quisera, mas não posso!  
 não sai das trevas a inimiga gente,  
 e ninguém rezaria um padre-nosso,  
 por alma do valente!

O que eu posso é abrir o vosso nome  
 no meu álbum das íntimas memórias,  
 e confiar que o tempo corte ou dôme  
 as jubas irrigórias  
 de uns pobres histriões,  
 que vêm ao círculo em traje de leões.

Visto que os deuses e os heróis antigos  
 deixaram as piérides viúvas,  
 sereis, ô meus amigos,  
 os meus heróis de chapéu alto e luvas.

O assunto não é velho, é dos mais novos ;  
respeita as erenças, não escandaliza ;  
não envenena o coração dos povos,  
e não é fútil, porque não sois brisa.

Talvez que assim algum burguês rotundo,  
de rubra face e túmidos redenhos,  
demore a vista, ao menos um segundo,  
nos rápidos desenhos,  
que eu desejidoso traço  
sobre umas tiras de papel almaço.

Nelas hei de esquadrar umas figuras,  
que eu não julgo retratos, francamente ;  
tão poueo as chamarei caricaturas,  
que façam rir a gente :  
serão perfis de certas criaturas,  
cujos avoengos deram volta ao Pindo,  
passaram as vertentes do Piério  
e pelo mundo foram desparzindo  
o som, que ao nosso ouvido inda retumba,  
da lira, da teorba, do saltério,  
e talvez do realejo e do Zabumba.

## TRANSFORMISMO

(A SILVA GRAÇA)

Vacila-nos a razão,  
ao ver que a filosofia  
vai de teoria em teoria,  
da dúvida à negação  
e da negação à crença,  
deixando um ténue clarão  
no espírito de quem pensa.

Por seu lado, a natureza  
guarda nos seios profundos  
aquele cadiinho mágico,  
em que os átomos e os mundos  
se transformam, sob o império  
de misterioso alquimista  
que os não deixa perecer :  
quando os perdemos de vista,  
apenas mudam de ser !

A estréla, a nuvem, a planta,  
o rochedo, a fera, o homeim,  
a alma vil e a alma santa,  
a matéria e a consciència,  
não morrem, não se consomem :  
são as eternas crisálidas,  
da mais variada essênciia,  
que, no espaço de um segundo,  
passam de um a outro mundo,  
e de uma a outra existênciia !

.....

À ! quando esta lei suprema  
os nossos lares invade,  
e despadaça o poema  
da nossa felicidade,  
levando-nos cruelmente  
um filho do nosso amor :  
aquele ser innocentie,  
ao deixar-nos na ansiedade,  
segue a eterna e fatal norma :  
— transforma-se... na saudade !  
mas esta... não se transforma !

---

## OUVINDO MÚSICA

(À MINHA FLÁVIA)

Astros cadentes do meu céu de estio,  
nuvens erguidas de letal paúl,  
frêmitos de alma em virginal cicio...  
perdei-vos, notas, na amplidão azul !

Música, essência de ignoradas flôres,  
silfo subtil que ninguém pôde olhar,  
oíço-te às vezes suspirando amores ;  
outras, te sinto de prazer arfar.

Escuto Verdi, e ao alto creio erguer-me ;  
Bellini escuto, e eis-me eismando a sós :  
e onde te escondes do terreno verme,  
génio que inspiras a terrena voz ?

O génio existe ! há uma fôrça ignota,  
vibrando as cordas que nossa alma tem !  
no ténue harpejo e na sublime nota  
mistérios há, que nunca viu ninguem !

Mas eu, ó génio, leio os teus segredos  
no livro oculto, onde poisaste a mão ;  
e páro absorto, a contemplar uns dedos  
que sóbre as teclas adejando vão !



## JORNADA VI

O LIVRO DE JOB

(EXTRACTOS)



## *Palavras de Bulhão Pato*

Hontem, Coelho de Carvalhão, com os *Salmos*; hoje, Candido de Figueiredo, com *O Livro de Job*. Tivera eu pulso, que ainda me deitava ás visões de Isaias:

«Ai! da multidão de numerosos povos, semelhante ao estrondo do resonante mar; e desgraçado o tumulto das gentes, que é como o sonido de muitas aguas!»

Como os versiculos do genio, que inspirou a Miguel Angelo uma das suas mais arrebatadoras figuras, deviam sobresair nos nossos amplos e resonantes decasylabos! O livro de Job é o reportorio de todas as tristezas humanas. Salteadores levam o gado e passam a ferro frio os famulos do *homem justo*. O

fogo do céu abrasta-lhe as ovelhas e fulmina-lhe os pastores. Um desgarrão, improviso, arrasta-lhe a casa, onde se banqueteiam os filhos, e sepulta-lhe a prole. Agora leâmos estes masculinos e formosos versos de Cândido de Figueiredo :

E disse : — « Nú sai do ventre maternal,  
nú deixarei a vida, e não me admira :  
Deus concedeu-me muito, e Deus o tira.  
Se é, pois, de teu agrado que o mortal  
gema submerso em dôr,  
bendito seja o nome do Senhor ! »

E em tudo quanto disse,  
nunca dos lábios seus  
saiu uma palavra  
Contra Deus !

Quando as serpentes, em fogo, mordem a carne viva de Job, a fibra humana não pôde com a dôr incomportável, e, o proprio exemplo da paciencia rompe em gemidos. Que bellos versos, estes do auctor do *Tasso* e das *Parietárias*, lyrico eminente, e mestre da lingua :

Como um escravo, a quem o sol requeima,  
 sombra procura;  
 como o trabalhador, que anela o terço  
 da faina dura,  
 assim eu tenho, cheias de agonias,  
 noites e dias.

Oxalá, quando ao sono inclino a face,  
 não despertasse!

.....  
 Quem trabalha sabe do esforço que empregaram os traductores dos *Salmos*, e do *Livro de Job*, no lavor da sua obra. O grandioso d'estes extraordinarios poemas está principalmente na concisão e na simpleza; duas das mais difficeis.

Condição da arte, a que se reune uma terceira: a clareza. Concisão, simplicidade e clareza, na arte — ia a dizer em tudo — é o segredo do genio. O nebuloso, ainda que se torne perceptivel, á força de empregar atenção, não pôde jámais hombrear com a transparencia, que nos deixa vêr claro o pensamento, como o lago limpidó entreinosa, lá no fundo, a areia loira, a vegetação, os seixos polidos, ou os coraes e as perolas,

se as tiver. D'ahi, para os traductores dos *Salmos*, do *Livro de Job*, de *Jeremias*, de *Isaias*, do *Cantico dos Canticos*, numa palavra, muitas vezes impossibilidade de bater e aprimorar o verso, por que d'essa feitura resultaria um relevo nocivo á naturalidade do assumpto.

Ainda, nesta ementa, offereço alguns versos aos leitores da *Tarde*:

Sorris-lhe um pouco e, apòs, lanças sobre elle  
negro tormento !

Quando permitirás que eu sinta alivio  
por um momento ?

Pequei ! Tu, cujo olhar o mundo abraça  
dize o que eu faça.

Por que é que a ti contrário me fizeste,  
e a mim pesado ?

Por que não queres expungir clemente  
o meu pecado ?

No pó irei dormir : de madrugada,  
não serei nada !

Job implora a Deus que o não aterre :

Tira de sobre mim a vara que me esmaga,  
não me prenda o terror, que a inteligência apaga.

e falarei então, deixando de tremer,  
que, cheio de pavor, não posso responder.

Apesar da estagnação do mercado, nos últimos meses a corrente de versos tem sido abundante.

Haja, ao menos, alguns devotos verdadeiros na religião da arte, já que na do templo a maior parte dos beatos... são falsos!

*Monte de Caparica — Torre.*

(No jornal *Tarde*, de 20—vii—94.

BULHÃO PATO.



## *Palavras de Trindade Coelho*

É dever de nós todos felicitarmo-nos pela difficultima obra emprehendida e levada a cabo pelo sr. Candido de Figueiredo, e agradecer-lh'a muito. A tradução em versos portuguezes da historia de Job constitue um verdadeiro monumento, erigido na história litteraria de Portugal á fama e á gloria dum poema que, tendo de existencia quasi três mil annos, possue, todavia, a actualidade das eternas maravilhas do espirito humano.

«Traduzido embora em quasi todos os idiomas antigos e modernos,—diz o sr. Candido de Figueiredo,—é certo que a poesia portuguesa ainda o não transplantara para as suas fórmulas, como tem feito aos *Salmos*.

ao *Cântico dos Cânticos*, ou fôsse porque a muitos se afigure inglório o mister do tradutor, ou porque muitos hajam hesitado perante as enormes dificuldades de uma aceitável tradução, em verso, do livro de Job.»

Fez, porém, rosto à difficilima e honrosissima tarefa o sr. Candido de Figueiredo, e honra lhe seja pela coragem. São hoje muito numerosos, é certo, os trabalhos de erudição interpretativos da historia de Job. Mas tão difícil é ella de entender, e tão divergentes, em muitos pontos, os juizos dos exegetas, desde S. Gregorio de Nauzianzo e S. Jeronymo, até Renan e Hirzel, que é dificuldade critica, cheia de temerosas responsabilidades, adoptar esta ou aquella exegese, entre tantas e de tamanha auctoridade!...

Sòmme-se com isto, ademais, a difficuldade accidental, mas litterariamente de primeira monta, de vazar *em verso* o obscuro texto,— e a impressão que nos advirá do trabalho do sr. Candido de Figueiredo ha-de render-nos, deante d'elle, na mais justa e perduravel admiração.

Quem conhece o illustre escriptor sabe,

de antemão, quanto elle é meticulozo em assumptos litterarios,— e tem, por isso, a convicção antecipada da superioridade e excellencia da sua obra. Erudito alem de poëta, e philosopho alem de erudito, ninguem com effeito, melhor do que o sr. Candido de Figueiredo, podia, entre nós, cometter aquella empresa. E pelo que respeita á execução litteraria do poema, aguentado de principio a fim, numa coragem que orça pela temeridade, em versos sempre rimados, basta dizer que o proprio João de Deus, o genial adivinho do *Cantico dos Canticos* e dos *Proverbios*, subscreveria sem objecções a grande maioria das suas paginas, e as mais difficeis...

O advento, por conseguinte, do *Livro de Job*, tão castiço e formoso na sua linguagem, como correcto e commovido na sua poesia, marca na moderna historia litteraria de Portugal uma das suas ephemeredes mais notaveis. A ella fica indissoluvelmente ligado o nome do sr. Candido de Figueiredo, e pode contar, por isso, com bem perduravel fama.

TRINDADE COELHO.





## O LIVRO DE JOB

### CAPITULO III

*Job amaldiçôa o dia em que nasceu, e lamenta-se*

Job, depois disto, os labios desprendeu,  
amaldiçôou o dia em que nasceu,  
e lastimou-se assim :

— « Malditô seja o dia,  
em que en ao mundo vim,  
e a noite em que se dtsse,  
falando-se de mim :  
— foi concebido um homem !

Tal dia as sombras tomem,  
sombra mortal lhe assista,  
e Deus, do alto céu,  
não poise nele a vista,  
nem êle se ilumine.

Cerque-o o mais denso véu,  
e envolva-o a amargura.  
Uma tormenta escura  
pese naquela noite !  
entre as noites e os dias  
não seja nuncia inscrita,  
e a mesma noite seja  
solitária e maldita !

.....

Nenhuma clara estréla  
lhe rasgue a escuridão ;  
não tenha um só clarão,  
espere-o a toda a hora ;  
e espere sempre em vão  
o repondar da aurora ;

pois não cerrou as portas  
do ventre em que eu estava,  
nem desviou meus olhos  
do mal que me esperava.

—

— Porque é que não morri,  
antes que visse o dia ?  
— Porqué não morreria  
no dia em que nasci ?

¿ Porque é que me tomaram  
nos joélhos com cuidado ?

¿ Porque é que alimentaram  
com leite o recém-nado ?

Morrendo então, o triste,  
que se lastima e chora,  
descansaria agora  
onde só paz existe.

Descansaria em paz,  
ao lado de argentários,  
e até do rei que jaz  
em amplos cinerários ;

ao lado dêsses príncipes,  
que, opulentados de ouro,  
de prata a casa encheram,  
formando o seu tesouro.

Ou não existiria,  
como escondido abôrto,  
e inda como o que é mórtio  
sem ver a luz do dia.

Ali, não tripudia  
o impio nesse remanso ;  
ali achou descanso  
quem fatigado ia ;

e quem penado há  
em lóbregas prisões  
ali não sente já  
ruído de grilhões.

Tem o pequeno e o grande  
ali igual valor,  
e o escravo se liberta  
das leis do seu senhor.

— Porque foi concedida  
a luz ao desgraçado ?  
— Porque é que se deu vida  
a um amargurado,

a quem anda esperando  
a morte, sonho de oiro,  
como os que andam cavando  
em busca de um tesouro ;

e que se vê contente, -  
da alegria mais pura,  
se encontra finalmente  
a sua sepultura ?

a um homem, que não sabe  
o trilho que tomou,  
e a quem o seu Senhor  
de trevas rodeou ?

Vou a comer, e o pranto  
inunda-me em torrente,  
por dar-se exactamente  
o que eu temia tanto.

Nunca abriguei na mente  
uma ideia ruim;  
nem ruim tentação  
me veio ao coração;  
contudo, sobre mim  
pesou a indignação !

## CAPITULO X

*Humilha-se Job deante de Deus e pede-lhe que, antes da morte, lhe dê algum alívio.*

Sinto o tédio da vida, e contra mim me volto ;  
e, na amargura da alma, os meus queixumes solto.

Deus, não queiras ferir-me, e condenar-me a mim ;  
ou dize-me porquè sou eu julgado assim.

¿ Será justo oprimir quem segue os teus mandados,  
e impios favorecer, do bem extraviados ?

¿ Acaso o olhar de Deus é como o humano olhar,  
que só pôde o exterior das coisas observar ?

¿ Acaso os dias teus são como a humana idade,  
para inquirires tu da minha iniquidade,

conhecendo que o mal não me entra ao coração,  
embora sem cessar me esmague a tua mão ?

Obra do teu poder, & deixaſ-me, e me despenhas,  
e em reduzir-me a pô, Senhor, assim te empenhas ?

O teu carinho e amor ao nada me arrancou,  
de ossos e nervos, pele e carne me formou.

Fizeste ainda mais : piedade me outorgaste,  
e, sem me abandonar, minha alma custodiaste.

Inda que no teu seio ocultes coisas tais,  
creio que delas não te esquecerás jámais.

Se contra ti pequei e perdoaste logo,  
dêste longo penar liberta-me, eu t'o rôgo.

E, se eu me tornar mau, desgraçado de mim !  
se fôr justo, a cabêça abaixarei por fim.

Se eu fôr soberbo, então, meu sér amaldiçôa,  
faze-me perseguir, como à feroz leôa !

Oiço aos amigos meus falsas acusações,  
e ao meu lamento a ira e as penas contrapôis.

Oxalá que eu da māi no ventre sucumbisse,  
ou morresse ao nascêr e que ninguém me visse !

Do ventre maternal ao túmulo descer,  
seria não ser nado, ou ter sido, e não ser.

---

¿ Não há de findar breve êste viver em fráguas ?  
Deixa-me pois que eu chore um pouco as minhas  
mágoas,

antes que á terra eu vá, cheia de escuridão,  
onde não voltam mais os que para ali vão ;

a miserável terra, aonde a morte habita,  
a confusão, e a treva, horrorosa, infinita.

---

## CAPITULO XL

*Continúa Deus a mostrar a distância do Criador à criatura.*

Do nimbo, respondendo a Job, Deus continua :  
— Dispõi-te para ouvir-me, e vê se a ciência tua  
responde ao que eu pregunto. E Acaso mostrarás  
que é vão o meu juízo, e me condenarás  
para provar que és justo ? E Assim como eu, bracejas ?  
e, com voz semelhante à minha voz, trovejas ?

Ergue-te em alto sólio, enche-te de esplendor,  
de glória te circunda, e adorna-te a primor ;  
com tua ira aniquila os grandes e os valentes,  
e, com um só olhar, humilha os insolentes ;  
para os soberbos olha, e abate-os sem cessar,  
e os impios atormenta em seu próprio lugar ;  
esconde-os sob o pó, lança-os na cova a esmo ;  
e então conseguirás salvar-te por ti mesmo.

Repara no elefante, o qual criado foi  
contigo, e se repasta em feno, como o boi.  
A fortaléza dele está no seu costado,  
e, o seu vigor, do umbigo e ventre é derivado ;  
a sua cauda é rija, iguala o cedro até,  
e cada nervo seu como uma corda é ;  
seus ossos são de bronze, e em comparar não érra  
as cartilagens dele a lâminas de ferro.

Nós caminhos de Deus, tem principal lugar,  
e Deus, que o criou, sabe a espada dele usar.  
Nasce erva para êle em cada monte ou boiça  
e outro animal qualquer sôbre êle se retoiça.  
Em húmido lugar, entre os canaviais,

dorme, e fazem-lhe sombra os verdes salgueirais.  
Pôde absorver um rio e a sede não mitiga ;  
e espera que o Jordão lhe caiba na barriga.

§ Com um simples anzol, pôde-o alguém apanhar  
e com agudos paus as ventas lhe furar ?

§ E quem há de pescar, com anzol, a baleia ?

§ E quem, com uma corda, a lingua lhe encadeia ?

§ De pôr-lhe em o nariz argolas és capaz ?

§ E furar com anel seus queixos poderás ?

§ A ti dirigirás seus rogos por ventura,  
e contigo terá palavras de ternura ?

§ Com ela poderás acôrdo algum fazer ?

§ Pôde ela, para sempre, escrava tua ser ?

§ Contigo brineará como avezinha mansa ?

§ Por ti atada em casa, ao pé de ti descansa ?

§ Acaso amigos teus a saberão partir,

e os homens de negócio a podem dividir ?  
Dize se a tua rede a sua pele abraça,  
e se a cabêça dela abarcas numa naça.  
Põi nela a tua mão ; não deixes de lembrar  
o que pôdes valer, e deixa de falar.  
Que ela, apesar de quanto em si confia e espera,  
dos homens na presença há de acabar, a fera.

## CAPITULO XLII

E, quando Job orava com fervor  
pelos amigos seus,  
compadeceu-se Deus  
da sua grande dôr,  
e em dobrada porção lhe restituiu  
quando ele noutro tempo possuiu.

E todos os irmãos, irmans, e aqueles  
que antes o conheceram,  
dèle se aproximaram  
com ele pão comeram;  
de tudo, que sofreu, o consolaram,  
brindando-o com ovelhas  
e pondo-lhe arrecadas nas orelhas.

Foi Job, pelo Senhor, abençoado,  
no seu último estado,  
ainda mais que no seu tempo antigo,  
chegando a ter consigo  
quatorze mil ovelhas, mil jumentos,  
einda seis mil camelos  
e mil juntas de bois.

Teve também depois  
filhos sete, e três filhas em que havia  
graças tão opulentas,  
que a uma chamou *Diá*;  
à segunda, *Canela* nomeou,  
e *Vaso de perfumes*, à terceira.

Ninguém de facto achou  
formosura maior na terra inteira,  
do que a daquelas filhas,  
às quais Job deu partilhas  
com os irmãos em tudo que deixou.

Ainda depois disto,  
por cento e quarenta anos Job viveu,  
com a consolação  
de a seus filhos ter visto,  
e com as alegrias  
de ver, até à quarta geração,  
os filhos de seus filhos. E morreu  
velho, cheio de dias.

---



## JORNADA VII

---

### CRISÂNTEMOS

(EXTRACTOS)



## VAGA LUNA

(AO CONDE DE FELGUEIRAS)

Sôbre a minha noite, immensa  
como uma noite polar,  
irradiou êsse olhar  
que me tem a alma suspensa;  
e a noite, sem luz, sem crença,  
fez-se noite de luar...

Luar que resplende e afaga,  
luar que beija e palpita,  
como luminosa vaga,  
que anseia, e suspira, e afaga  
uma aridez infinita...  
Luar, de uma luz bendita,  
luar que o sol não apaga...

Não apaga o sol do estio  
os raios do teu olhar,  
nem pôde o inverno sombrio  
encobrir o meu luar...

---

Luar que resplende e afaga,  
luar que beija e palpita,  
luar que me banha e alaga  
de uma doçura infinita...

Tu, que me prendes e elevas  
nos raios do teu olhar,  
não me arremesses ás trevas,  
de que me foste salvar;  
que eu tenho medo da noite,  
dessa noite sem luar...

## INTERCEDENDO

(A D. AMÉLIA JANNY)

Sabes ? Eu tenho pena, muita pena,  
do coração que algemas em teu peito ;  
e não sei afinal com que direito  
tua razão despótica o condena.

Nasceu livre e sentiu em cada fibra  
ardor intenso de ideal ventura ;  
e quis librar-se na azulada altura,  
em que o condor impávido se libra !

Na febre de um desejo esbraseado,  
sonhou auroras de esplendor infindo ;  
e, em sonhos encantados, foi subindo  
a um paraíso estranho e constelado !

Nascera para a luz esplendorosa,  
que alaga o éden onde o amor floreja ;  
e, onde mais alto a aspiração adeja,  
êle pairou em nuvens côr de rosa !

Mas, vãos desejos ! mas, fatal contraste !  
Se todo o mundo lhe era espaço estreito,  
E como foi que, lá dentro de teu peito,  
o oprimiste cruel e o encadeaste ?

Embalde lhe desnuda a primavera  
a tentação de divinais aromas ;  
embalde clamam inspirados gnomas  
que a ventura não é uma quimera ;  
  
e embalde vê que das espessas frondes  
a harmonia o seduz e o amor lhe acena.  
Sabes ? Eu tenho pena, muita pena,  
do coração que no teu seio escondes !

## OUTRO MAR...

(A D. A. MADALENA DE ALBUQUERQUE DA CAMARA LEME)

Deram-me por desterro a larga pradaria,  
onde floreja o amor e onde palpita o gôzo ;  
e, ao lado do prazer, do fausto e da alegria,  
achei-me triste e só, Tântalo desditoso.

Corri o continente, a ver se encontraria  
região, em que eu não visse alheio amor ditoso :  
cheguei à beira-mar, mas...— pérfida ironia ! —  
o mar beijava a rocha, ébrio, febril, nervoso !

Ergui a vista ao alto ; e, no dossel flamante,  
que abrigava do mar o tálamo gigante,  
a viração tecia os cantos nupeiais...

Senti fugir-me a vista ; andei um passo ávante :  
era o pontal da rocha ! e, como a Safo amante,  
afundei-me no mar dos loucos ideais !

## MICROLOGIA<sup>1</sup>

*La vrai mesure du coeur c'est la  
capacité d'aimer.*

BALZAC.

Nas horas tristes, em que a dor escreve  
longos poemas num trovar plangente,  
meço e comparo atônito  
ao meu profundo coração ardente  
teu pequenino coração de neve!

---

<sup>1</sup> Estes versos mereceram a Wilhelm Storek a seguinte e esplêndida tradução aleman:

### MIKROLOGIE

In trüben Stunden, wenn das herbe Weh  
Lange Gedichte schreibt im Ton der Schmerzen,  
    Mess'<sup>l</sup> und vergleich'lich staunensvoll  
Mit meinem tiefen, glutefüllten Herzen  
Dein winzigkleines Herz von Eis und Schnee !

Tão pequenino que, se bem o meço,  
vejo que nada tão pequeno existe ;  
pois que, nos seus mimosos penetrais,  
apenas cabe uma lembrança triste,  
o tédio... e nada mais !

---

So winzigkein, dass nichts, wenn recht ich messe,  
Ilwn gleicht, wohin sich rings die Blicke lenken ;  
Denne dierem niedlichen Gemach gebrichts  
Au Platz ; drin birght sich kaum ein trüb Gedenken,  
Der Ueberdruss... sonst nichts !

Münster, (Westfalen), 2 de Janeiro de 1897.

VILHELM STORCK.

---

## ROSA BRANCA

(AO DR. GONZAGA FILHO)

Tenho uma rosa branca na lapela,  
e tu, ao ver a rosa,  
dizes, sorrindo: — É bela! —  
E eu, ao ver-te sorrir, digo: — És formosa! —

Ambos temos razão:  
porque a rosa, que eu trago na lapela,  
não é mais branca nem é mais formosa,  
do que tu, flôr singela,  
que me encheste de amor o coração,  
ungindo-me de essência preciosa...

Discordamos num ponto: — Em teu conceito,  
a flôr, que eu trago ao peito,  
seria a flôr das flôres, um primor,  
se não tivesse espinhos..., um defeito!  
E eu, minha rosa branca, meu amor,

amo-te toda e tanto, que não minto,  
dizendo que, feliz e sem temor,  
irei colar os lábios, se quiseres,  
sobre os espinhos que entrevejo e sinto,  
sobre os espinhos, com que tu me feres !

---

## PENSAMENTOS DE MUSSET

(A H. LOPES DE MENDONÇA)

Loira dos olhos negros, se eu dissesse  
quanto te amo & quem sabe o que dirias?  
O amor é um mal, e, quem o tem, padece;  
por isso, quando a confissão fizesse,  
creio que tu jamais me perdoarias,

Se eu te contasse as ânsias, o tormento  
que, em te não vendo, me é punhal agudo,  
tu, que és fada e penetras num momento  
o mais misterioso pensamento,  
respondias talvez: — Bem sei... sei tudo! —

Se eu te dissesse: — Sou a tua sombra,  
e no teu ser o meu vejo fundido, —  
tu, a quem a tristeza cobre e ensombra  
da tua mocidade a verde alfombra,  
dirias melancólica: — Duvido! —

Se eu te dissesse :— Guardo na alma quanto  
teu lábio exprima e meu ouvido abrace, —  
ofendida e trocando o doce encanto  
do teu olhar em raios de ira e espanto,  
mandarias talvez que eu me afastasse...

Se eu te dissesse :— Noites tormentosas  
vêlo, pensando em ti, na soledade, —  
tua boca entreabrido, como as rosas  
aos beijos das abelhas voluptuosas,  
havias de sorrir ; e não é verdade ?

Mas nada saberás ! Quando te falo,  
digo-te tudo, menos... Tenho medo !  
Se a tua voz me dá prazer e abalo,  
tu poderás sorrir, adivinhá-lo...  
mas teus olhos não vêm o meu segredo !

Quando de ti à noite me separe  
e volto à solidão, levo presente  
a tua imagem, um tesouro raro ;  
e no silêncio, a sós, descerro avaro  
meu coração, cheio de ti sómente...

Amo, e sei revelar indiferença ;  
amo, e só eu o sei, nenhôm o aleança.  
E contudo bendigo a chama intensa  
que me esbraseia ; e, na mais pura crença,  
jurei amar, amar sem esperança !

Sem esperança, sim, não sem ventura,  
porque te vejo ao menos, e iluminas  
com teu olhar a minha noite escura,  
em quanto o meu abraça com doçura  
tuas suaves formas peregrinas !

Não nasci para mais ! É-me vedada  
a suprema ventura, as alegrias,  
o viver a teus pés, ó minha amada,  
o morrer em teus braços e... Mais nada !  
Se eu te dissesse tudo & que dirias ?

---

12

## LAUSPERENNE

(Ao Visconde de CASTILHO, JÚLIO)

Aberto e iluminado o santuário,  
onde de há muito a minha crença habita,  
o orgão geme, e o plangente Stradivário  
tem suspiros, comove-se, palpita...

Casta e serena luz se ateia e agita,  
envolvendo o meu santo relicário,  
e espargindo-se em torno ao cenobita  
que, no silêncio, a adora solitário.

À luz, que assim me beija docemente,  
êrgo-me em êxtases, devoto e crente,  
nas asas de uma prece dolorida;

e aos pés da hóstia santa e redentora  
ficára eternamente, se não fôra  
*para tão longo amor tão curta a vida!*

## CORRESPONDÊNCIA

(Ao VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS)

1

### Bilhete postal

Hoje, passou-me ao lado alguém que eu aborreço,  
— se é que aborreço alguém, — e em tua casa entrou.  
Sempre que encontro o tal, aflio-me, entristeço,  
porque... porque afinal bem sabes o que eu sou.

E fui, pé ante pé ; cheguei à tua porta,  
à ombreira me encostei, e à escuta o ouvido pus.  
Havia de dizer que era uma casa morta,  
se no teu camarim não avistasse luz.

¿ Falavas em segredo ? ¿ Estavas dormitando ?  
¿ ou estavas ouvindo alguém de confissão ?  
Tremi, perdi a cõr ; e, o braço alevantando,  
toquei da campainha o eléctrico botão.

Abriu João a porta ; e eu, cheio de respeitos :  
— A Viscondessa está ? — Não, meu senhor, saiu. —  
João, o bom porteiro, observa os teus preceitos,  
e é sempre tão fiel, que, sem cōrar, mentiu !

2

### Telegrama

*A Viscondessa de A., Rua da Cruz, Lisboa.*  
Não negues. Certo é que eu nada ouvi nem vi ;  
a comédia porém, que apenas exprimi,  
meu coração presago e triste adivinhou-a !

A dar-te ora um conselho o caso me conduz,  
e nosso amigo é quem nos avisa e exorta :  
— Em circunstância igual, e antes que eu bata à porta,  
abaixa um pouco a voz, e apaga sempre a luz.

3

### Por mão própria

Ofendes-te ? De quê ? Olha que tinha graça  
veres que sempre fui más do que teu amigo,  
que por amor de ti a mágoa me trespassa,  
e acabares em fim por te zangar comigo !

---

Que culpa tenho eu das dúvidas sombrias  
que tu, meu anjo mau, no seio me inoculas ?  
Eu vejo mal, bem sei : são noites os meus dias,  
e com mistérios sempre os dias me atribulas.

Se eu não descanso, há muito, em busca da verdade,  
se, por sondar-te o peito, em febre me consumo,  
entorna sobre mim a doce claridade  
que dos teus olhos mana, e irei por outro rumo.

Não mais te ofenderás de uma suposta injúria  
ou de umá acusaçāo, que eu não tivera em mente ;  
e, em vez de acusações, de queixas e lamúria,  
terás canções de amor, e amor principalmente.

---

## O ÚLTIMO CHARUTO

(A D. BRANCA DE CARVALHO)

De cima do balcão, emmoldurado  
de verdes parietárias,  
espraiavas o olhar enamorado  
através das devesas solitárias.

Esmorecia o sol languidamente ;  
e, dando ao céu franjas de opala e rosa,  
tecia uma corôa luminosa  
nos cérros do ocidente.

Eu comprimia a tua mão de fada  
a pequenina mão, que mal se vê,  
e inclinava a cabeça esbraseada  
no teu ombro, a cismar... não sei em quê.

O meu olhar seguia o ténue fumo  
do meu charuto tèrido e olorante,  
como querendo acompanhar o rumo  
da minha louca aspiração de amante.

De súbito, uma nuvem pequenina  
daquele fumo ousado e petulante,  
num basejo de aragem vespertina,  
desviou-se um instante  
e foi turvar-te a lúcida retina.

Uma lágrima então surgiu á beira  
dos teus formosos cílios ;  
uma lágrima, — sabes ? — a primeira  
que eu vi banhar a flor dos meus idílios !

Doeu-me tanto a lágrima, arrancada  
por um fútil charuto impertinente,  
que o arrojei á estrada,  
para que toda a gente  
esmague o vil, que desastradamente  
te fez chorar, ó minha doce amada !

---

## AUTÓPSIA

(AO CONSELHEIRO SOUSA MONTEIRO)

Não sabes ? Aqui há dias,  
de uma estranha enfermidade  
morri...

— Morreste ?

— É verdade ;  
não te assustes, nem te rias...

— Mas conta lá !

— Eu te digo :  
desde que um dia te vi,  
desde que falei contigo,  
nunca mais tive descanso :  
cismei, cismei e... morri !

— Ninguém chorava por ti ?

— Ninguém ! ninguém !

— Pobre amigo !  
até na morte os carinhos  
te faltaram, malfadado !  
E depois ?

— Os meus vizinhos

correram de cada lado,  
 curiosos, levianos,  
 a saber do caso estranho.  
 Dizia um deles : « Coitado !  
 não foi o peso dos anos ! »  
 Juntava outro : « Talvez  
 amarguras... desenganos... »  
 E todos eles, bem vês,  
 queriam sondar arcanos  
 que nem tu sondas... Na dúvida,  
 foram chamar o doutor  
 para me fazer a autópsia...  
 — Autópsia, dizes ? que horror !  
 uma autópsia ! e consentiste ?  
 — Certamente, meu amor !  
 um cadáver não resiste  
 à vontade dos estranhos  
 que dele querem dispor.  
 Veio o médico. Auscultou-me,  
 e, com ar de sabichão,  
 desdenhoso, grave e mudo,  
 começou a operação...  
 — Não digas mais !

— Ouve tudo :

Ergueu-se, apertou na mão  
 o bisturi reluzente,  
 para rasgar friamente  
 o meu peito ainda quente,  
 e ver bem o coração.

— E viu-o?

— No mesmo instante,  
os golpes do bisturi  
deixaram-lhe ver ali  
um coração de gigante...

— De gigante?

— Exactamente!

Um coração que assombrava,  
e ninguém acreditava  
fôsse coração de gente!

— E o doutor?

— Esse apontou  
o bisturi aos ventrículos  
e de um só golpe rasgou  
o coração em fascículos!

— Por Deus, cala-te!

— Medrosa!

Concluída a operação,  
viu-se tudo, viu-se então  
lá dentro do coração,  
como em urna preciosa,  
uma imagem deslumbrante...,  
a criatura mais formosa  
que eu ainda conheci:  
*viva, inteira, palpitante,*  
eras tu quem estava ali!

Quando o doutor se esforçava  
por separar-me de ti,

trucidando o filamento  
que ao meu peito te ligava,  
meu cadáver, que hirto estava,  
soltou enorme lamento,  
um grito immenso, profundo,  
de quem vai deixar o mundo,  
após suplício infinito !

O doutor ouviu o grito  
e ponderou com frieza :  
« Está vivo..., cataléptico ;  
e a imagem que lhe está prêsa  
é que lhe conserva a vida. »  
Depois coseu a ferida,  
recompôs o coração  
e a imagem nele contida ;  
fez-me aspirar não sei quê,  
e abri os olhos por fim.

Surge o Lázaro, e caminha !  
Mas, se eu vivo e falo assim,  
é porque eu, ó vida minha,  
te guardo dentro de mim !

---

## ANDORINHAS

(A JULIO DANTAS)

Como um bando de alegres andorinhas,  
ao suave calor da primavera,  
as minhas esperanças virginais  
                  poisaram nos beirais  
do palácio encantado das quimeras.

Nêsse momento, vinhas  
assomando á janela emmoldurada  
de jasmins e baunilha perfumada,  
e das mais viridentes trepadeiras.

Ouvindo as harmonias,  
o côro das alegres forasteiras,  
                  disseste-lhes:— Bons dias,  
minhas amigas, gratas mensageiras. —

E as minhas esperanças virginais  
quedaram-se tranquilas nos beiraís,  
levando tardes e manhãs inteiras  
a construir uns ninhos ideais...

Mas um dia accordaste bruscamente ;  
e, chegando à janela emmoldurada  
de jasmins e baunilha perfumada,  
ergueste a mão nervosa, indiferente,  
e derribaste, fria e cruelmente,  
aqueles ninhos tépidos e cheios  
de intenso amor e matináis gorgeios !

E, ao debandar das pobres avezinhás,  
as minhas esperanças maltratadas  
fugiram pelo espaço, amedrontadas,  
como um bando de tristes andorinhás.

---

## MEMÓRIAS

(A ANTÓNIO FEIJÓ)

Quando eu morrer, e se algum dia fores  
lançar na minha campa algumas flôres  
nascidas do remorso e da piedade,  
pede á tua memória,  
na ausència da saudade,  
que dos meus tristes e últimos amores  
te conte a breve história.

Tu, só tu a conheces, tu a ouviste  
e tu a paginaste descuidada,  
como se lesses de algum bardo triste  
a estranha e melancólica balada.

Foi uma história curta: os seus capítulos  
tinhão a duração de uma volata,  
que prende num *allegro* estreitamente  
o amor que salva com o amor que mata!

E essa história passou, como a corrente  
que leva ao mar, ao vórtice fremente,  
em folha sólta, um nome e alguma data !  
vibrará como a nota viva e ardente,  
desferida por mão de Paganini ;  
e expirou num murmurio tristemente,  
como uma melodia de Bellini.

Quando eu morrer, e se algum dia fores  
do meu sepulcro à borda,  
pensa no que eu senti, abre, recorda  
a história dos meus últimos amores.

---

## CASTELOS

(A SILVA PINTO)

Que castelos soberbos e risonhos,  
que formosos castelos construi  
na areia movediça dos meus sonhos,  
dos sonhos que falavam só de ti !

Os cavoucos de mármores de Paros,  
de pôrfiro os bastiões e barbaeans,  
os meus castelos, monumentos raros,  
eram inveja a altivas castelans.

As pontes levadiças eu fundira  
de preciosos e nitidos metais,  
que o amor, mineiro intrépido, extraíra  
das encantadas minas orientais.

Ao sol, merlões dentados chamejavam,  
sendo, cada um, fenomenal rubim ;  
e as tôrres de menagem pompeavam,  
fabricadas de nácar e caulim.

Enerustações de onix e de ametista  
mosqueavam seteiras de cristal ;  
e dos baleões de jaspe a minha vista  
abrangia paisagem sem igual.

De um lado, o oceano mûrmuro ; galeotas  
áquém e àlêm ; barqueiros a cantar ;  
ondas espreguiçando-se ; e as gaivotas  
traçando curvas entre o céu e o mar ;  
  
do outro, jardins e bosques ondeantes ;  
o tintilar de arroios ; palmeiraíais,  
sândalos, caneleiras odorantes,  
adansónias e loiros triunfais !

Lá dentro, dos castelos no recinto,  
luz estranha alagava os penetrais,  
colunas de ágata, em graciosos flintos,  
ogivas de ambre, góticos vitrais.

Em panóplias, alfanges damaseenos,  
montantes, bacinetes e saiões,  
adagas e turbantes agarenos,  
crescentes, signas, lábaros, balsões.

Dragões e hipógrifos de aspecto bético  
esguardavam das quadras o limiar,  
e dos torsos de mármore pentélico  
manar parciam rêsneas de luar.

Lapislazúli os tectos revestia ;  
e a púrpura fenicia e os brocatéis  
mesclavam-se em profusas laçarias,  
sob a seda persiana dos dosséis.

Nuvem ténue de mirra e de heliotrópio  
das caçoilas se erguia em espirais ;  
e, evocando as visões do haxixe e do ópio,  
os narguilhês fumavam sensuais.

Cabeçais, otomanas e trielinios  
convidavam a flácido torpor ;  
o em jarras de Nifão cactos sanguíneos  
febricitavam de entranhado amor.

Mas... Uma noite, temporiais medonhos  
sobre minha cabeça ouvi rugir ;  
e a areia movediça dos meus sonhos  
meus castelos então deixou cair.

---

## LEGADO

(A FERNANDO LEAL)

Sol, que no meu inverno irradiaste esplêndido,  
mas frio, glacial, como o luar do norte,  
Galateia de gelo, ó bela flôr de marmore,  
tu não podes tremer, se eu te falar da morte !

Escuta pois ! — Ao dar-te as despedidas últimas,  
faço o meu testamento, em trevas redigido ;  
e a ti, que me feriste o coração sem mágoa,  
deixo, como lembrança, o coração ferido.

Com uma condição : — Na urna resacente,  
em que encerres, amor, o fúnebre legado,  
esta simples legenda hás de gravar sómente :

— « Repoisa nesta urna o coração gelado  
do escravo mais fiel, do trovador plangente,  
que amou até à morte e nunca foi amado ! » —

## A...

(AO CONDE DE MONSARAZ)

*Nome que não se diz, nome que não se escreve.*

A. DE QUENTAL.

## I

É levemente pálida e franzina,  
como visão de lenda escandinava,  
como as Virgens que Angélico sonhava,  
no ardor da sua inspiração divina.

Cintilam como a estréla vespertina  
os seus olhos, que abrasam como a lava;  
e um sorriso, que tem minha alma escrava,  
resalta-lhe da boca pequenina.

No seu andar, gracioso e nobre, imita  
o volitar da timida andorinha,  
e a sua voz é música bendita.

Tem ares de princesa ou de rainha ;  
e, junto à perfeição que nela habita,  
só lhe encontro um defeito : — Não é minha !

## II

Se eu pudesse chamar-lhe minha um dia,  
minha como este amor infortunado,  
como a tristeza de não ser amado,  
como esta doida e cega idolatria ;

se eu pudesse escutar-lhe a melodia  
de um *amo-te* febril e segredado,  
que, ao sair-lhe do lábio perfumado,  
me inundasse a existência de poesia ;

havia de abraçá-la doidamente,  
mirando-me em seus olhos radiosos,  
como num céu immenso e transparente ;

e os seus lábios vermelhos e mimosos  
sentiriam poifar-lhes de repente  
um enxame de beijos sequiosos.

## III

Abandona o teu mundo resplendente,  
 ó doida fantasia, ó águia ousada,  
 que procuras um astro, uma alvorada,  
 donde a vida dimane eternamente !

E tu, que me surgiste no ocidente,  
 ao fim da minha dolorosa estrada,  
 acolhe em tua clamide nevada  
 minha última lágrima candente,

Ao descer um gelado nevoeiro,  
 do meu outono às derradeiras flôres,  
 da minha vida ao alento derradeiro,

colheu-me a noite ao pé dos teus fulgores,  
 porque este adeus é o último e o primeiro  
 dos meus primeiros e últimos amores.

## IV

É levemente pálida e franzina;  
 e os seus olhos, que abrasam como a lava,  
 eram farol divino que eu buscava,  
 e são agora o raio que fulmina.

---

Daquela formosura peregrina,  
do espirito gentil que me enleava,  
das minhas esperanças ilusórias,  
daquele ser que o belo e bem resume,  
resta-me ainda o místico perfume  
nas fôlhas do meu livro de memórias!

Não se evapora tão suave aroma,  
nem se aniquila essa criação divina  
que, ao mais leve rumor, treme e desmaia :  
auras propicias, bafejai-lhe a coma,  
quando o sol nasce e quando o sol declina ;  
ondas que rebramis de praia em praia,  
vendavais e tormentos, respeitai-a,  
que é levemente pálida e franzina...

---

## JORNADA VIII

---

ESPARSAS



I

MORTE

DE

I A G I N A D A T A

EPISÓDIO DO POEMA ÉPICO INDIANO

— O « RAMÁIANA »



## *Palavras de Camilo*

---

III.<sup>mº</sup> Ex.<sup>mº</sup> Sr.

Este opusculo, com que V. Ex.<sup>a</sup> brindou os amantes da boa poesia, é com effeito uma formosa copa cheia de lagrimas. É poesia que faz poetas, porque punge, eleva, desata a alma das dores triviaes, e concilia cada coração com as suas proprias. Os versos são singelamente maviosos. A agonia imensa estala em expressoens de simplicidade tragica. É V. Ex.<sup>a</sup> duas vezes poeta nestas paginas: identificou-se na antiga inspiração e feriu as cordas mais gementes da harpa moderna. Não levante mão deste grande intento. Dê-nos estes painéis do passado,

a ver se por este modo consegue crear leitores de versos.

Aperta-lhe a mão com affectuosa cordialidade e admiração o

Seu collega e amigo,

Porto, 1 de Dezembro  
de 1873.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## *Palavras de Viale*

---

III.<sup>mo</sup> Sr.

Estou em divida para com V. S.<sup>a</sup> Ha huns quinze dias, recebi pelo correio, com offerecimento mui gracioso, hum exemplar do folheto intitulado: «*Morte de Iaginadata*», tradueçao em verso de hum interessante episodio da *Ramayana*.

Não sou indianista, e por tanto só pelas versões de Gorrezio e de Fauche tenho algum conhecimento (na verdade imperfeitissimo) da immensa epopèa de Valmiki. Pelo pouco que della tenho lido, e ainda mais pelo juizo que della fazem os eruditos orientalistas, principalmente Eichkoff, estou per-

suadido de que muito ouro se pode extrahir de mina tão rica, ainda que pouco accessivel á maior parte dos litteratos. Vejo que V. S.<sup>a</sup> assim o entende, e procura attrahir para taes estudos os cultores das boas letras, dando-lhes louvavel exemplo. Quanto ao desempenho da tarefa que V. S.<sup>a</sup> se impoz, parece-me ter-se havido como se devia esperar do seu talento, de que já tem dado brilhantes provas. Na realidade, he difficil, se não absolutamente impossivel, verter em verso huma obra poetica, de huma maneira que satisfaça cabalmente o appetite dos leitores fastiosos e severos. Assim o experimentei com as minhas tentativas homericas e dantescas. Continue, porem, V. S.<sup>a</sup> as suas: eu lhe presagio os mais felizes resultados. Todavia, permitta-me que tambem aqui lhe exprima hum voto, que me he inspirado por hum espirito de parcialidades, de que alias não me envergonho, antes me ufano. Nenhuma litteratura antiga possa fazer-lhe esquecer ou preterir as duas litteraturas classicas por excellencia, a grega e a latina. Relativamente ao proprio excerpto por V.

S.<sup>a</sup> primorosamente nacionalizado entre nós, ahí está no VII livro das Metamorphoses de Ovidio a narração do tragicó fim de *Proeris*, tão semelhante á do asceta indiano, e, segundo o meu gosto, ainda mais bella e mais pathetica. Mas eu devia hum agradecimento, e ia-me deslizando em hum conselho. Sirvase V. S.<sup>a</sup> aceitar com benignidade os meus agradecimentos, e dê ao conselho a importancia que lhe merecer a auctoridade do velho fossilista, que tem a honra de se subscrever com a maior consideração

De V. S.<sup>a</sup>

Ven.<sup>or</sup> e Cr.<sup>o</sup> Obd.<sup>te</sup> e Obrg.<sup>o</sup>

Lisboa, 10 de Dezembro  
de 1873.

ANTONIO JOSÉ VIALE.





MORTE

DE

IAGINADATA

(A MAX MULLER)

Quando Ramá, dos homens o mais bravo,  
partiu para as florestas, Daçarata,  
— aquele rei outrora tão ditoso,—  
deixou-se possuir de mágoa enorme.  
Exilados seus filhos, o monarca,  
tão alto como Indra, escureceu-se  
nas trevas do infortúnio, como quando  
a sombra de um eclipse os céus invade,  
tapando ao sol a face.

Após seis dias  
de prantos e saudade, o rei egrégio,  
acordando uma vez á meia noite,  
lembrou-se de uma falta cometida

em afastado tempo, e dirigiu-se  
desta forma a Caoçália, sua espôsa ;  
— Se és também acordada, ouve-me atenta,  
Caoçália. Quando um homem, dama ilustre,  
faz uma acção, ou bôa ou má, não pôde  
evitar no porvir os frutos dela.  
Qualquer que em suas coisas não distingue  
o bem e o mal, e ás cegas vai obrando,  
os sábios apelidam-no criança.

Nos bons tempos da minha adolescência,  
em que eu, moço imprudente, me ufanava  
de frechar toda a fera que avistasse,  
cometi uma falta... por acaso.

A desgraça presente é fruto acerbo  
dessa culpa. Caoçália, como a morte  
é fruto de um veneno que se bebe.

Mas filha de ignorância foi a culpa,  
como a morte talvez de envenenado.

Ainda tu não eras minha espôsa,  
e eu era apenas da corôa herdeiro.

Nesse tempo, a estação das manhans frescas  
entornava alegrias na minha alma ;  
o sol, que havia esbraseado a terra  
e bebido a humidade das campinas,  
cansado já de procurar o norte,  
mudara de hemisfério. Graciosas,  
as nuvens espalmavam-se nos ares,  
e os grous, e os cisnes, e os pavões folgavam

repletos de alegria. Os aguaceiros  
obrigavam os rios a espalharem  
água lodosa em cima das alpondras.  
Os campos, sorridentes sob a chuva,  
ostentavam seus virides relvados  
em que as aves, alegres, volitavam.

No correr de estação tão prazenteira,  
tomei sobre meus hombros dois carcazes,  
empunhei o meu arco, e fui-me andando  
em direcção ás margens do Caraio.  
Ao abeirar-me do formoso rio,  
levava em mira, consoante os hábitos,  
ás feras atirar, que um rumor leve  
denunciasse, sem que eu mesmo as visse ;  
e escondi-me na sombra, de arco armado,  
ao pé dos bebedoiros solitários,  
que ali dessedentavam, alta noite,  
os animais que habitam as florestas.  
E era o caso, que ás vezes despedia  
alguma freeha para aquela banda  
onde rumor saira, e assim matava,  
um búfalo da selva, um elefante,  
ou qualquer fera que buscasse as águas.

E nessa hora, quando os meus olhares  
nenhum objecto distinguir podiam,  
ouvi o som confuso de uma bilha

que alguém enchia de água; som que imita o mormuro beber de um elefante.

E prestes cavilhando no arco a frecha,  
frecha assás empennada e penetrante,  
cego pelo destino, despédi-a  
contra o lugar donde o rumor saira.

Mal a frecha voara, uma voz de homem,  
lamentosa, chegou a meus ouvidos :

— Morto ! estou morto ! ¿Como despedir-se  
um dardo contra mim, contra um ermita ?  
¿De quem será o braço deshumano  
que despediu a seta ? Vim de noite  
a bilha encher no solitário rio :  
¿quem o assassino ? ¿a quem tenho ofendido ?  
Oh ! esta frecha, tendo penetrado  
o coração exâmico do filho,  
irá cravar-se no magoado seio  
de um velho anacoreta, pobre e cego,  
que ai vegeta à sombra da miséria,  
no meio d'estes bosques. Choro menos  
o desastrado fim da minha vida,  
que a sorte de meus pais, dois velhos cegos.  
Avergados ao peso dos invernos,  
e por mim amparados tanto tempo,  
¿como viverão êles, sós e cegos, —  
sem o amparo do filho ? ¿Quem seria  
o homem sem alma, cuja frecha aguda

matou a todos três, a mim e a êles,  
que de frutos, raízes e legumes  
numa paz inocente aqui vivíamos ? —

Disse. E, perante a minha estranha falta,  
eu, abalado, comovido e trémulo,  
deixei cair das mãos careaz e arco.  
Corri, e achei, postrado na água, um jovem  
que trajava de peles de antilóbio  
e usava o ilustre jata<sup>1</sup> dos ascetas.  
Mortalmente ferido, ergueu os olhos,  
e, cravando-os em mim, num desgraçado,  
dirigiu-me, rainha, estas palavras,  
como querendo me abrasar nas chamas  
da sua radiante santidade :

— ¿ Que ofensa contra ti hei cometido,  
ó xátria,<sup>2</sup> eu, habitante das florestas,  
para que recebesse a tua frecha,  
quando no rio eu mergulhava a bilha  
por que meu pai dessedentasse os lábios ?  
Os dois velhos, autores de meus dias,

---

<sup>1</sup> Cabeleira especial e honrifica.

<sup>2</sup> Indivíduo da casta militar e real.

sem um apoio nas desertas matas,  
 aguardam minha volta ; pobres cegos !  
 De uma só vez, com uma frecha apenas,  
 três seres vitimaste : eu, a mãe terna,  
 e o pai ! Porquê ? se nunca te ofenderam ?  
 A virtude e a ciência não produzem  
 na terra fruto algum, segundo creio,  
 pois que meu pai não sabe que me mata !  
 E, dado que o soubesse, e que faria,  
 ele que nada pôde, porque é cego ?  
 Assemelha-se a uma árvore sem força  
 para amparar outra árvore, arrancada  
 pela buída secure do lenheiro.  
 Vai, filho de Ragù, vai, sem detença,  
 ter com meu pai, e dá-lhe a fatal nova,  
 antes que a sua maldição te abrase,  
 bem como o fogo abrasa as sêcas urzes.  
 O atalho, que tu vês, leva ao retiro  
 onde habita meu pai ! fala-lhe, abranda-o,  
 antes que te maldiga em sua cólera !  
 Mas... vem, arranca-me do seio a frecha :  
 êste dardo, cravado no meu seio,  
 é, como um raio, ardente, e mal respiro.  
 Arranca-me êste dardo ; que eu não morra  
 com êle no meu peito. Eu não sou brâmane <sup>1</sup> ;

---

<sup>1</sup> Indivíduo da casta sacerdotal.

não te possuas do terror que inspira  
o assassinio de um brâmane. È verdade  
que de um brâmane, que érma neste bosque,  
eu filho sou, mas minha mÃi é çudra.<sup>1</sup>—

Eis o que disse o moço, a minha vítima.  
À vista d'este pobre adolescente,  
que, entre queixumes tais, se rebolcava  
nas águas do Çaraio, despenhei-me  
na mais estranha prostração de espirito;  
e, alheado de mim, tirei a frecha  
do extenuado seio do mancebo,  
com um cuidado igual ao meu desejo  
de conservar-lhe a vida. Mas apenas  
o dardo se extraiu, o moço ermita,  
exalando um suspiro entrecortado  
por golfadas sangrentas, tremeu todo,  
e estranhamente os olhos revolvendo,  
exalou o suspiro derradeiro.

Quando o filho do santo anacoreta  
expirou, abatendo a minha glória  
e a mim mesmo, fiquei-me consternado,  
à vista do incurável infortúnio.

---

<sup>1</sup> Individuo da raça servil e da raça insíma.

Extraída que foi a seta ardente,  
fatal como o veneno de uma serpe,  
tomei a bilha, e dirigi os passos  
para a mansão do asceta. Os pobres velhos,  
lá estavam sózinhos, tristes, cegos,  
sem ninguém que amparasse os desgraçados,  
como dois pássaros que as asas perdem.

Aguardavam seu filho, e eram sentados,  
falando dèle afliitos, os dois velhos :  
aqueles que eu ferira em sua prole  
ansiavam a dita, que seu filho,  
voltando, lhes daria ! Neste lance  
é que eu, na consciência remordido,  
achei, ermando os pálidos ascetas !  
O ermita, ouvindo passos junto dèle,  
diz : — Filho meu, porque tardaste tanto ?  
Traze-me a bilha já. Iaginadata,  
meu bom amigo, há tanto que te andavas  
brincando na água ! dava-nos cuidado,  
á tua boa mãe e a mim, meu filho,  
tão longa ausência. Se eu acaso ou ela  
num momento sequer te magoámos,  
perdôa, e nuncia mais por tanto tempo  
te detenhas no ponto aonde fores.  
Não posso andar... tu és as minhas pernas ;  
não posso ver... tu és a minha vista :  
esta minha existência em ti descansa !  
E Porque não falas tu ? —

A estas vozes,  
 lentamente abeirando-me do velho,  
 a quem o amor de pai tanto inspirava,  
 e com as mãos o peito comprimindo,  
 disse-lhe, sufocado de soluções,  
 e numa voz tremente, balbuciente,  
 mas que a minha firmeza reanimava :  
 — Eu... eu um xátria sou, não sou teu filho ;  
 meu nome é Daçarata ; e eis-me contigo,  
 depois de cometido infando crime,  
 de que a virtude tem horror e espanto.  
 Eu, santo asceta, havia demandado,  
 com o arco em punho, as margens do Çaraio,  
 por espreitar os animais bravios  
 que, da sêde obrigados, ali fôsssem,  
 e que eu frechasse sem os ver. No entanto,  
 o estridor de uma bilha que se enchia  
 tocou-me o ouvido, despedi a frecha  
 e assassinei teu filho, imaginando  
 matar um elefante. Aos gritos dèle,  
 tirados pela frecha que o varara,  
 corri trêmulo ao ponto donde vinham,  
 e vi então um jovem penitente.  
 É certo que eu pensava, anacoreta,  
 ter em frente de mim um elefante,  
 e atirar a uma fera não a vendo,  
 quando cravou teu filho o férreo dardo.  
 Arranquei-lhe do seio a minha frecha,  
 e êle expirou, subindo ao céu ; mas antes

havia lastimado longamente  
a sorte de seus pais. Involuntário  
foi o assassinio de teu filho amado...  
Curvado assim ao peso desta culpa,  
mereço contra mim a tua cólera.—

Nisto, ficou petrificado o velho ;  
mas logo após, recuperando alento,  
estas palavras proferiu, em quanto  
eu as mãos juntas conservava humilde :  
— Se, criminoso de uma falta enorme,  
tu m'a não confessasses espontâneo,  
mesmo sôbre teu povo caïria  
o castigo tremendo ; e o meu anátema  
havia consumi-lo como o fogo !  
Xâtria, se tu soubesses que era ermita  
aquele que matavas, esse crime  
faria despenhar Bramâ do trono,  
que êle no entanto ocupa inabalável ;  
a sete descendentes e a outros tantos  
dos teus maiores cerraria as portas,  
ó mais vil dos mortais, o paraíso,  
se consciênciâ houvesse do teu acto.  
Foi crime inconsciente ; de outra sorte,  
não viverias já, e a raça inteira  
dos raguidas<sup>1</sup> havia de apagar-se,

---

<sup>1</sup> Descendentes dos reis da raça solar.

tanto valor se prende à vida tua !  
Vamos, cruel ! conduze-me depressa  
aonde assassinaste o infeliz moço  
que era um bordão de cego, e que sabia  
guiar minha cegueira. Eu quero ainda  
tocar meu filho morto, se a existência  
me não abandonar, antes que o abrace.  
Quero, com minha espôsa, tocar inda  
o ensanguentado corpo de meu filho,  
solto o jata e os cabelos em desordem ;  
corpo de que a alma resvalou agora  
sob o poder de Iamà.<sup>1</sup>—

Guiei os cegos,

do intimo abalados, a essa estância  
e nela os dois esposos abraçaram  
o estirado cadáver de seu filho.  
Mal sustendo uma dôr que os avergava,  
ao tocarem apenas no cadáver  
ergueram da alma doloroso grito,  
caindo sobre o corpo ensanguentado.  
O esmaiado semblante de seu filho,  
a māi beijou-o e desatou-se em prantos,  
e em lamentos tão tristes, que lembravam  
os da māi do novilho, a que furtassem

---

<sup>1</sup> Juiz dos mortos, o Plutão indiano.

a estremecida prole : — Iaginadata,  
 dizia ela, — & não me queres tanto  
 como à própria existência ? Filho augusto,  
 & porque não falas tu, quando te partes  
 para essa viagem que é tão longa ?  
 Beija-me, e partirás em me abraçando !  
 & Já me não queres bem ? & porque não falas ?

O pai aflito, débil, alquebrado,  
 falou também como se vivo fôsse  
 o filho, a quem tocava os membros gélidos :  
 — Meu filho, & não conheces minhas vozes,  
 nem as de tua māi ? Ergue-te agora !  
 vem ! em teus braços nos aperta a ambos !  
 De quem ouvirei eu nestes desertos  
 uma voz grata que me leia os *Vedas*,  
 na noite próxima, co'o mesmo empenho  
 que tinhas em saber os santos dogmas ?  
 & E quem, meu filho, levará dos bosques  
 à mansão nossa frutos e legumes,  
 sempre que a fome dominar os cegos ?  
 E esta ceguinha, carregada de anos,  
 tua māi, esta bôa penitente,  
 como a sustentarei, eu que sou fraco,  
 que sou cego como ela e sem amparo ?  
 Não queiras deixar hoje estas paragens ;  
 àmanhã, filho, partiremos todos.  
 Depressa a dôr obrigará os velhos

a deixar esta vida pela morte :  
a sentença, meu filho, está lavrada.  
Apenas eu de Iamá entrar nos reinos,  
infeliz pai, mendigarei eu mesmo ;  
para o filho do Sol levando os passos,  
eu lhe direi, por ti acompanhado :  
—dá esmola a meu filho, ó deus dos mortos.—  
Depois das santas orações da tarde,  
depois de feita a matutina prece,  
depois do banho e da oblação piedosa,  
que quem tocará meus pés com as mãos suas,  
para enlevar-me em sensações tão gratas ?  
Ao mundo dos heróis que não regressam  
sobe, meu filho, que és um inocente  
vitimado a imprudência deshumana.  
Aleança o eterno mundo dos ascetas,  
dos sacrificadores e dos brâmanes  
que as funções de guru preencheram dignos;  
o mundo destinado aos penitentes  
que leram, linha a linha, os santos livros,  
os *Vedas* e os *Vedangas*; e onde habitam  
Iasti, Nahusa, e outros reis piedosos ;  
mundo aberto aos bons chefes de familia,  
que nunca o sensual prazer procuraram  
longe dos braços da consorte amada ;  
seres modestos e almas generosas,  
que a plenas mãos armentos distribuem,  
e alimentos e terra aos desherdados.  
Vai, meu filho, acompanho-te em espirito ;

sobe ao eterno mundo, aonde sobem  
aqueles que firmaram entre os povos  
a paz e a segurança, e cujo verbo  
foi a voz da verdade. Almas eleitas,  
que nascem numa casta como a tua,  
a inferior condição não baixam nunca.  
Expulso ora daqui, vai a êsses mundos,  
onde o mel em regatos serpenteia. —

Tanto que o solitário êstes lamentos,  
e outros inda, soltou com sua espôsa,  
triste cumpriu a ceremónia da água  
em honra de seu filho.

Após instantes,

de uma celeste fórmã revestido,  
e alçado num soberbo carro aéreo,  
o filho apareceu do santo ermita,  
e assim falou aos pais : — Em recompensa  
do puro amor que vos sagrei, obtive  
condição valiosa : dentro em pouco  
sereis neste logar tão anelado.  
Não lastimeis do vosso filho a sorte,  
nem crimineis o rei ; era destino  
que eu sucumbisse ao tiro do seu arco. —

Disse ; e, transfigurado em corpo aéreo,  
erguido, entre esplendores, sobre um carro  
de uma beleza extrema, sublimou-se

o filho do richi ao céu. E em quanto,  
juntas as mãos, eu era ao pé do ermita,  
que havia terminado com a espôsa  
a ceremónia da água em honra ao filho,  
falou-me assim o santo penitente .

— Eu pasmo de que, sendo vil e fátuos,  
tu contes por avós os Iesvaquidas,  
reis santos, gloriosos e magnânímos.  
Entre nós jamais houve desavenças,  
nem pleiteámos campos ou mulheres.  
Sendo assim, & porque a vida tu me roubas  
e a da consorte minha com teu arco ?

Mas, já que és inocente no teu erro,  
não te maldigo, mas atento escuta :

— Assim como chegou para meus dias  
inesperado termo, pelas mágoas  
que me instilou a perda de meu filho,  
assim, ao cabo da carreira tua,  
hás de deixar a vida pesaroso,  
e chamarás debalde por teu filho. —

Debaixo deste anátema pesado,  
voltei para cidade. Dentro em pouco,  
à sua dôr o asceta sucumbia,  
àquella tão violenta dôr paterna.  
A maldição do brâmane por certo  
se cumpre agora em mim : pois os pesares,  
e as saudades que tenho de meu filho,  
a seu termo conduzem minha vida.

Os meus olhos, rainha, não vêm nada,  
mesmo as ideias vão-se-me apagando :  
são êstes, dama ilustre, os mensageiros  
da fatal morte, que me apressa a marcha.  
Se viesse a mim Ramá <sup>1</sup>, ou se eu apenas  
ouvisse a sua voz, eu rehaveria  
a minha força, como um moribundo  
que ambrosia bebesse. Esta saudade,  
filha da sua ausência, estala os elos  
da minha vida, como a ondá rasga  
a ramaria umbrosa que cresceira

de um rio sobre as margens. Venturosos  
os que, ao termo de exílio de meu filho,  
passado nas florestas, Ramá virem  
voltar para Aiodia, como Indra <sup>2</sup>  
descendo lá do céu. Não serão homens,  
mas verdadeiros deuses, os que um dia,  
quando à cidade élle voltar dos ermos,  
a sua face bela contemplarem,  
tão resplendente como a lua cheia.  
Ó venturesos vós, que assim puderdes  
ver a face a Ramá, a augusta face,  
semelhante à rainha das estrélas,

---

<sup>1</sup> O herói do *Ramaiana*, e filho de Daçarata.

<sup>2</sup> O rei dos deuses, o Júpiter indiano.

e graciosa e bela, de alvos dentes,  
e de olhos como as pétalas do lodam.  
Felizes os mortais, que de meu filho  
virem a face augusta, cujo hálito  
é igual ao perfume que rescendem  
as pétalas do lodam, pelo outono.

---



II

## CRIANÇAS



## *Palavras do primeiro Editor*

DR. J. M. PEREIRA DE LIMA

Projectára uma elevada personagem organizar um livro, colaborado pela maioria dos nossos escritores, e cujo produto reverteria em beneficio das *crèches*. Convidado para a colaboração o nosso íntimo amigo Cândido de Figueiredo, escreveu os versos que adeante seguem. Gorou-se, porém, ao que parece, o projecto daquela publicação, mas conseguimos que o autor dos versos ás *Crianças* nos permitisse a publicação dêles. A aceitação, que esta poesia, logrou, quando apareceu em a nossa **REVISTA DE LISBOA**, assegura-nos que o acolhimento desta edição não nos fará arrepender do nosso

cometimento, que é ao mesmo tempo um preito ás letras e um protesto de sincera amizade ao autor dos versos.

---

PEREIRA DE LIMA.



## CRIANÇAS

(À DOUTORA CAROLINA MICHAËLIS)

Deixai agora os infantis brinquedos,  
deixai agora de folgar e rir,  
e assentai-vos comigo  
à sombra dêstes tristes arvoredos  
que o outono vai despir.

Quero-vos muito! como pai e amigo!  
e, em quanto alguma fôlha, ressequida  
pelos estivos sóis,  
vai caindo e buscando a voz perdida  
dos seus emmudecidos rouxinóis,  
haveis de estar quietas, silenciosas,  
como a sombra dos tristes arvoredos,  
que se esqueceram da estação das rosas,  
e dizem entre si alguns segredos,  
ao antever as noites invernosas...

E ficareis assim mais tentadoras,  
 minhas gentis amigas,  
 como aquelas imagens cismadoras,  
 que tendes visto em catedrais antigas.

É que eu não quero que deixeis de ouvir  
 uma palavra só das que eu disser:  
 falando-vos, dirijo-me ao porvir,  
 ao homem, à mulher,  
 e a vós mesmas haveis de transmitir,  
 com as vossas saudades e esperanças,  
 o que eu disser, crianças.

Não vos hei de contar muitas histórias,  
 porque são quase sempre mentirosas,  
 e é pecado enganar almas formosas  
 com lendas, sobre absurdas, irrisórias.

Eu falo-vos da vida, — a história enorme,  
 que não anda nos livros relatada,  
 misteriosa odisseia, vasta, informe,  
 sombrio pêndulo entre o *tudo* e o *nada*!

Não me entendéis decerto! mas um dia  
 devassareis talvez o meu segredo,  
 ao trilhar os çarçais que o mundo cria.  
 Por ora, ainda é cedo.

Eu falo-vos da vida. Ao entrar nela,  
 precisais de saber  
 se o céu da infância, que ora se constela,  
 terá sempre essa luz e êsse prazer,  
 sem que os enturve a sombra da procela.

A vida faz lembrar  
 immensa galeria,  
 em que uns vultos perpassam sem cessar  
 em meio de cristais que a luz do dia  
 faz reflectir as nuvens do pesar  
 e os astros da alegria.

Esses cristais cambiantes  
 são os espelhos da comédia humana ;  
 e eu quero que poiseis, alguns instantes,  
 vossos olhares vivos, cintilantes,  
 nesses espelhos donde a luz dimana.

Tereis em tais espelhos  
 proveitosa lição ;  
 e, se apenas aos velhos  
 é permitido dar vitais conselhos  
 a quem lhes beija a mão,  
 por muita vez a juventude iguala  
 a sensata velhice, quando fala  
 pela discreta voz dos desenganos,  
 — chama que abrasa e estiola  
 a melindrosa flôr das esperanças.

Silêncio pois, crianças :  
 tendes aqui um velho de trinta anos,  
 que tem cursado a bem-fazeja escola  
     da luta e do trabalho,  
 colhendo a experiência, o doce orvalho  
 que os sequiosos mártires consola...

¿ Não conhecéis ainda os mandamentos  
 que a vida ensina aos que na vida avançam ?  
 São tantos como os rápidos momentos  
 que no infinito por milhões se lançam ;  
 mas em mui pouco os podereis cifrar,  
     se sabeis crer e amar :

Amar a grande luz omnipotente  
     que tendes, e não vedes,  
 dentro do vosso espirito inocente,  
 onde se embatem as contrárias sêdes  
     do mal e da verdade,  
 à semelhança de caudal corrente,  
 que, outra encontrando, o flóreo campo invade.

Amar o bem ! ¿ mas conhecéis acaso  
 o quanto exprime esta palavra, — *bem* ?  
 Imaginai um cristalino vaso,  
 que mil essências dentro em si contém :

no *bem* há mais fragrância, mais perfumes,  
attractivo mais casto,  
do que em todos os nitidos cardumes  
das flôres de um jardim, sumptuoso e vasto.

Delicia, consola e robustece,  
aquela estranha essência ;  
pois quando alguém padece,  
e a derrama no altar da consciênciâ,  
seca-se o pranto, e o júbilo apparece.  
Se alguém vêdes alegre, satisfeito,  
festejado, sem ódios de ninguém,  
é porque traz consigo, — no seu peito, —  
a essência de que eu falo, — a flôr do *bem*.

Do amor ao bem, deriva a san doutrina  
que, semeada ao sol da juventude,  
há de gerar a planta peregrina  
que se chama — *virtude*.

Não pergunteis aos livros onde existe  
a augusta planta e os seus benditos ramos :  
muitas vezes, se os livros consultamos,  
o que neles se colhe é triste ! triste !

Se no seio abrigastes com cuidado  
o perfume do bem, a eterna essência,  
interrogai o livro da innocència,

o vosso coração immaculado,  
e êle dirá, sempre que alguém o estude,  
onde existe a virtude,

Amai-vos como irmãos ! — eis a legenda  
que a mão da natureza grava e estampa  
em cada marco da espinhosa senda  
que vai do berço à campa.

Somos todos irmãos, escutai bem :  
o africano, o chinês,  
o selvagem, o indio, o português,  
venham donde vierem, todos têm  
no banquete da vida o seu lugar,  
banquete onde não vemos primazias,  
mas comunhão de dores e alegrias,  
uma família em torno do seu lar.  
Classes, religiões, idades, côres,  
desaparecem ante o nosso amor.  
O selvagem, que adora com fervor  
a luz esplêndida do sol naciente ;  
o tureo, que se inclina  
ao ver a augusta signa do crescente ;  
a cigana andrajosa e peregrina,  
que nas linhas da mão lê o futuro ;  
o católico, absorto, extasiado,  
ante os enigmas de um mistério escuro ;  
o protestante, em pertinaz vigilia,

procurendo extraír do livro santo  
o sentido mais puro,  
...não fazem mais do que uma só familia !

Todos somos irmãos ! Se alguém vos disse,  
— alguém que a vossos olhos revestisse  
os trajes de mentor, —  
se alguém vos disse que o estrangeiro, o escravo,  
o hotentote, o judeu, o negro, o pária,  
não vos merecem fraternal amor  
nem são vossos irmãos,  
por terem raça estranha e crença vária,  
não lhe deis fé, porque esse alguém... mentiu-vos !  
É mau e hipócrita ! das suas mãos  
só virão bênçãos que se tornam logo  
em fel de maldição ! da sua boca  
a mais curta palavra é como o fogo :  
varre e enegrece, quando os não devora,  
os pontos onde toca.

Todos somos irmãos ! O vosso amor  
será como a corrente cristalina :  
ou transcorra o valeiro ou a campina,  
brejo ou algar, por onde quer que fôr,  
a tudo há de levar  
a frescura que as margens opulenta,  
a abundância que os povos alimenta,  
a alegria, o bom ar.  
E uma corrente, — vêde, —

não mostra preferências por ninguém :  
pelas várzeas que o sol, queimado tem,

onde apareça a sede, .

onde a fome desenhe escuros traços,

ela a todos atende :

a um lado e a outro estende

os providentes braços.

Mas assim como a limpida corrente

primeiro beija a rocha donde saí,

assim o vosso espirito innocent

primeiro há de espraiar-se docemente

dentro dos lares, em que vosso pai

com a espôsa partilha

os abraços de um filho ou de uma filha.

Vós não sabeis decerto quanto val

o inesgotável pródigo tesouro

do afecto maternal ;

nem acharieis oiro,

ou jóia de alto preço, que valesse

de um pai o mais ligeiro pensamento,

um sorriso, um lamento,

um ósculo, uma prece.

Pagai com vosso amor o amor immenso

dos que vos embalaram. Desvelados,

êles pensam por vós ; os seus cuidados

todos convergem para o foco intenso,

aonde, por um sôpro do destino,  
se foram confundir e recompor,  
num êxtase divino,  
duas râstias da luz do eterno amor.

Mas & tu choras, criança, em quanto as mais  
prestam ouvido atento ?  
& Que estranho pensamento  
te ensombra agora as faces virginais ?  
& Tu não tens pai nem mãe ?  
o teu berço, & embalou-o a caridade,  
que te encontrou sózinha, sem ninguém,  
a um canto das vielas da cidade ?

Chora, mas não por ti ; chora e lamenta  
aqueles que nas aras do egoísmo  
depuseram a vítima ineruenda  
do seu fatal amor, como a tormenta  
que à beira de um abismo  
deixa a vergonha débil, despojada  
da verdura e dos mimos da alvorada.

Quando nasceste, a hipocrisia infame  
ergueu-se e disse aos dois :  
— Escondei-a ! que o mundo raiva e brame,  
se vos mostrais quais sois ;  
afivelai a máscara, a ilusão,

mostrai-vos sós e livres e impolutos,  
que o mundo absolve os maus e os dissolutos,  
quando sabem mostrar o que não são. —

E êles, as duas feras sem rivais,  
a quem a natureza por engano  
um dia tornou pais,  
arrancaram do seio deshumano  
o mais grato penhor do afecto puro,  
e atiraram-no às ondas do futuro,  
aos caprichos da sorte, às ventanias,  
à fome, ao assassinio, às enxovias,  
à vergonha, ao monturo.

Chora, mas não por ti ! A humanidade  
é mái que não enjeita a sua prole :  
aqui se denomina caridade,  
filantropia além ; mas, quer console  
aqueles que vasquejam na agonia,  
quer lance do seu cálix de ambrosia  
no cálix do martirio um doce gole ;  
quer tome a si o luto, a máqua, a sorte  
dos desherdados da fortuna vária,  
ou entre pela estrada solitária  
em que após da miséria vai a morte,  
e dê às noites da alma luz e vida,  
pão ao triste casal, festas, beleza,  
cumpre essa lei que venios insculpida

no código immortal da natureza,  
e que, se alguém pronunciá-la fôr,  
apenas diz — amor!

Amor a todos, por amor ao bem !  
vai nisto a paz e a sólida ventura,  
e o apanágio também,  
da humana criatura.

Amai-vos como irmãos ;  
e a cada passo deixareis brilhando  
o sêlo da bondade ;  
e, se das vossas pequeninas mãos  
hão de sair em misterioso bando  
os destinos do mundo, a humanidade,  
— destinos que virão,  
quais as pombas da lenda,  
anunciar a luz da redenção  
à humanidade opressa e foragida,  
que, em trevas anelando ideal clarão,  
anda fazendo e desfazendo a tenda  
em que se gasta a vida ; —  
e, se vós sois o arco da aliança,  
que no horizonte escuro  
há de espalhar os risos da esperança  
e as bençãos do futuro :  
deixai que vos repasse a casta essência

do bem e da verdade ;  
 ela é írmã dos lírios da inocência  
 e dá realce à flor da vossa idade !

Finde a homilia porém.  
 É pôsto o sol. O fumo dos casais  
 tolda o poente, além,  
 subindo em espirais.  
 Voltam do campo os filhos do trabalho,  
 a quem fortuna esquiva  
 negou o pão ; mas dá-lho  
 o suor que das fontes lhes deriva.  
 A natureza em lânguido círculo  
 parece convidar  
 ao descanso nocturno, à paz do lar,  
 ao brando sono em cabeçal macio.  
 A fada tutelar dos inocentes  
 espera-vos além, nas vossas casas ;  
 há de inspirar-vos sonhos sorridentes,  
 zelará o esplendor das vossas asas,  
 e velará por vós, anjos dormentes.

Não a vêdes, mas ela vos embala ;  
 não a ouvis, mas as vozes que escutais  
 em sonhos de ouro, puros, virginais,  
 são dela, que vos fala  
 numa linguagem doce, immaculada,  
 como um gorjeio em fresca madrugada.

Deitai-vos e dormi ; mas nem dormindo  
deixeis esmorecer a luz bendita  
que, acessa da verdade ao sopro infindo,  
dentro de vossos corações habita.

E, quando despertardes,  
repeti este canto, esta lição.  
Em todas as mauthans, todas as tardes,  
à noitinha, ao serão,  
passai pela lembrança  
o meu canto de amor e de esperança.

Eu volto à luta inglória,  
aos trabalhos que conto pelos dias,  
mineiro obscuro de áureas utopias,  
que não aspira à história.

Se alguma vez o frio desalento  
me quebrantar as fôrças e a coragem,  
trarei ao pensamento  
a vossa casta imagem ;  
e o operário cansado, desvalido,  
ererà que se lhe arqueia um céu mais puro ;  
e, revocando o seu vigor perdido,  
trabalhará por vós, pelo futuro.

---

## PLATONISMO

(AO CONDE DE VALENÇAS)

*Esta imaginação é um tormento.*

JOÃO DE DEUS.

No meu árido exílio, em que a ventura  
nunca roçou as asas columbinas,  
e em que a luz de alvoradas peregrinas  
nunca varreu a minha noite escura ;

suave e luminosa criatura  
caminhou para mim, dentre as neblinas ;  
e ergueu nas suas mãos alabastrinas  
o farol mago, que o meu ser procura.

Mas, quando a aparição resplandecia  
mais próxima de mim, e desvelada  
me apontava o arrebol de um novo dia ;

em vez da sua boca perfumada,  
nos meus lábios tocou a noite fria,  
e os meus braços cingiram... sombras, nada !

## VISÃO

(A CAETANO ALBERTO)

Os ciprestes gemiam tristemente  
em volta do meu túmulo gelado ;  
e, na fimbria de um manto constelado,  
a lua recortava-se em crescente.

Tudo silencioso e triste ! De repente,  
assomou o teu vulto idolatrado ;  
na minha campa, nesse frio estrado,  
foste ajoelhar então, piedosamente :

e uma lágrima tua dolorida,  
tão doce, tão ardente e tão sentida,  
no meu álgido leito se embebeu,

que eu sentiria, na feral jazida,  
meu coração bater, se acaso à vida  
voltar pudesse quem por ti morreu.

## DUAS ANDORINHAS

(DE E. LEGOUVÉ)

(À VISCONDESSA DE SANCHES DE FRIAS)

Ontem, fui assentar-me junto ao lar ;  
que as rajadas primeiras  
do frio inverno sóem convidar  
ao tédio romano das lareiras.  
E o nordeste me trouxe então os trinlos  
de duas andorinhas palradeiras :

— Filha, é mister partir : os parvonecinhos,  
o inverno anunciando,  
cruzam os céus em bando ;  
e dos freixos vizinhos,  
desfolhados e tristes, já soou  
três vezes nosso grito, convocando  
as nossas companheiras. Vem.

— Não vou !

— Vem. Olha tu como o esquadrão primeiro  
já se alinha, formando-se em vanguarda !  
A hora da partida, vês ? não tarda,  
deixamos esta noite o paradeiro :

bem sabes tu que a escuridão cerrada  
nos oculta de todos, ao partir ;  
e que, feita ness' hora a retirada,  
não nos pôde o milhafre perseguir.

— Minha māi ! tua filha não irá  
à paragem longinqua, aonde vais ;  
nesta noite, daqui não partirá,  
nem àmanhan, nem ao depois ! jámais !

— Porquê ?

— No mesmo ninho,  
em que tu me criaste, minha māi,  
criando fui também  
minha primeira prole ; o meu carinho,  
bárbara mão foi perturbar-mo ali :  
lançou-me fôra, e trépida fugi !

Aquela casa, por bem pouco tempo,  
dos meus amores foi quieta estânciea ;  
e meus filhinhos, de asas incipientes,  
nem sequer chegarião a estas correntes...

— Vem : é tímida a infância ;  
 e tu mesmo, no ano, que lá vai,  
 receavas partir dêstes lugares,  
 até que em fim teu pai  
 te amparou, e seguiste-o :  
 ampara-os, que êles seguir-te-ão nos ares.

— Repara neles, māi :  
 o corpo seu franzino,  
 bem vês, apenas tem  
 raro froixel, bem raro e inda mais fino.  
 — Mas que há de ser de ti, pobre innocent ?  
 O inverno aqui é áspido, inclemente,  
 e jámais esquécê-lo poderei :  
 Um dia, pelo outono, uns caçadores  
 as asas me feriram ; cá fiquei !  
 Quanto eu sofri de horrores !  
 A neve cobriu tudo ! não havia  
 insectos nem abrigo ! e a cada lado  
 um pássaro se via  
 cair no chão, morrendo enregelado.

— Enregelado, māi ? !

— Viam-se alguns também  
 percorrer os espaços a gritar,  
 cair na terra, ao despedir da vida,  
 e de fome expirar !

— De fome, māi querida?

— E eu salvei a existência amargurada,  
paredes habitando,  
coberta de geada,  
e faminta buscando  
cadáveres de insectos no tear  
das aranhas... Teus filhos vai chamar !

— Apenas têm voejado  
em volta do telhado...

— Que importa? adeja-lhes em torno; ostenta,  
suspenso do teu bico, algum insecto.  
Quem é pequeno, a gulodice o tenta:  
se dá um passo, recuamos outro;  
e vai andando empôs daquele objecto  
que tanto o prende; arroja-se, e por fim  
libra-se nos espaços prazenteiro.

Lembras-te? foi assim  
que recebeste o ensino meu primeiro.

— Mas se êles, pelas ceifas,  
inda não eram nados!

— Ergue-te pois sózinha a esses ares,  
e abandona comigo estes lugares,  
coito de ruins fados.

— ¿ Deixá-los morrer, eu ? !

— Mas, se ficas,  
¿ escaparão os miserios ?

— É que não morrerão desamparados :  
inda que o frio enregelar-me venha  
com êles achegados ao meu peito  
em nosso ninho estreito ;  
inda que, além, do resfriado lar,  
reacendendo-se o lume, me viessesem,  
durante cada dia,  
ondas de negro fumo sufocar,  
eu nunca os deixaria !

Lá dentro ou fóra, e ou seja dia ou noite,  
buscarei sempre, com afan e amor,  
que a todos os accorde  
este meu corpo... Eu creio que o amor  
me hâ de alargar as asas... Se Deus veda  
que o meu sangue lhes sirva de alimento,  
não veda que lhes dê o seu calor.  
Quero, por cima deles estendida,  
soltar assim meu derradeiro alento ;  
e, para os defender  
mesmo depois de me fugir a vida,  
eu quero-lhes fazer  
de meus restos mortaes uma guarida !

— Filha, procedes bem.  
 Como tu, eu seria corajosa  
 por ti, como êles débil, nestes sitios.

Fica. A turba ansiosa  
 de meus filhos aguarda sua māi  
 naquele freixo, além.

O dever que te prende é o que me arrasta.  
 É mister separar-nos, desligar  
 dos teus destinos os destinos meus.  
 Oxalá que te seja este lugar  
 propício sempre. Adeus pois, filha.

— Adeus. —

E não ouvi mais nada.  
 O bater de umas asas revelou  
 da andorinha mais velha a retirada ;  
 depois, suspiro tenue resoou.

E eu disse a sós comigo :  
 — Não tenhas medo, afável andorinha,  
 que não corres perigo.  
 Tomarei a meu cargo, em cada dia,  
 dar-te alimento e aos filhos, andorinha.  
 Hei de fazer que a tua moradia  
 bem separada fique  
 do fumo da cozinha,  
 por um grosso tabique.

Ao ninho sossegado  
há de chegar sómente  
um calor temperado,  
suavíssimo, inocente.

E como que já sinto aquele júbilo  
que hei de na primavera ressentir,  
quando te encontrar viva a māi saudosa ;  
e quando ela te ouvir,  
ainda duvidosa,  
a história dos teus dias,  
que eu salvei para novas alegrias.

---

## RELIGIO

(AO CARDIAL V. VANUTELLI)

*Bonum est confiteri Domino et psallere...*

SALMO XCII, 1.

Há um poema enorme, uma epopeia,  
que assombra as gerações  
mais do que o *Inferno*, a *Iliada*, a *Odisseia*  
e o livro de Camões :

em língua universal está escrito  
e em traços immortais ;  
tem por teatro o mundo e o infinito  
e mais, se houvesse mais.

O passado, o presente e a eternidade  
a data lhe contém ;  
das personagens não se conta a idade ;  
e a ação, resume-a o bem.

Este poema immortal, em que fulgura  
suprema inspiração,  
se a humana língua o nome lhe procura,  
diz-se — *Religião*.

## DISTIQUE

*Dans l'album d'une jeune fille*

(Ao CONSELHEIRO AGOSTINHO DE CAMPOS)

L'amour qui, doux et joyeux,  
Trèsaille gaiement toujours  
    Dans les yeux  
Et dans le coeur naïf, heureux,  
Des enfants près de son père,  
— Voici le ciel sur la terre,  
Voici l'amour des amours!

---

## CONTRASTES

(A MALHEIRO DIAS)

*Por ti, sem ti, comigo estou passando  
Nas móres alegrias mórs tristeza.*

FERNÃO A. DO ORIENTE.

Vem assomando além, festiva, a primavera,  
recamada de luz, de pérolas toucada.

O rosmaninho exorna o vale e a cumeada ;  
nas ruinas verdeja a parietária e a hera ;

a amendoeira em flôr, noiva gentil, espera  
o orvalho cristalino, o beijo da alvorada ;  
o sol vai abraçar a terra enamorada ;  
acorda para o amor o rouxinol e a fera !

Mas... e que me importa a mim a natureza em festa ?  
se um vento regelado as ilusões me crestas !  
se nuvem tempestuosa o meu deserto cinge !

se a ventura, que eu sonho, em meu casal não mora  
se te não vejo nunca, ó inspirada aurora !  
se não queres ouvir-me, ó suspirada esfinge !

## SALVÈ

*Versos recitados pelo actor Roque, na festa dedicada aos vencedores dos Cuatmas pelo Pedroiços-Club.*

(A MEUS FILHOS, REINALDO E OCTÁVIO)

Ao longe, muito ao longe, além dos mares,  
nossos avôs, honrando a pátria amada,  
foram alçar a cruz, brandir a espada,  
em terra inóspita, em sertões e algares.

E o selvagem das terras africanas  
curvou-se à cruz, rendeu-se à espada ovante ;  
e, em regiões imensas flutuante,  
viu-se o balsão das quinas lusitanas.

Mas, com o tempo, esmoreceu a fama  
dos antigos heróis armipotentes ;  
e o negro, descerrando os alvos dentes,  
mordeu a mão que o levantou da lama.

Cumpria mostrar bem ao negro e ao mundo  
que, da Europa no último recanto,  
existe Portugal, que foi o espanto  
dos continentes e do mar profundo.

E mostrou-se ! Um punhado de valentes,  
heróis de terra e mar, florões da história,  
fizeram reviver a fama, a glória,  
a bravura de heroicos ascendentes.

À frente deles, através dos matos,  
relampagueava uma brilhante espada,  
rasgando selvas e apontando a estrada  
dos Albuquerques e dos Viriatos.

E essa espada levou-os à vitória !  
E os loiros, que a afestôam viridentes,  
cobrem esse punhado de valentes,  
e hão de levá-los aos confins da história !

---

## NA PRAIA

(AO CONSELHEIRO OLIVEIRA SIMÕES)

Ela ia partir ! De uma galera  
reclinou-se saudosa na amurada.  
E eu fui dizer-lhe adeus, sem dizer nada,  
como se eu presa a minha voz tivera !

Última flôr da minha primavera,  
levei-lhe uma miosôte perfumada ;  
e ela beijou-a, triste, magoada,  
e segredou-me : — « Eu voltarei ! Espera ! » —

Depois, a barca navegou ligeira,  
deixando apenas luminosa esteira,  
em que o húmido olhar fitando estou !

E fiquei-me na praia, só e amante,  
a ver se vejo ao longe a barca errante  
que há de trazer-me quanto me levou !

## VERGISS-MEIN-NICHT

(A D. ANNA BONO SIMÕES CARNEIRO DA SILVA)

A *John Hopper* altiva e purpurina,  
e as grinaldas da *Spirea* prateada,  
não valem da *Miosote* perfumada  
a bela flôr azul e pequenina :

de entre a folhagení branda e esmeraldina  
resalta a flôr,— a cúpula azulada  
de um pequenino céu, onde, enlevada,  
minha alma beija o sol que me ilumina...

Vivo, porque ela vive! — se algum dia  
a estremecida flôr, que me enebria,  
batida fôr dos temporais do sul;

e se eu a vir no frio chão caída,  
irei caminho da final jazida,  
levando ao peito a minha flôr azul...

## ENCONTRO

(À VISCONDESSA DE SAN-CAETANO)

— Tu, que choras sózinha, triste e pobre,  
e que nome tens ?

— Eu chamo-me *Orfandade* ;  
e tu, que vais sorrindo, meiga e nobre,  
dize : e quem és ?

— Eu sou a *Caridade*.

— Sê bem-vinda.

— Tens pais ?

— A terra os cobre  
e os teus ?

— Nasci do Amor e da Piedade.

— A tua pátria ?

— Quanto o olhar descobre !

— Quem é tua família ?

— A humanidade !

Vivo a semear o bem e me avizinho  
da tua estância agreste, por que vejas  
enflorar-se o teu árido caminho :

terás em mim, se nada mais desejas,  
paterno amparo, maternal carinho  
e um grande coração...

— Bendita sejas !

---

## APOLOGIA

(AO DR. RIBERA Y ROVIRA)

Viva e resplenda o amor ! Embora a vida,  
de abrolhos ameüde revestida,  
nos excrucie..., o amor é sempre o amor !

Ele saúda o sol, como a calhandra ;  
vive no fogo, como a salamandra,  
que a vida cifra-se em morrer de amor !

O Vésper, que flutua no Ocidente ;  
O Sol, que alaga em chamas o Oriente,  
não brilham mais que a eterna luz do amor !

Copérnico, afirmando temerário  
que o centro do sistema planetário  
está no sol, errou : — está no amor !

Em volta dele, há séculos, gravitam  
astros, constelações, os sóis que habitam  
as infindas regiões que rege o amor !

Obedecem à sua omnipotênciia  
a morte e a vida : o facho da existência  
é humilde satélite do amor !

Se se apagasse o amor, voltando ao nada,  
— o mundo, a natureza fulminada,  
também se extinguiria, como o amor !

Mas não se extingue o que é eterno e immenso,  
que nova vida e novo ardor intenso  
no andar dos séculos adquire o amor !

Um século de mágoas e tormento  
é compensado por um só momento  
de íntimo gôzo de profundo amor !

Se a morte queima as flôres da ventura,  
e que importa a vida, a morte, a sepultura,  
após um beijo de infinito amor ? !

## A LILI

(En lui offrant un livre d'A. Daudet)

Lili, quand tu liras ces éblouissantes pages  
D'amour et de beauté,  
Souviens-toi que tes yeux ont effacé les nuages  
Des cieux de mon été.

Et, s'il arrivera que tes larmes bénies  
Arrosent doucement le récit du malheur,  
Sache que je pleure, en songeant, mon amie,  
Que ton coeur bienfaisant refuse le bonheur.

Mas je crois que ton âme acceptera peut-être  
Ce livre, ce témoin d'attachement, de foi ;  
Et, puisque je voudrais donner tout, j'ai pu mettre  
Dans ce petit cadeau tout ce qui est à moi.

Noël de 18...

---

## NO MONTE DE CAPARICA

(RESIDÊNCIA DE BULHÃO PATO)

As raparigas da Costa,  
que sobem até o Monte,  
poisam a giga, e defronte  
do seu mais nobre freguês,  
quedam-se cheias de enlêvo:  
— Bonito velho! Não vês?  
Vai jantar... chegou da caça...  
Pois a sardinha que eu levo,  
dava-lha toda de graça! —

Não terem lido as da Costa  
um livro, o *Livro do Monte*,  
ou não haver quem lhes conte  
como o velho delas gosta,  
se condói daquela lida,  
e em espirito acarinha  
a miséria mal vestida,

que do Monte se avizinha !  
Nenhuma, certo, adivinha  
os afectos que lhe deve !  
Aliás, não lhe daria  
a cestita de sardinha,  
mas de beijos cobriria  
aqueles barbas de neve !

## HUMORADAS

*de Campoamor*

(AO DR. A. A. DE MELO)

Ao dar-te o meu adeus, formosa Iria,  
eu quero-te dizer  
o que o hebreu dizia :  
— « De mim me esqueça eu, se eu te esquecer ».

Embora, por modéstia, não o creias,  
as flôres, junto a ti, parecem feias.

Conserva sempre um manto  
por sôbre os teus encantos mais valiosos ;  
que, em matéria de encantos misteriosos,  
se o mistério se rasga, adeus encanto !

As Graças eram três antigamente ;  
 mas, dês que esta nasceu,  
 digo e sustento eu  
 que as Graças não são três : uma sómente.

Tua virtude é tal, que eu asseguro  
 ser verdade o que dizem várias gentes :  
 que, à fôrça de ser puro,  
 com teu hálito morrem as serpentes.

Como te amava tanto,  
 alterei a jornada ;  
 pois ia para santo,  
 e, depois que te vi, mudei de estrada.

Se perturbada a tua paz não queres,  
 crê muito em Deus, e nada nas mulheres.

Sofre, sofre, traidora que abomino !  
 A vida, ao lado *d'ele*, é-te um inferno !  
 Já vês que muitas vezes o destino  
 é juiz e antecipa a voz do Eterno.

Quando começa a falar  
da sua virtude rara,  
tapo logo a minha cara,  
por vergonha, que tenho, de pensar  
o que penso, quando ela entra a falar  
da sua virtude rara.

Dizia uma feissima velhinha.  
— Quanto a virtude, creio só na minha.

Contra a infiel, que esta minha alma odeia,  
porque matou as minhas esperanças,  
tomei a mais terrivel das vinganças,  
pois a deixo morrer de velha e feia.

Quando ele preguntou se o amava, a espôsa  
disse que *sim...* pensando noutra cousa.

Pois que tanto te admira  
 a ciéncia dos velhos,  
 quero dar-te o melhor dos meus conselhos :  
 Nesta verdade crê — tudo é mentira !

\*\*

Se a compreender aspiras  
 a ciéncia das puras realidades,  
 acharás que, de todas as verdades,  
 metade pelo menos são mentiras.

\*\*

De todos é debalde apetecido  
 teu amável sorriso.  
 pois não ha paraíso  
 sem fruto proibido.

\*\*

Essa mulher tão bela  
 foi por mim tão querida,  
 que, muita vez, para morrer por ela,  
 penas me faltou perder a vida.

\*\*

Eu sempre que lhe vejo  
o rosto sedutor,  
sinto o maior desejo  
de ser ainda padre e confessor.

À viração imploro  
que te repita a frase consagrada,  
que um autor dirigiu à sua amada:  
— Maldito seja eu, se não te adoro! —

\*\*

Não é por deixar um nome,  
que deixo o meu nome aqui;  
é só para que te lembres  
de que me lembro de ti.

\*\*

Um segredo, que tenho dentro em mim,  
me vai enlouquecendo.  
Ouve-o... chega-te aqui... mais perto... assim...  
— «Inda que velho sou, fica sabendo...» —

Deixa que, suspirando,  
te conte os meus âmores,  
pois sou, tua beleza contemplando,  
árvore velha a desatar-se em flôres.

4

Quis um dia dizer-te que o meu peito,  
de amor por ti, em vivas chamas arde ;  
e nada disse, que, para esse efeito,  
eu nasci cedo e tu nasceste tarde.

46

Se vires mulher feia, mas graciosa,  
fica sabendo que é, — regra infalivel, —  
mil vezes mais terrível  
que uma mulher formosa.

47

As mais preciosas instruções me deu  
uma devota célebre e instruída,  
que na vida dos santos aprendeu  
as coisas menos santas desta vida.

Enxuga o pranto amargo ;  
que a tua doce filha estremecida,  
ao deixar esta vida,  
passou de um sonho curto a um sonho largo.

45

É um sonho de amor a sua história :  
— nasceu ; foi bela ; foi ingênua e doce ;  
amou ; deu leis ; morreu ; abriu-se a glória ;  
entrou, e, logo após, o céu fechou-se.

## DIALOGUES INNOCENTS

(A JAIME DE SÉGUIER)

### I

— Bon jour, Margot!  
Comment vas-tu?  
Et ton mari? — Le pauvre sot!  
Il est battu,  
Il est pendu,  
Et plus encor... Dis-tu le mot.

### II

— Tu n'es pas franche;  
En jour de fête, un beau dimanche,  
Une petite larine arrose  
tes yeux de feu... Quelle est la cause?  
— Rien de nouveau... Toujours le poids

de mon ménage et d'un mari...

Tu ne peus pas juger, ma mie,

Comment la vie  
Est lourde à moi!

Sais-tu pent-être  
Le poids d'un maître ?

— Je le sais, oui

— Comment? comment? Es-tu mariée?

— Non, helas! mais — et tu le vois, —

Je suis toujours si dediée

à toi, toute à toi,

que je partage  
le poids... le poids...  
de ton ménage!

# TRÊS ÉPOCAS

*Versos recitados pelo actor Chaby Pinheiro no teatro «Dona Amélia», no espectáculo de homenagem ao escritor brasileiro Artur Azevedo.*

(AO DR. VICENTE R. MONTEIRO)

## I

### ANTES

Na tremulina do meu claro Tejo  
palpitam ansiosos galeões.

Irrompem do Levante  
os nitidos clarões,  
que sobredoiram de uma estranha luz  
a frota alegre, ousada, palpitante ;  
e vê-se flutuar além, distante,  
uma esperança, um sonho, — *Santa Cruz.*

## II

## DEPOIS

De faces queimadas, o europeu  
tressua, ao desbravar longas florestas ;  
da natureza ás esplendentes festas  
reúne o grito seu,  
que põi em fuga o tigre espavorido.

Surgem novas idades ;  
rasgam-se estradas ; erguem-se cidades,  
campeia a Cruz na selva tropical,  
e o selvagem murmura agradecido :

— Bem hajas, Portugal ! —

## III

## AGORA

Vão ondas e vêm ondas, osculando  
douradas orlas de afastados mundos,  
e, por sobre os abismos mais profundos,  
perpassa enérgico, de quando em quando,  
um hino intenso, hino de amor febril,  
mas de fraterno amor,  
cuja letra podemos decompor  
nestas palavras — *Portugal ! Brasil !*

## OLHOS QUE FALAM

---

Uns lábios, que dizem *não*,  
valem menos, para mim,  
que a doce e muda expressão  
de uns olhos que dizem *sim*.

---

## O MAR

*Depois do desastre do «Aquadaban»*

(AO DR. F. SIMÕES CARNEIRO)

— Minha māi, & que voz é aquela,  
que vem das bandas do mar ?

— Meu filho, é a voz da procela,  
são as ondas a chorar !

— Minha māi, & porque é que choram,  
se ninguém lhes foi bater ?...

— Meu filho, é porque deploram  
os que nelas vão morrer !

— & Porque é que o mar se lamenta,  
hoje e ontem, sempre assim ?

— Porque encerra e representa  
prantos e mágoas sem fim ;

os gemidos lancinantes  
que aos lábios de filhos vêm;  
prantos de irmãos e de amantes,  
benditos prantos de mães!

## TROVAS DE CASTELA

(A FERNANDES COSTA)

Nem contigo, nem sem ti,  
meus males sim podem ter :  
contigo, porque me mítatas ;  
sem ti, porque vou morrer.

Eu quero-te mais que à vida,  
que a meu pai e a minha māi ;  
e, se não fôsse pecado,  
mais do que à Virgem também.

Perdeu-se um dia uma estréla,  
do céu desapareceu,  
escondeu-se em tua casa  
e em teu rosto se acendeu.

Os teus olhos são, querida,  
feiticeiros e ladrões,  
que andam nas encruzilhadas  
a roubar os corações.

A quem viva como eu,  
com a esperança perdida,  
não é preciso que o enterrem,  
que está enterrado em vida.

Por um beijito, ou por dois,  
por três, por quatro ou por cem,  
a mulher não perde nada,  
e o homem sente-se bem.

Quando as pedras soltem gritos  
e o sol deixe de girar,  
e o mar deixe de ter água,  
deixarei eu de te amar.

Não sei o que têm as flores  
que no cemitério moram,  
pois quando as baloiça o vento  
parece que todas choram.

Teus olhos são dois tinteiros,  
teu nariz pena delgada,  
teus dentes letra miúda,  
e a boca... é carta fechada.

No dia em que tu nasceste,  
nasceram três coisas belas:  
nasceu o sol mais a lua  
e nasceram as estrélas.

Quisera ser çapatinho  
do teu pequenino pé,  
para ver em certas horas  
o que o çapatinho vê.

Mulher que namora dois  
tem juízo com certeza:  
se se lhe apaga uma vela,  
inda lhe fica outra acesa.

Estive no purgatório,  
vi toda a espécie de pena,  
e notei que por amar  
nenhuma alma se condena.

Quisera ver-te, meu bem,  
trinta dias cada mês,  
dez vezes cada semana,  
cada minuto uma vez.

Para mim, sempre é de noite,  
e noite sempre há de ser,  
até que, chegando a morte,  
eu comece então a ver.

Dez anos depois de morto,  
preguntou-me o frio chão  
se eu me esquecera de ti,  
e eu respondi-lhe que não.

Caiu na cama da ausência,  
doente, a minha esperança.  
Prantos, tende paciência,  
porque o tempo tudo alcança.

Quisera ser uma aragem  
e entrar-lhe pela janela,  
para ver se a minha amada  
no seu quarto dorme ou vela.

Pomba, que andas pelo monte,  
olha que sou caçador,  
e, se te encontro e te mato,  
só eu sentirei a dôr.

Quem vier aconselhar-me  
a que te esqueça, querida,  
será o meu inimigo  
no resto da minha vida.

---

# INDICE

---

	PAG.
<i>Razão do livro</i> . . . . .	V
JORNADA I — QUADROS CAMBIANTES	
Os «Quadros Cambiantes» . . . . .	XIII
Palavras de Castilho . . . . .	XV
Palavras do Bispo de Viseu . . . . .	XIX
Palavras de Mendes Leal . . . . .	XXI
Palavras de Camilo . . . . .	XXIII
Mariposas . . . . .	25
Margarida . . . . .	26
Rosa . . . . .	27
L'Amour c'est la vie . . . . .	29
Helena. . . . .	31
Os meus desejos . . . . .	36
Saudade . . . . .	37
Epigrama de Sannazzaro . . . . .	40
Horácio a Nera . . . . .	41
Salmo de David . . . . .	44
Sulle rive del Bosforo. . . . .	46
Vinga-te! . . . . .	49
A fé . . . . .	51

	PAG.
Prisão de amor . . . . .	55
Adeus . . . . .	56
A providência dos pobres. . . . .	60
Em fim! . . . . .	65
Último canto . . . . .	71

## JORNADA II — TASSO

O «Tasso» . . . . .	77
Palavras de Antero de Quental . . . . .	83
Palavras de Teófilo . . . . .	87
Palavras de D. Maria Amália. . . . .	91
Palavras de Michelet . . . . .	95
Canto I . . . . .	97
Canto II . . . . .	106
Canto III . . . . .	110
Canto VI . . . . .	116
Canto VII . . . . .	120

## JORNADA III — PARIETÁRIAS

As «Parietárias» . . . . .	129
Palavras de Pinheiro Chagas . . . . .	137
Dedicatória . . . . .	135
Harpa nocturna . . . . .	139
A alguém . . . . .	143
Alvorada . . . . .	144
A Espanha livre . . . . .	146
Memórias . . . . .	150
Deus não dorme . . . . .	153
Egeu . . . . .	155

	PAG.
Carpe Diem . . . . .	158
A côr . . . . .	163
Avè, Libertas . . . . .	165
A uma criança. . . . .	170
Aquela pequena . . . . .	171
Três véus . . . . .	173
Rimas . . . . .	176
Luz perpétua . . . . .	181
Crenças . . . . .	182
Estrélas . . . . .	188
O berço . . . . .	189

#### JORNADA IV — O POEMA DA MISÉRIA

Advertência . . . . .	195
Palavras de Herculano . . . . .	199
Introdução . . . . .	203
Nova musa . . . . .	209
História vulgar . . . . .	210
Um grupo . . . . .	217
Na sombra. . . . .	221
O esquecimento . . . . .	223
Alvorada . . . . .	226
Louverture e Bonaparte . . . . .	230
Aos hipócritas. . . . .	236
Murmúrios na caserna. . . . .	238
Últimos adeuses . . . . .	244
O agiota . . . . .	253
A fome. . . . .	255
Trevas. . . . .	258

PAG.

Vozes longinquas . . . . .	259
No campo . . . . .	260
Dezembro . . . . .	262
Progredior. . . . .	264

## JORNADA V — NICTAGÍNEAS

Palavras prévias . . . . .	273
Ad astra . . . . ,	275
Aos pés da deusa . . . ,	277
A pasta de um ministro . . . .	281
Atalanta . . . . .	284
Alma viúva . . . . .	287
A uma pianista . . . . .	290
Consolações . . . . .	291
Distico. . . . .	292
Esposa. . . . .	293
Irmans? . . . . .	297
Deus . . . . .	301
O livro de Corina . . . . .	304
O meu poema . . . . .	306
Outra Hero . . . . .	311
Um prólogo . . . . .	312
Transformismo . . . . .	316
Ouvindo música . . . . .	318

## JORNADA VI — O LIVRO DE JOB

Palavras de Bulhão Pato . . . . .	323
Palavras de Trindade Coelho . . . . .	329
Capítulo III . . . . .	333

	PAG.
Capítulo X . . . . .	338
Capítulo XL . . . . .	341
Capítulo XLII . . . . .	344

### JORNADA VII — CRISÂNTEMOS

Vaga luna . . . . .	349
Intercedendo . . . . .	351
Outro mar . . . . .	353
Micrologia . . . . .	354
Rosa branca . . . . .	356
Pensamentos de Musset . . . . .	358
Lausperenne . . . . .	361
Correspondência . . . . .	362
O último charuto . . . . .	365
Autópsia . . . . .	367
Andorinhas . . . . .	371
Memórias . . . . .	373
Castelos . . . . .	375
Legado . . . . .	378
A . . . . .	379

### JORNADA VIII — ESPARSAS

I — Morte de Iaginadata . . . . .	385
Palavras de Camilo . . . . .	387
Palavras de Viale . . . . .	389
II — Crianças . . . . .	411
Palavras do primeiro editor . . . . .	413
III — Platonismo . . . . .	428
IV — Visão . . . . .	429

	PAG.
V — Duas Andorinhas . . . . .	430
VI — Religio . . . . .	437
VII — Distique . . . . .	438
VIII — Contrastes . . . . .	439
IX — Salvè . . . . .	440
X — Na praia. . . . .	442
XI — Vergiss-mein-nicht . . . . .	443
XII — Encontro. . . . .	444
XIII — Apologia. . . . .	445
XIV — A Lili . . . . .	447
XV — No Monte de Caparica . . . . .	449
Humoradas . . . . .	451
XVII — Dialogues innocents. . . . .	458
XVIII — Três épocas . . . . .	460
XIX — Olhos que falam. . . . .	462
XX — O mar . . . . .	463
XXI — Trovas de Castela . . . . .	465

# OBRAS DE CANDIDO DE FIGUEIREDO

## LITERATURA

- |        |  |
|--------|--|
| Poesia | <i>Quadros Cambiantes</i> , 1 vol.<br><i>Tasso</i> , 1 vol.<br><i>Parietárias</i> , 1 vol.<br><i>Um Anjo Mártil</i> , broch.<br><i>O Poema da Miséria</i> , 1 vol.<br><i>Nictagíneas</i> , 1 vol.<br><i>As Crianças</i> , broch.<br><i>Morte de Iaginadata</i> , broch.<br><i>Crisântemos</i> , 1 vol.<br><i>O Livro de Job</i> , 1 vol.<br><i>Antologia Poética</i> , selecta, 1 vol. |
| Prosa  | <i>Amores de um marinheiro</i> , 1 vol.<br><i>O Bacharel Ramires</i> , 1 vol.<br><i>Homens e Letras</i> , 1 vol.<br><i>Figuras Literárias</i> , 1 vol.<br><i>Pirilampos</i> , 1 vol.<br><i>O Cenúculo</i> , 1 vol.   |

- Prosa | *Duas Viúvas*, trad., broch.
- | *Os Companheiros de Vasco da Gama*, trad., 1 vol.
- | *Os Dois Tamanquinhos*, trad., 1 vol.
- | *Vamiré*, trad., 1 vol.
- | *Vencer ou morrer*, trad., 1 vol.
- | *Arminho*, broch.
- | *Lisboa no Ano Três-Mil*, 1 vol.
- | *Prosas Modernas*, selecta, 1 vol.

### LINGUÍSTICA

- Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vol.
- Lições Práticas da Língua Portuguesa* 3 vol.
- Falar e escrever*, 3 vol.
- Estrangeirismos*, 1 vol.
- Problemus da Linguagem*, 1 vol.
- O que se não deve dizer*, 1 vol.
- Manual da Ciência da Linguagem*, trad., 1 vol.
- Subsídios para um Dicionário Geogr.*, broch.
- Tosquia de um Gramático*, broch.
- O Golpe de Misericórdia*, broch.

### POLIGRAFIA

- História Universal*, 1 vol.
- História de Portugal*, 1 vol.
- Manual de Geografia Moderna*, 1 vol.
- A Liberdade de Indústria*, 1 vol.
- O Município e a Descentralização*; broch.
- Generalização da História do Direito Romano*, broch.

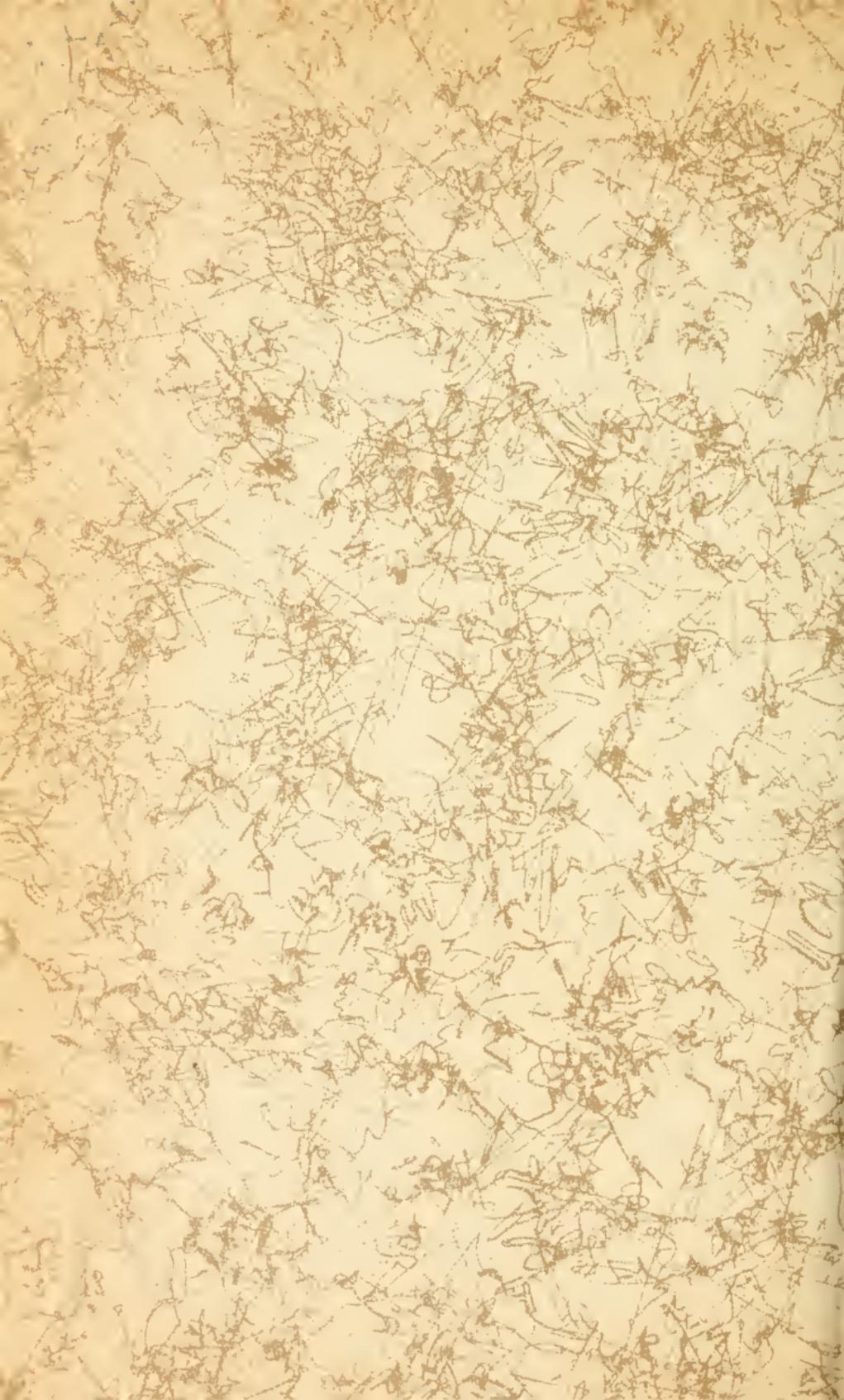
- Rudimentos de Direito Civil, Direito Públíco, Direito Administrativo e Economia Política*, 4 vol.
- Manual dos Jurados*, broch.
- Usufruto e Fideicomisso*, broch.
- O Governo Civil de Vila-Real*, broch.
- Um Bucharel em Mística*, broch.
- O Direito Penal na Índia*, broch.
- Moral para todos*, (trad.), 1 vol.
- Rudimentos de Literatura*, 1 vol.
- Manual dos Direitos e Deveres*, 1 vol.
- Pequeno Dicionário de Latitudes e Longitudes*, broch.
- Primeiras Linhas de Corografia*, broch.
- Noções de Geografia Antiga*, broch.
- Episódios e Figuras Célebres da História de Portugal*,  
1 vol.
- Notícia Histórica dos Antigos Povos do Oriente*, 1 vol.
- A Bula da Cruzada*, broch.
- O Conselho Superior de Instrução Pública*, 3 vol. brochados.
- Recapitulação da História das Literaturas*, broch.









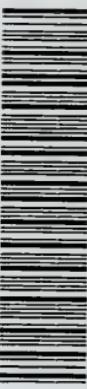


PQ  
9261  
F52P4

Figueiredo, Cândido de  
Peregrinações  
Ed. definitiva

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D	RANGE	BAY	SHLF	POS	ITEM	C
39	10	06	01	08	009	9